

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Arte Marcial Chinesa: estudo de caso

Pedro Perroud Palma

São Paulo

2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Arte Marcial Chinesa: estudo de caso

Pedro Perroud Palma

São Paulo

2021

PEDRO PERROUD PALMA

Arte Marcial Chinesa: estudo de caso

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e do Esporte.

Orientador:
Prof. Dr. Walter Roberto Correia

São Paulo

2021

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Palma, Pedro Perroud

Arte marcial: chinesa: estudo de caso / Pedro Perroud Palma. --
São Paulo : [s.n.], 2021.

106p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Esporte
da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Walter Roberto Correia

1. Artes marciais 2. Educação física (Pesquisa) 3. Esportes
I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: PALMA, Pedro Perroud

Título: Arte Marcial Chinesa: estudo de caso

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Data: ___/___/___

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Agradecimentos

Aos mestres colaboradores do estudo, que demonstraram interesse e disponibilidade para contribuir com seus conhecimentos e tornar possível o desenvolvimento do presente trabalho.

Aos membros da banca avaliadora da minha qualificação, que empreenderam um evidente esforço para possibilitar a construção de um trabalho científico de qualidade.

Ao meu orientador, Professor Doutor Walter Roberto Correia, por sua indiscutível maestria como tutor e dedicação como companheiro nessa trajetória.

Ao Grão Mestre Leo Imamura, pela confiança, acolhimento e generosa contribuição ao me oferecer a oportunidade de acessar a inestimável riqueza dos conteúdos tradicionais do sistema Ving Tsun.

RESUMO

PALMA, P. P. **Arte Marcial Chinesa: estudo de caso**. 2021. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2021.

O presente empreendimento investigativo se caracteriza como um estudo de caso, cujo objetivo é analisar o significado da prática na transmissão do sistema Ving Tsun de Kung Fu na perspectiva de mestres da Moy Yat Martial Intelligence. Primeiramente, a introdução relata de forma detalhada as relações entre o pesquisador e o objeto de estudo dentro do contexto mais amplo das artes marciais. A justificativa para a escolha do tema se baseia na hipótese de que a referida instituição apresenta uma abordagem diferenciada, do ponto de vista da pedagogia do movimento do corpo humano, para transmissão do sistema Ving Tsun. Com o intuito de fundamentar a relevância dessa temática para produção de conhecimentos na Educação Física, em específico no domínio das Lutas, Artes marciais e Modalidades Esportivas de combate, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre os aspectos históricos, socioculturais, conceituais e acadêmicos dessas práticas corporais. Como metodologia, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com representantes indicados pela instituição, sendo utilizada a técnica de análise de conteúdo para tratamento dos dados. A partir da análise dos dados coletados, foi possível constatar que houve correspondência entre os conteúdos apresentados pelos entrevistados e os discursos proferidos pela instituição, apontando para um consenso sobre o significado da prática dentro do processo de transmissão do sistema Ving Tsun de Kung Fu.

Palavras chave: Ving Tsun; Kung Fu; Artes Marciais; Movimento do Corpo Humano.

ABSTRACT

PALMA, P. P. **Arte Marcial Chinesa: estudo de caso**. 2021. 106 f. Master Thesis – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2021.

The following investigation consists in a case study on which the objective is to analyze the meaning of the practice in transmitting the Kung Fu Ving Tsun system from the perspective of Moy Yat Martial Intelligence masters. First, the introduction details the relationships between the researcher and the object of study within the broader context of martial arts. The theme was chosen based on the hypothesis that the referred institution presents a different approach in the perspective of the human body movement pedagogy in transmitting the Ving Tsun system. In order to support the relevance of the theme for the production of knowledge in Physical Education, especially in Fight, Martial Arts and Combat Sports Modalities field, a bibliographic survey was conducted on the historical, socio-cultural, conceptual and academic aspects of these physical practices. In terms of methodology, semi-structured interviews were applied with exponents indicated by the institution, using the content analysis technique for data treatment. Based on the analysis of the collected data, it was possible to verify a correspondence between the contents presented by the interviewees and the speeches given by the institution, leading to a consensus about the meaning of the practice within the transmission process of the Kung Fu Ving Tsun system.

Key words: Ving Tsun; Kung Fu; Martial Arts, Human Moviment.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. JUSTIFICATIVA.....	11
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
3.1. Arte Marcial: aspectos conceituais.....	18
3.2. Arte Marcial: cultura e sociedade.....	24
3.3. Arte Marcial: um objeto para a educação física e o esporte.....	26
3.4. Arte Marcial Chinesa: Kung Fu	28
3.5. Arte Marcial Chinesa: sistema Ving Tsun de Kung Fu.....	38
4. METODOLOGIA	42
4.1. Pesquisa Qualitativa	42
4.2. Estudo de caso.....	43
4.3. Entrevistas	44
4.4. Análise de Conteúdo	45
5. ENTREVISTA COM OS MESTRES	47
6. ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	86
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	100
Anexo: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	105

1. INTRODUÇÃO

Primeiramente, devo apresentar algumas considerações preliminares que julgo serem indispensáveis para justificar a escolha do tema. Para tanto, farei uma descrição detalhada da minha relação com o objeto de estudo, de modo a sustentar, em uma perspectiva pessoal e acadêmica, sua relevância dentro da conjuntura na qual se insere, bem como elucidar a proposta do presente estudo.

Começarei tecendo um breve relato da minha experiência no Ving Tsun Kung Fu (Arte Marcial Chinesa), assim como da trajetória acadêmica que me conduziu ao meu tema do mestrado. Nesse sentido, vale apresentar os motivos que me levaram a buscar, dentro da universidade, os conhecimentos científicos necessários para uma abordagem mais crítica sobre algumas questões fundamentais que permeiam o universo das artes marciais.

Devo esclarecer, de antemão, quando me refiro ao apreço que tenho pelo assunto, que esse interesse se iniciou antes mesmo de meu ingresso na universidade. Comecei a praticar o Estilo Goju 剛柔流 (Força e flexibilidade) de Karatê-Do 空手道 (Caminho da mão vazia) aos 11 anos de idade, modalidade na qual sigo estudando e me aperfeiçoando desde então. No decorrer dos anos de prática, partindo de um estreito convívio com meu mestre, pude desenvolver uma visão muito particular sobre as artes marciais e sua importância para o aperfeiçoamento pessoal.

Essa visão ampliada de “experiência marcial” me levou a questionar o papel das artes marciais enquanto modalidades de caráter formativo, com implicações no desenvolvimento de capacidades relevantes tanto no âmbito do bem-estar individual como coletivo. Comecei então a procurar um espaço que pudesse acolher meus anseios por uma abordagem diferenciada.

Iniciei o curso de graduação em Educação Física com o objetivo de adquirir um conjunto de conhecimentos teórico/práticos que me levasse a desenvolver o repertório profissional necessário para me tornar um professor de artes marciais competente. Nesse sentido, a experiência como praticante me guiou o olhar aos assuntos acadêmicos relacionados a essa temática, além de fundamentar, em certa medida, uma concepção particular de corpo e motricidade humana.

Por outro lado, vale ressaltar que ao longo do processo de graduação, o contato com o conhecimento científico também contribuiu para o desenvolvimento de uma visão mais crítica e analítica sobre os conteúdos praticados ao longo dos anos como artista marcial. A possibilidade de desafiar o mundo conhecido e de desmistificar alguns pressupostos

alimentados pelo senso comum me impulsionou na busca por conhecimentos que o ambiente da prática não era capaz de prover.

Algumas referências adquiridas ao longo do curso de graduação, me levaram a identificar e questionar as relações existentes entre as habilidades motoras e o contexto sociocultural do qual elas se originam. Aqui vale mencionar alguns autores que contribuíram significativamente para o estabelecimento dessa base teórica, consolidando uma visão de corpo e movimento que, a meu ver, se coaduna à concepção apresentada em algumas abordagens das artes marciais.

Primeiramente, destaco os conhecimentos acerca do desenvolvimento e da aprendizagem motora. A partir do modelo desenvolvimentista, sobretudo com base na teoria de desenvolvimento motor proposto por Gallahue, Ozmund e Goodway (2013) e Tani (2008), passei a entender o movimento como um fenômeno multidimensional, que não se resume somente à dimensão motora propriamente dita, mas que também agrega aspectos cognitivos, afetivo-sociais e atitudinais.

Quanto aos aspectos educacionais, como ressalta Mariz de Oliveira (1991), cabe ao profissional de Educação Física “educar sobre o movimento”, uma vez que ele participa de todas as atividades cotidianas e não se limita somente ao ambiente reservado à prática de atividades físicas. Em outra perspectiva, Tani (2011) defende a “aprendizagem do movimento”, “através movimento” e “sobre o movimento”, evidenciando a complexidade do corpo humano enquanto um sistema aberto, que interage de forma dinâmica com o ambiente que o cerca.

O mesmo autor acrescenta que o professor de Educação Física não deveria ensinar uma “técnica” específica de movimento, pois a simples repetição de um gesto estereotipado prejudica a adaptabilidade, fator este fundamental nos sistemas abertos. Em contrapartida, mostra-se pertinente que o professor ofereça ao aluno condições para explorar sua potencialidade motora a partir de uma prática variada, levando ao desenvolvimento de um padrão de movimento que, embora semelhante a uma técnica, adquira características individuais com macroestrutura consistente e microestrutura variável. (Tani, 2011)

Ainda na etapa da graduação, a busca por conhecimentos acerca das artes marciais me levou a estabelecer contato com o professor Walter Roberto Correia, para discutirmos sobre algumas possibilidades de estudo nessa área. Foi na etapa da iniciação científica, cujo tema envolveu um conteúdo específico da arte marcial Karatê-do, que comecei a adentrar o universo acadêmico e perceber as características distintivas do pensamento científico em relação a outras formas de saber. Além disso, foi esse primeiro contato que despertou a minha curiosidade e o interesse em fazer pesquisa sobre as artes marciais, bem como me apresentou o atual estado de

desenvolvimento acadêmico no domínio das Lutas, Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate (L/AM/MEC). Sendo assim, o início dessa trajetória surgiu como uma oportunidade para atender a uma demanda específica de conhecimentos dessa natureza na subárea de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano dentro da Educação Física; especialmente no domínio das L/AM/MEC (Lutas, Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate).

Posteriormente, passei por outra experiência que foi determinante para a escolha do que viria a ser mais tarde meu tema de mestrado. Refiro-me à minha participação como aluno da disciplina intitulada Arte Marcial Chinesa: Cultura e Movimento, tendo como responsável meu orientador de iniciação científica e do trabalho de conclusão de curso. A criação dessa disciplina teve o propósito de estabelecer uma ponte acadêmica com a arte marcial Kung Fu, proporcionando uma troca de saberes entre esses dois universos, além de oferecer uma experiência diferenciada do ponto de vista da pedagogia do movimento do corpo humano. Foi nela que entrei em contato, pela primeira vez, com o Sistema Ving Tsun, um sistema de Kung Fu com características específicas que me atraiu a atenção por sua particularidade.

Conforme pude notar ao longo das aulas, o aprendizado do Ving Tsun decorre de uma forma de ensino não-diretivo, que caracteriza um processo experiencial do praticante frente ao conteúdo oferecido, de modo que ele tenha que empreender um esforço pessoal para sua exploração e interpretação. Consequentemente, o entendimento de uma ideia se origina na experiência corporal, que estabelece uma ponte entre a teoria e a prática.

Ainda em relação às atividades desenvolvidas, algumas expressões como “Vida Kung Fu”, “Feminilização da Guerra”, “Inteligência Estratégica”, “Combate Simbólico” e alguns elementos do “Pensamento Chinês” apareceram de forma recorrente e figuravam como conceitos ou noções fundamentais para estruturação do conteúdo apresentado. Devo admitir que, do ponto de vista de um praticante de outra modalidade, as informações com as quais me deparei apresentaram vários contrastes em relação aos meus conhecimentos prévios. Desta forma posso considerar que, em certa medida, minha relação com os diferentes elementos observados me aproxima da condição de um leigo, salvo as prováveis transferências e interpretações decorrentes da minha experiência com outra modalidade.

Segundo o professor responsável pela disciplina, a Instituição Moy Yat Ving Tsun Martial Intelligence (MYVTMI) serviu de referência para elaboração e configuração do conteúdo oferecido. Conforme pude concluir a partir de minhas observações nas aulas e após sucessivas conversas com meu orientador, a MYVTMI parece contribuir com uma visão

diferenciada na forma de abordar os conteúdos do sistema Ving Tsun para a transmissão e desenvolvimento do Kung Fu.

Os conceitos e noções mencionados me despertaram curiosidade para tentar entender mais a fundo sua associação com os elementos práticos, bem como seu papel no processo evolutivo dos praticantes de Ving Tsun. A fim de averiguar como a relação entre a teoria e a prática do sistema Ving Tsun se concretiza no contexto da Instituição MYVTMI, assim como verificar de que forma essa abordagem pode contribuir com seu diferencial no processo de desenvolvimento dos praticantes, concordamos – eu e meu orientador – com a proposta de realizar um estudo de caso da referida instituição, constituindo o meu projeto de mestrado.

A partir dessas considerações, podemos especular que a Moy Yat Ving Tsun Martial Intelligence representa um caso singular quando comparada a outras instituições, escolas ou academias que se apropriam dessas manifestações culturais dentro do universo das L/AM/MEC. Em vista de sua suposta particularidade e relevância no contexto mais amplo das artes marciais, o objetivo do presente estudo é analisar o significado da prática no processo de transmissão do sistema Ving Tsun na perspectiva dos mestres da Moy Yat Ving Tsun Martial Intelligence.

2. JUSTIFICATIVA

A disciplina Arte Marcial Chinesa: Cultura e Movimento, me despertou certo estranhamento e curiosidade frente às qualidades distintivas do conteúdo apresentado, sobretudo no que se refere ao contraste que pude observar entre o Ving Tsun Kung Fu e as outras artes marciais com as quais tive contato. Deste modo, me motivou a verificar na prática como o sistema Ving Tsun é abordado na perspectiva da MYVTMI. Após escolher a MYVTMI como unidade-caso, planejamos uma aproximação inicial para estabelecimento de um contato mais profícuo com o contexto da instituição, de modo a subsidiar um posicionamento preliminar sobre a realidade a ser estudada.

Vale ressaltar que, nesse primeiro momento, encontramos dificuldade de acessar conhecimentos científicos academicamente estruturados - não somente sobre o Kung Fu, mas no domínio das artes marciais como um todo - para elaboração do referencial teórico. A maior parte do material consultado se resumiu a alguns capítulos de livros referentes à história das artes marciais e do Kung fu, evidenciando a importância de um investimento que contribua com conteúdos dessa natureza. Quanto ao Ving Tsun, encontramos ainda menos referências, sendo que uma quantidade significativa da informação obtida foi encontrada no banco de dados virtuais da Moy Yat Ving Tsun Martial Intelligence.

O primeiro contato com a instituição se deu a partir de um mapeamento que visou captar os elementos relativos ao ambiente físico - configuração espacial, os objetos e seus significados associados (ambiência objetiva) - bem como observar as interações pessoais entre os membros da comunidade, principalmente em relação aos conceitos e noções que participam da convivência e se circunscrevem na ideia de “Vida Kung Fu” (ambiência subjetiva). A “ambiência objetiva” e a “ambiência subjetiva” constituem um espaço e uma dinâmica social carregados de propósito, ou seja, estruturados de modo a promover uma experiência que corresponda ao desenvolvimento do Kung Fu em seu mais amplo sentido e significado.

Na primeira visita, o primeiro aspecto a me chamar atenção por sua particularidade foi o portão de entrada. De imediato, percebi ser completamente diferente de qualquer outra acadêmica com a qual eu tive contato, uma vez que não apresentava nenhum tipo de informação sobre a instituição, suas propostas ou atividades. Normalmente as academias de artes marciais tradicionais dispõem de placas que anunciam o espaço com uma breve descrição a seu respeito, tendo como principal objetivo estabelecer contato com possíveis interessados pela prática da

modalidade. Nesse caso, nada disso se mostrou presente, se não um pequeno logo da instituição desenhado em um portão semelhante ao de uma “casa residencial”.

O primeiro aposento do interior da casa consiste em uma grande sala com bastante espaço livre, local onde provavelmente são realizadas as práticas do Sistema Ving Tsun. Pude perceber que os materiais ali presentes estavam cuidadosamente organizados, contendo elementos que remetiam tanto a cultura chinesa como à história daquela instituição. Nesse aspecto, fizeram-se notar quadros e escrituras em caracteres chineses, além de uma mesa que se destacava frente aos demais objetos no centro da parede de fundo. Em seguida, fomos conduzidos pela porta à direita e entramos em uma grande cozinha de aspecto comum, no estilo de qualquer cozinha residencial. Admito que a presença desse estabelecimento em um espaço voltado a prática de artes marciais me pareceu algo completamente estranho e peculiar, embora despertasse a sensação de um ambiente familiar.

Em seguida, uma mestra qualificada pela instituição me acompanhou ao escritório particular do Grão-Mestre, dentro do qual observei uma mesa típica de escritório e mais alguns objetos que, aparentemente, também pertencem à cultura chinesa ou ao legado histórico da instituição. Logo ao lado, também à esquerda do corredor, fui introduzido à sala de reuniões, ambiente que me despertou curiosidade, uma vez que não é comum observar esse tipo de espaço dentro de academias tradicionais de artes marciais.

Mais tarde, acompanhado pelo Grão Mestre, fui convidado a entrar em um aposento mais reservado, onde se encontravam diversos objetos tradicionais da cultura chinesa; dentre outras coisas, como é o caso de um quadro de “pintura sumiê” (técnica originalmente japonesa). A maioria desses objetos se posicionava sobre prateleiras dentro de uma estante de vidro, denotando um esforço no sentido de preservar o que, supostamente, deve possuir inestimável valor e representar, pelo menos em parte, a herança deixada pelos ancestrais das gerações anteriores dessa linhagem.

Ainda no que se refere a esses elementos tradicionais, descreverei - segundo relatos de alguns mestres da instituição – materiais que representam, do ponto de vista de seus significados, dispositivos de grande importância para composição da “ambiência objetiva”. Nesse sentido, darei ênfase para aqueles que figuram como as principais referências da linhagem e do sistema, aparecendo logo no início das falas dos mestres. Segundo pude observar durante a aproximação inicial e conforme consta no depoimento dos mestres, esses elementos estão associados a alguns “rituais” que os praticantes realizam como forma de respeito aos ancestrais da linhagem, além de representar um esforço para garantir a salvaguarda da tradição cultural e do conteúdo teórico/prático do sistema Ving Tsun.

O salão de prática parece concentrar alguns dos materiais de maior importância para composição da “ambiência objetiva”. Primeiramente, a mestra mencionada anteriormente me apresentou a um conjunto de “placas” situadas acima da mesa ancestral, encostada na parede de fundo da sala. Segundo consta em seu depoimento, elas representam cada geração familiar desde a fundadora do estilo Ving Tsun, alinhadas da direita para a esquerda, até a geração de Ip Man (mestre do Patriarca Moy Yat). Por estarem posicionadas acima da mesa ancestral, imagino que sejam de fundamental importância em meio à conjuntura de símbolos e imagens que compõem o espaço.

Na sala de reuniões, a mestra apresentou um belo livro de capa grossa que me chamou atenção para alguns ideogramas estranhos presentes nela, diferentes de qualquer escrita oriental com que tive contato. Ela me explicou que os ideogramas se tratavam de chinês arcaico e que o livro consiste em um registro histórico de todas as “famílias Kung Fu” e praticantes descendentes do Patriarca Moy Yat. Posteriormente, outro mestre complementou que aquele documento é original de Hong Kong, destacando o reconhecimento internacional da Linhagem Moy Yat como entidade responsável por assegurar a salvaguarda e transmissão do sistema.

Uma vez que me foram apresentados, logo de início, elementos referentes à genealogia do sistema Ving Tsun, arrisco dizer que esses dispositivos históricos aparentam ser de primordial importância para configuração do sistema enquanto uma manifestação cultural, cujo entendimento depende de sua contextualização dentro de uma comunidade com características muito particulares.

No segundo dia de visitação, quando questionada sobre a ambiência objetiva, a mestra se referiu   institui o pelo nome de Mo Kun (Mo= Marcial Kun= Casa). Uma vez dentro, novamente, do salão principal, o primeiro material do espaço interno mencionado por ela foi o Jiu Pai (Jiu= Chamar Pai= Placa). Essa placa não aparece somente no interior do estabelecimento, mas também sobre a porta de entrada do lado de fora, cujo objetivo é anunciar a quem estiver entrando que o local pertence a uma “Família Kung Fu”. Esse termo fortalece a impressão que tive durante minha primeira aproxima o, quando me referi   institui o como um ambiente familiar. Novamente, vale frisar que em nenhum outro espaço de treinamento de artes marciais tive essa mesma experiência.

Em seguida, a mestra me apresentou os carimbos de pedra posicionados sobre a porta de entrada, do lado de dentro do aposento. Conforme seu relato, esses carimbos compõem selos chamados pela comunidade de “Kuen Kuits”, que cont m importantes “provérbios marciais” escritos em pedra de jade sobre a história do Ving Tsun, desde sua fundadora. Nesse caso, o conteúdo me remeteu a uma atitude de cuidado e valoriza o dos princípios e da história do

Ving Tsun pelos praticantes, além de evidenciar a presença de um forte componente artístico na confecção dos objetos.

O próximo material mencionado durante a conversa foi o Sam Toi (Mesa Ancestral). Segundo a mestra, este objeto não carrega um sentido religioso, entretanto, se associa a diversos elementos da cultura chinesa, sobre a qual se posicionam objetos com diferentes significados. Dentre eles, seguem alguns exemplos: objetos em cor vermelha (símbolo de abundância), flores – normalmente ameixeiras - (simbolizam a arte, o vínculo com o “feminino”, a China e as etnias do povo chinês), um incensário (o incenso simboliza o conteúdo imaterial deixado pelos ancestrais), chá oferecido aos ancestrais (segundo a lenda, durante a peregrinação os antigos tinham que beber água das folhas para sobreviver), envelopes com valores simbólicos (representa a gratidão dos praticantes pelo legado), frutas e doces como oferendas para os ancestrais, dentre outras coisas.

Na parede do lado direito da sala, encontram-se vários quadros enfileirados do Patriarca Moy Yat em diferentes contextos. A mestra explicou que essa disposição traz a ideia de Mom Man (Mom= erudito, Man= combativo), uma vez que alguns quadros retratam o mestre em posições de combate, enquanto outros realizando obras artísticas ou convivendo em ambientes cotidianos diversos. O conjunto busca expressar as duas qualidades opostas e complementares do guerreiro, característica também presente em outras modalidades de artes marciais, conforme pude observar ao longo da minha trajetória.

No que se refere ao ambiente externo, descreverei primeiro o “boneco de madeira”. Segundo um dos mestres da instituição, o boneco só pode ser utilizado pelo praticante depois de certo tempo de prática, uma vez concluídos os domínios precedentes. Sendo assim, consiste em um dispositivo para refinamento das mãos livres, a fim de desenvolver o Kung já vivenciado. Ainda segundo o mesmo mestre, o boneco pode ser utilizado para estudar diferentes possibilidades de movimentos com os braços e as pernas. É formado por material de madeira flexível e, no caso dos ramos, preserva certa rugosidade (constatação a partir de uma conversa entre o Grão-Mestre e um discípulo), sendo capaz de absorver e devolver o impacto, de modo a se transformar em um “objeto vivo” que reage aos movimentos e oferece “respostas” aos praticantes. Além disso, também de acordo com o depoimento, o professor é capaz de perceber a intenção do aluno (atitude mental) pelo barulho do golpe desferido.

Após uma breve conversa com um praticante, entramos novamente no salão de treinamento e conheci outro mestre, que se prontificou a me falar um pouco sobre alguns aspectos da “ambiência objetiva”. Além de complementar a fala dos outros mestres, acrescentou que toda a configuração do espaço participa da criação de uma “atmosfera” apropriada para

prática do Ving Tsun, levando o praticante a adotar uma atitude física e mental que possibilite ao professor conduzir o processo de desenvolvimento dentro da lógica do sistema. Nesse sentido, esse mestre endossou a fala da mestra, quando havia me explicado que a ambiência objetiva envolve uma intencionalidade, apontando para implicações naquilo que a comunidade chama de “ambiência subjetiva”.

A ambiência subjetiva - uma vez condicionada pelo arranjo espacial com todos os elementos mencionados anteriormente – estabelece um forte vínculo com o conteúdo tradicional do sistema na perspectiva daquilo que os praticantes chamam de “Vida Kung Fu”. Essa expressão surgiu logo nas primeiras conversas com os membros da comunidade, sugerindo uma forma muito específica de conviver no contexto de uma “Família Kung Fu”. Nesse momento eu pude supor, do ponto de vista de um praticante de artes marciais que, para essa instituição, o Kung Fu não se resume à prática de um estilo ou sistema, mas representa uma forma de conviver e se relacionar dentro da instituição.

Ainda valendo da minha experiência, imaginei que esse exercício deve se expandir para fora do contexto da instituição. De forma análoga, outras modalidades também demonstram algo como uma “filosofia de vida” e, no que pesem as diferenças, parece corresponder em certa medida com a concepção apresentada na Moy Yat Ving Tsun Martial Intelligence. Por outro lado, diferentemente de qualquer outra academia tradicional que eu tenha visitado, na Moy Yat Ving Tsun Martial Intelligence a prática do sistema e a convivência cotidiana se misturam no exercício da Vida Kung Fu, de modo que essa transposição, observada também em outras artes marciais, ocorra naturalmente dentro do próprio ambiente marcial.

Ao longo das visitas exploratórias, percebi que durante a prática do Ving Tsun as pessoas interagiam em um contexto muito mais informal do que estou acostumado a presenciar em academias tradicionais. O conteúdo da prática também se mostrou diferenciado, mais parecido com um “estudo” de possibilidades que podem se manifestar no contexto dinâmico de um combate real. No caso de outras modalidades, as aulas costumam dispor de uma série de procedimentos normativos, que englobam desde vestimentas específicas, até gestos e atitudes padronizadas. Além disso, algo bastante comum em diversas academias ou escolas de artes marciais, são treinamentos que envolvem várias repetições de movimentos previamente estabelecidos pelo professor, tendo como principal objetivo o aprimoramento técnico ou proporcionar um ótimo desempenho esportivo.

Endossando essas observações, a mestra me explicou que a instituição não utiliza a palavra “aula”, uma vez que não realizam aulas convencionais com professores “ensinando” e alunos “aprendendo”, sendo preferível a designação de “prática”. Complementou, em seguida,

que trabalham dentro de uma concepção “orgânica”, trazendo à tona a ideia de “linha central” e a possibilidade de interpretações pessoais do sistema, algo que também difere das academias convencionais.

Posteriormente, outro mestre representante da instituição me convidou para conversar sobre as características do sistema, ocasião em que me serviu uma xícara de chá (gesto de cortesia e acolhimento). Se referiu aos domínios de prática (do iniciante ao avançado), às titulações (diferentes categorias de mestres) e à relação entre mestres e discípulos. Quanto ao último assunto, em específico, explicou que para se tornar um discípulo não basta ser somente praticante, mas precisa primeiro se habituar ao contexto da Vida Kung Fu e depois, em um ato cerimonial, passar a integrar a linhagem. Percebi, tanto no decorrer do diálogo como em outros momentos, a existência de terminologias muito específicas no que se refere a diferentes conteúdos do sistema, a exemplo das palavras “ambiência” (ambiente com intencionalidade) e “domínio” (“níveis” de prática). Isso reflete, a meu ver, a qualidade singular de uma comunidade que se preocupa em estruturar a linguagem, de forma a deixá-la alinhada aos seus conteúdos e propósitos.

Os levantamentos realizados sobre as ambiências “objetiva” (configuração espacial) e “subjetiva” (relações pessoais) endossaram a hipótese de que a Moy Yat Ving Tsun Martial Intelligence se apropria de forma muito particular dos conteúdos tradicionais do sistema Ving Tsun. No que se refere a esses conteúdos, destaca-se a importância da genealogia como um dispositivo histórico fundamental para manutenção, transmissão, atualização e inovação dos conhecimentos oferecidos pelas gerações anteriores. Outro aspecto que constitui uma característica distintiva em relação a outras modalidades é a existência de uma forte ligação entre a prática do sistema e a convivência cotidiana entre seus membros no contexto da “Vida Kung Fu”.

Os conceitos e noções apresentados também parecem caracterizar importantes referências dentro da proposição de transmissão do sistema, sobretudo no que diz respeito à organização e orientação dos conteúdos. Além disso, na perspectiva da Vida Kung Fu, podem ser transferidos, adaptados e ampliados a situações diferentes de um combate real, oferecendo subsídios para a adoção de um comportamento mais apropriado frente aos problemas vivenciados no dia a dia.

É importante destacar que, em vista da demanda pela produção de conhecimentos academicamente estruturados sobre as práticas de combate, conforme consta no estudo realizado por Franchinni e Correia (2010), um empreendimento dessa natureza pode atender não somente à demanda específica do campo das Lutas, Artes Marciais e Modalidades

Esportivas de Combate (L/AM/MEC), mas também contribuir com a área de Pedagogia do Movimento Humano, sobretudo em reconhecimento da relevância social dessas manifestações culturais. Sendo assim, partindo dessas considerações e com base nas observações realizadas, estabelecemos como pergunta norteadora do presente estudo a seguinte questão: Qual é o significado da prática no processo de transmissão do sistema Ving Tsun na perspectiva dos mestres da Moy Yat Ving Tsun Martial Intelligence?

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Arte Marcial: Aspectos Conceituais

As lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate surgiram ao longo da história nos mais variados contextos. Juntas, configuram um conjunto plural de práticas corporais incorporadas por diversas culturas. Remontando às suas origens, não conseguimos identificar um ancestral comum do qual descendem todas as modalidades difundidas no mundo contemporâneo, entretanto, suas primeiras manifestações datam de tempos anteriores à Era Cristã. Atualmente, grande parte dessas práticas está estruturada de forma a servir a sociedade globalizada e seus interesses mais diversos.

Apesar de modificadas e ressignificadas, traçando uma perspectiva ao longo da história, podemos pressupor que algumas de suas características se mantêm próximas às suas concepções originais. Alguns elementos de notável relevância, que estabelecem os alicerces de sua condição teórico/prática, compõem importantes aspectos a serem considerados na justificativa de suas proposições e objetivos.

Quanto à atribuição e produção de sentidos, pode-se afirmar que a temática das práticas de combate se apresenta de diferentes formas de acordo com as bases epistemológicas que propõem discuti-la. Sendo assim, encontramos diversas denominações de uma mesma prática, bem como um mesmo termo para representar práticas distintas, de tal modo que é inapropriado concebe-las com definições acabadas. É necessário se deslocar dos pensamentos instituídos sobre essas manifestações culturais a fim de compreendê-las como produtos de conceitos, juízos e verdades construídas por praticantes, acadêmicos ou mesmo por leigos. Embora diversas classificações possam ser encontradas na literatura, sobressaem-se denominações como: Artes Marciais, Lutas, Modalidades Esportivas de Combate e Jogos de Luta/Oposição (GONÇALVES, 2013)

O termo “arte marcial” remete a um conjunto de práticas corporais que se circunscrevem na noção denominada de “metáfora de guerra”, compondo um apanhado de técnicas passíveis de serem empregadas em situação de combate real, como o próprio termo “marcial” - relativo ao deus grego Ares – sugere (FRANCHINNI et al, 1996) . Em um âmbito mais geral, também podem insinuar um complexo de conhecimentos voltados para a guerra que podem ou não se caracterizar como uma luta corporal (ARAÚJO, 2012).

A palavra “arte” aponta para atividades que apresentam uma demanda expressiva, imaginária, inventiva, lúdica e criativa, compondo elementos que participam do processo de construção de certas manifestações antropológicas vinculadas às artes marciais; ao passo que a palavra “marcial”, na perspectiva do campo mitológico, abrange a dimensão conflituosa da natureza humana no mais amplo sentido, ultrapassando a proposta pragmática e utilitarista das manifestações militares de combate (FRANCHINNI; CORREIA, 2010). Conforme consta também na definição oferecida por Araújo (2012), a expressão “arte marcial” pode ser descrita da seguinte forma:

“... Como arte significa condição mais avançada da razão humana, aquilo que objetiva a criação, o novo, a vanguarda. E como marcial, significa atividade milenar que objetiva a guerra, ou se trata de conflito que se apresenta em antagonismo aos interesses do Estado, seja contra outro Estado, seja por conflitos internos, no sentido de tomada de poder do Estado, ou de separação, constituindo um novo Estado.” (pg. 15)

Ainda no que diz respeito ao simbolismo que a expressão “arte marcial” carrega, vale destacar a possibilidade de exploração da palavra “marcial”, como adjetivo que deriva do deus da guerra “Marte”. Para tanto, mostra-se pertinente evocar o mito do deus grego “Ares”, de modo a evidenciar a trajetória dessa importante figura histórica sob a luz de sua representação arquetípica. Essa perspectiva nos remete à transformação do deus grego na figura do deus romano Marte, dentro de um processo de desenvolvimento e amadurecimento que encontra seus paralelos na experiência humana do guerreiro.

Quanto ao início da história de Ares, evidenciam-se principalmente as características e traços de personalidade que diferenciam essa personagem dos demais membros do Olimpo, bem como situam seu papel dentro do Panteão e enquanto indivíduo que atravessa experiências significativas do ponto de vista do seu desenvolvimento. No que se refere às suas características, Ares se apresenta inicialmente como uma figura rejeitada tanto por seu pai (Zeus), como por todos os demais deuses do Olimpo. Isso se deve principalmente ao seu temperamento impulsivo, imaturo e apaixonado. Como deus da guerra, essa impulsividade se manifesta na forma de um comportamento extremamente violento, descomedido e imprevisível. Deste modo, seus feitos acabam quase sempre terminando em fracasso, com consequências devastadoras, o que resulta na reprovação de seu pai e, principalmente, de sua irmã, a deusa Atena. (ALVARENGA, 2007)

Ao lado de Ares, Atena representa outro aspecto da guerra, sendo reconhecida e respeitada – ao contrário de seu irmão – pela sua sabedoria, que na guerra se manifesta como

“inteligência estratégica”. Posto isso, tem-se que Ares representa o aspecto masculino (agressividade e impulsividade) e Atena o aspecto feminino (inteligência e controle). Apesar do comportamento agressivo e imaturo de Ares, sua trajetória também foi marcada por desafios e provações, haja visto que, devido aos fracassos com que se deparou, acabou recebendo diversos castigos e punições de Atena e Zeus, que contribuíram com o desenvolvimento da sua personalidade. (ALVARENGA, 2007)

Fazendo uma breve caracterização desse processo, é importante levar em consideração alguns detalhes de sua história que endossam essa lógica de desenvolvimento. Na perspectiva da psicologia analítica, os obstáculos com que Ares se defrontou evidenciaram o caráter imaturo (reflexo de sua rejeição) e incompleto de sua “psique”. Em outras palavras, essas qualidades fazem uma alusão ao homem que ainda não desenvolveu e integrou, no nível da consciência, seu lado feminino (Ânima). Torna-se claro, portanto, que Ares simboliza o masculino que, embora selvagem, apresenta a possibilidade do crescimento (fertilidade), ao passo que Atena simboliza o feminino que ainda não encontrou em Ares seu complemento. (ALVARENGA, 2007)

Somente em Roma que Ares – desta vez representado pelo deus Marte – passa a ser respeitado e integrado ao panteão de deuses romanos. Nesse contexto, representa a agressividade e impulsividade que outrora – em Ares - se manifestava de forma descontrolada, mas que na figura de Marte se revela como uma pulsão capaz de trazer ambas as circunstâncias da destruição e da renovação. (ALVARENGA, 2007; ABRAÃO; COSCODAI; SAGARDO, 2000). Deste modo, é possível traçar uma analogia entre o mito e a “psique” do guerreiro; que a princípio apresenta uma atitude imatura e selvagem, mas que traz consigo o potencial para leva-lo ao reconhecimento e elaboração dessa energia.

As práticas de combate adquiriram o status de “arte” ao transcenderem o caráter exclusivamente bélico, cujo único objetivo era garantir eficácia em combate. A partir desta transformação, desenvolveram “filosofias” baseadas em preceitos éticos e morais que também têm sido desconsiderados, por conta de outros propósitos ou finalidades para as quais elas passaram a se direcionar (FALCÃO, 2012).

Como exemplo dessa transformação, temos nas artes marciais japonesas o conceito de *Bujutsu* (técnica marcial) e o conceito de *Budô* (Caminho Marcial). Foi a fusão das funções práticas de autodefesa com outras qualidades mentais essenciais e necessárias para que sejam utilizadas de forma eficiente, que levou ao desenvolvimento do sufixo “Do” (Caminho). A partir dessa concepção, elas passaram a constituir um caminho de cultivo pessoal com o propósito de educar para a vida, trazendo mudanças fundamentais que contribuem para o

desenvolvimento da personalidade (BROWN; JOHNSON, 2000; REID; CROUCHER, 1983; FREDERIC, 1988; MALISEWSKY, 1996). Em meio a esse conjunto de práticas que compõem a noção de um “caminho marcial”, encontramos não somente as modalidades de origem japonesa, mas também algumas oriundas de outros locais que, embora não carreguem o sufixo “Do”, apresentam orientações “filosóficas” alternativas. (BROWN; JOHNSON, 2000)

De antemão, devemos ponderar sobre o pressuposto de que as artes marciais são dotadas de um “conteúdo filosófico”. Com essa afirmação, subentende-se que a existência de um corpo filosófico é capaz de garantir uma prática bem orientada ou benéfica aos seus praticantes. Conforme as considerações realizadas pelos sinólogos Cheng (2008) e Jullien (2000), a palavra filosofia representa o logos grego e não se alinha ao que foi produzido historicamente na cultura chinesa, sugerindo que seria mais apropriado se referir a esse conteúdo como tradições ou formas de pensamento. (CORREIA, 2015)

Entretanto, podemos admitir que nada impede as artes marciais de se submeterem à rigorosidade do pensamento filosófico ocidental (CORREIA, 2015) e, assim como sugere Mendonça (2016), utilizarem o ferramental filosófico para fins de questionamento ou desenvolvimento de uma determinada concepção de mundo. No mais, a ausência de um estatuto filosófico não torna uma modalidade mais ou menos relevante; ainda porque, em muitas dessas práticas observamos menção a valores e princípios que representam importantes mediadores das relações entre mestres e discípulos, embora não constituam uma doutrina filosófica propriamente dita (MENDONÇA, 2016).

As artes marciais refletem uma ampla variedade de expressões cuja origem não pode ser precisamente determinada. Embora alguns interlocutores defendam seu surgimento a partir de um mesmo ponto de partida, podemos encontrar práticas de combate oriundas de diferentes locais e contextos históricos (ANTUNES, 2016). A respeito de algumas afirmações categóricas que defendem a existência de uma origem comum entre os sistemas de lutas e artes marciais, devemos nos deter a uma generalização que possa obscurecer um entendimento mais abrangente dessas práticas sociais, uma vez que tende a simplificar e reduzir um fenômeno plural (CORREIA, 2015).

Exemplo desse equívoco é a ideia de que todas as artes marciais tem sua origem no “oriente”, quando se verifica a existência de uma ampla variedade de modalidades presentes no vasto e plural mundo “ocidental”. Existem registros que fazem referência a sistemas e práticas de combate elaboradas na Grécia, na América Central, nos povos Pré-Colombianos (Maias, Astecas e Incas) e na Europa Ocidental (CORREIA, 2016). No Brasil também se encontram dados que remontam a algumas manifestações ancestrais de lutas como: o Huka Huka (Alto do

Xingu), a Marajoara (Ilha de Marajó), a “Luta do derruba Toco” (Bahia e Minas Gerais), assim como outras manifestações provenientes do legado africano e afro-brasileiro, como o Maculelê, o Batuque e a Capoeira (COSTA, 2012).

O surgimento de práticas distintas em diferentes culturas não se restringe a um mesmo recorte temporal, mas se distribuem no decorrer da história ao longo do desenvolvimento da civilização humana. Também não permanecem estáticas no fluxo do tempo, continuando a se desenvolver ainda na atualidade, posto que a cultura é um elemento móvel e está sempre sendo ressignificada (ANTUNES, 2016).

A premissa de que as artes marciais são milenares é outra suposição que coloca em dúvida os conhecimentos de quem pronuncia esse tipo de afirmação. Nesse sentido, vale destacar que nem toda prática milenar se coaduna aos interesses e demandas da sociedade contemporânea, exigindo um posicionamento que pondere de forma crítica e reflexiva sobre as possibilidades de preservação, refutação, adaptação ou aperfeiçoamento do conhecimento tradicional (CORREIA, 2015).

As funções atribuídas às práticas de combate foram sendo transformadas ao longo desses diferentes momentos históricos, estabelecendo um contraste entre as manifestações do presente e do passado. Como dito anteriormente, em um primeiro momento os objetivos militares eram patentes e visavam, sobretudo, a resolução de conflitos corporais, fazendo predominar um conjunto de técnicas e formas de combate na perspectiva de dispositivos de guerra, que deveriam antes de tudo, garantir eficácia. Posteriormente, ocorreram dois fatos que modificaram de forma significativa essa função, sendo o primeiro a introdução de conteúdos filosóficos e religiosos no universo das artes marciais e, o segundo, o advento das armas de fogo (ANTUNES, 2016).

A partir desses dois eventos históricos, apareceram novos usos para os quais as práticas de combate passaram a se configurar. Com a modificação da sociedade, que se tornou mais organizada e menos violenta, as artes marciais também sofreram maior controle social e inevitavelmente entraram em um processo de ressignificação. Nesse contexto, surgiram diferentes funções que ainda se mostram presentes na sociedade atual, dentre as quais caracterizam-se às práticas voltadas ao esporte, lazer, educação e saúde (ANTUNES, 2016). A esportivização das artes marciais é exemplo vivo dessas novas formas e funções sociais. Dois movimentos fizeram-se notar nesse processo transformação, sendo eles a institucionalização dessas práticas - que caracterizou sua submissão às regras e formalidades do esporte - e a criação de novas modalidades de combate, a exemplo do Vale Tudo e do MMA (Mixed Martial Arts).

Uma função de grande relevância social decorrente desse processo diz respeito a sua dimensão educacional, como conteúdo pedagógico oferecido tanto pelo ambiente escolar (educação formal) como por outros espaços que se valem da mesma proposta. Como prática educativa, as modalidades de combate podem estimular o desenvolvimento de diferentes habilidades motoras e cognitivas, bem como a socialização, o combate ao estresse, entre outros benefícios (ANTUNES, 2016).

Por fim, vale citar que essas mudanças também colocaram em evidência os benefícios das práticas de combate para a saúde (ANTUNES, 2016), embora a literatura ainda careça de comprovação científica e as descobertas realizadas nesse sentido não sejam definitivas (CORREIA, 2016). Sendo assim, mesmo que essas práticas possam trazer benefícios físicos, psicológicos e terapêuticos para diferentes tipos de pessoas (crianças, idosos, pessoas com deficiência, etc.), é necessário lembrar que, na qualidade de uma atividade física, a negligência de suas especificidades pode contribuir com o aparecimento de lesões de diversas naturezas (FETT; FETT, 2019).

Em relação às presumíveis qualidades positivas creditadas à saúde e à educação de pessoas, podemos afirmar que essa premissa é plausível com a condição de que alguns critérios sejam respeitados, a fim de garantir qualidade na elaboração de programas de atividades físicas que envolvam as modalidades de combate. Além disso, para que esses objetivos sejam alcançados, o exercício dessas atividades deve perpassar o entendimento da complexidade que caracteriza cada indivíduo (CORREIA, 2016), no que se evidenciam alguns aspectos relativos às suas capacidades, vontades, valores e crenças.

Continuando no intuito de refutar algumas ideias afirmadas pelo senso comum, outra importante questão diz respeito à possibilidade de utilização dessas modalidades como ferramenta para “defesa pessoal”. A suposição de que as práticas de combate podem ser utilizadas para defesa pessoal perante o fenômeno da violência é passível de questionamento, ainda que consideremos ser possível dispor de algum tipo de conhecimento técnico em uma situação de perigo eminente. Portanto, é necessário elucidar que cada dispositivo a ser mobilizado em situação de combate físico deve contemplar as especificidades do contexto que o evoca. As L/AM/MEC foram elaboradas a partir de demandas socioculturais muito específicas, sendo improvável que possam resolver, por meio de soluções simples, os problemas complexos da vida cotidiana (CORREIA, 2015).

É importante que os profissionais responsáveis pelo manejo prático dessas modalidades ensejem esforços no sentido de destacar seu papel preventivo. Seria interessante privilegiar uma noção de “defesa pessoal ampliada” que transcenda a perspectiva estritamente técnica e

utilitária das práticas de combate. Para tanto, é pertinente oferecer aos praticantes subsídios que os possibilitem avaliar o potencial de risco de um dado cenário, buscando sempre estratégias que visem conter a própria agressividade e evitar o conflito, ao invés de adotar uma atitude de “remediação” frente à situação já instalada de combate corporal (CORREIA, 2015).

3.2. Arte Marcial: Cultura e Sociedade

Atualmente as artes marciais assumem uma importante posição na cultura contemporânea, permeando diversos espaços e instituições sociais. Podemos notar que essas elaborações culturais vêm sendo apropriadas por diferentes expedientes, tais como academias, associações, empresas, institutos, escolas, entidades filantrópicas e, no que pese sua relevância, por políticas públicas de educação, esporte e cultura. Nesse contexto, elas transcenderam a conotação de práticas restritas a pequenos grupos e adquiriram grande destaque social, agrupando uma ampla variedade de significados que encerram diferentes perspectivas do ponto de vista de suas funções e finalidades (CORREIA, 2016).

Ainda nesse tocante, temos que os valores estéticos e morais também passaram a ganhar espaço, contrastando com os antigos valores que priorizavam o combate. Dentre algumas manifestações que derivam das artes marciais, sobressaem-se as denominadas Modalidades Esportivas de Combate, que conforme mencionado anteriormente, consistem em configurações das práticas de luta vinculadas e sujeitas às instituições esportivas. Orientadas desta maneira, as modalidades de combate passam a incorporar aspectos e conceitos eminentes na atualidade, implicando em um rompimento com atributos enraizados nas artes marciais tradicionais e, portanto, na adoção de novos outros para os quais essas práticas passam a se conformar, como o espírito competitivo e de entretenimento (DEL VECCHIO; FRANCHINNI, 2006).

Em outra perspectiva, é necessário salientar que uma vez submetidas aos ditames da sociedade moderna, assumem valores que são manipulados por veículos formadores de opinião e de comportamento. Nesse contexto, a mídia passa a se apropriar de tal conteúdo e configurá-los conforme seus objetivos, associando a conduta de certos agentes ou atores sociais ao comportamento de uma determinada comunidade. Ao fazer uso desse tipo de linguagem, os diferentes interlocutores que pertencem ao domínio das lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate (L/AM/MEC) estabelecem vínculos com agentes públicos e legislativos

para mobilizar expedientes legais, normativos e jurídicos que possibilitem a prevalência de seus interesses (CORREIA; SOUZA; OLIVEIRA, 2013).

É no contexto da sociedade moderna que as L/AM/MEC passam a sofrer apropriação pelos veículos midiáticos, valendo destacar como exemplo desse processo o empreendimento global denominado de MMA (Mixed Martial Arts). Para melhor caracterizar esse fenômeno, segue uma breve caracterização apresentada por Costa (2012):

“As competições de Mixed Martial Arts (MMA) e de Ultimate Fighting Championship (UFC) são eventos contemporâneos que tentam traduzir uma lógica esportista nos combates. Os lutadores são tratados como atletas, recebem salários e prêmios e reproduzem um discurso com base em códigos de guerreiros samurais. Contudo, a prática, como critério de verdade, acaba por revelar discursos falaciosos”. (pg. 32)

Em contrapartida, atualmente as L/AM/MEC configuram como um componente curricular da educação básica, representando manifestações da “cultura corporal” e, deste modo, sendo inseridas como conteúdo da disciplina de Educação Física. Portanto, é papel da Educação Física Escolar ampliar as possibilidades de vivência e estudo da cultura corporal, democratizando o acesso ao conhecimento, à vivência e significação dessas práticas. (NASCIMENTO, 2008). Além disso, cabe a referida disciplina proporcionar um trato pedagógico que comporte aspectos da autonomia, criticidade, emancipação e construção de conhecimentos significativos no contexto da educação formal (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2010).

Do ponto de vista histórico, a Educação Física tem demonstrado uma tendência para interpretar as modalidades de combate na perspectiva da técnica, da performance e das implicações para a saúde. Mesmo valendo da importância dessas proposições, devemos admitir que elas não coadunam inteiramente com as características e demandas do espectro mais amplo das L/AM/MEC. O universo das artes marciais abrange um vasto repertório de práticas corporais que não pertence, na totalidade de suas concepções e significados, ao cenário contemporâneo. Esse universo de saberes carrega um conjunto de múltiplos conhecimentos, linguagens, tradições, rituais, habilidades e conceitos que reivindicam a ampliação de sua compreensão por parte de seus interlocutores para articulação com as demais organizações da sociedade (CORREIA, 2016).

Ainda segundo Correia (2016), as L/AM/MEC podem, por meio do estabelecimento de uma comunicação com os demais interlocutores dessas manifestações culturais, fazer ampliar e legitimar seus símbolos e, conseqüentemente, seus interesses. Nesse sentido, ele reitera as

relações estabelecidas com a Educação Física e o Esporte como um exemplo significativo dessas interfaces institucionais.

3.3. Arte Marcial: Um objeto para a Educação Física e o Esporte

Dentro do universo acadêmico, podemos encontrar diferentes atribuições referentes às práticas de combate do ponto de vista de seus significados e funções. Nesse contexto, ainda é comum que as “artes marciais” se vejam associadas à ideia de atividades milenares vinculadas a determinadas orientações filosóficas/religiosas; por outro lado, também são vistas como atividades físicas e esportivas que sofrem apropriação por instituições escolares e não-escolares (GONÇALVES, 2013).

Como objeto de investigação da Educação Física, passam a ser nomeadas, classificadas e interpretadas à luz do método científico, sendo responsabilidade dessa instituição conduzir esforços para produção de conhecimento; sobretudo no sentido de ampliar e aprofundar o entendimento sobre essas práticas, bem como estabelecer relações com outras áreas e subáreas do conhecimento (GONÇALVES, 2013). Vale destacar também que é responsabilidade da Educação Física, como campo sociocultural e institucional, dispor de ações profissionais e corporativas para intervenção e condução desse conteúdo. Nesse aspecto, a área tem demonstrado publicamente que seus interlocutores apresentam as condições necessárias para um manejo apropriado do amplo espectro das L/AM/MEC (CORREIA, 2015).

As práticas de combate constituem um objeto de saber passível de medição, avaliação e comparação que contribui para a produção de verdades provisórias, orientando a maneira de pensar, falar e agir sobre o assunto. Como consequência, elas passam a ser conhecidas, nomeadas e relacionadas de modo a favorecer o surgimento de diversas formas de entendimento. A possibilidade de entendê-las e executá-las a partir de diferentes perspectivas acaba acionando outras ciências, que se interessam e passam a reivindicar esses conteúdos (GONÇALVES, 2011).

Considerando o panorama no qual se veem inseridas as práticas de combate, Correia e Franchini (2010) apontam para a existência de uma espessa barreira entre o ambiente acadêmico e profissional, de tal forma que os profissionais atuantes na área ficam à deriva do senso comum, e os pesquisadores sem acesso aos elementos que deveriam ser trabalhados para melhor capacitar os graduandos em sua formação, mostrando-se extremamente escassos na proposta curricular em vigência. Nesse sentido, passo a apresentar alguns dados a fim de elucidar os

problemas e desafios presentes no universo acadêmico quanto à produção de conhecimentos relativos às L/AM/MEC.

Constata-se, conforme a proposição de estrutura acadêmica de Tani (1996), no que tange ao aspecto multidimensional característico das práticas de combate, que além da baixa produção existente em território nacional no domínio das artes marciais, a maior parte do material produzido pertence ao campo da pesquisa básica, o que implica em uma demanda por maiores investimentos em conhecimento aplicado, conforme citam os autores Correia e Franchinni (2010):

“Com base no levantamento efetuado foi possível analisar a produção acadêmica dos periódicos nacionais em Educação física sobre a temática L/AM/MEC, a partir dos quais identificamos uma significativa precariedade restritiva do conhecimento nas dimensões quantitativa e qualitativa. Como evidência, apontamos para a presença de poucas pesquisas de cunho aplicado do ponto de vista da intervenção profissional e sócio-educativa, cujo direcionamento esteve circunscrito num viés da Biodinâmica do Movimento Humano ou dos Estudos Sócio-Culturais da Educação Física em poucas manifestações da cultura corporal (e.g., Capoeira e Judô) relacionadas às L/AM/MEC.” (pg. 7)

Ainda de acordo com Franchini e Correia, no que se refere à pesquisa básica podemos verificar o predomínio de estudos conduzidos na subárea da biodinâmica quando comparada à subárea dos Estudos Socioculturais e Comportamentais do Movimento. Enquanto isso, as pesquisas de caráter aplicado - no que constam as subáreas de Pedagogia do Movimento Humano, Treinamento Esportivo, Administração Esportiva e Adaptação do Movimento Humano - somam aproximadamente 20% do total de trabalhos publicados (FRANCHINNI; CORREIA, 2010). Contudo, Franchini e Del Vecchio (2011), e um estudo realizado pela Revista Conexões (CAZETTO; LOLLO, 2010), demonstraram que houve aumento, tanto do ponto de vista absoluto como relativo, das publicações sobre L/AM/MEC nas últimas décadas.

O estudo realizado por Franchini e Del Vecchio (2011) investigou a produção acadêmica acerca das modalidades esportivas de combate (MEC). Segundo esse levantamento, a maior parte do material verificado pertence ao território do desempenho esportivo e do treinamento físico, sobretudo no que se refere aos fatores que influenciam o sucesso competitivo dos atletas, dentre os quais se fazem notar: os efeitos da coloração da indumentária e do local de organização das competições, as respostas orgânicas de lutadores frente aos esforços na competição e nos treinamentos, dentre outros. Esses estudos podem contribuir com a produção de conhecimentos aplicados pertinentes a diferentes áreas de intervenção, como: preparação física, técnica e tática, assim como gestão e organização esportiva.

É de vital importância que a Educação Física enseje esforços na direção das artes de combate a fim de superar os embates corporativos que gravitam em torno desse universo. Como proposta, seria pertinente que houvesse uma aproximação crítico-dialógica entre a perspectiva acadêmica e profissional, de forma que os diferentes agentes responsáveis pela dinamização e configuração desses fenômenos possam partilhar de mútuo respeito para o reconhecimento dos múltiplos saberes que constituem o complexo da diversidade cultural. Mediante a recorrente associação das L/AM/MEC com questões como saúde, defesa pessoal, valores, entre outros; cabe à Educação física - como profissão academicamente orientada – prover os conhecimentos necessários para lançar luz sobre essas e outras questões, bem como respaldar as ações de seus interlocutores, ainda que careça de uma apropriação minimamente satisfatória pela comunidade científica face ao dinamismo, à complexidade e à pluralidade dessas práticas (FRANCHINNI; CORREIA, 2010).

Um investimento mostra-se oportuno, sobretudo, no campo das pesquisas aplicadas, dentro da perspectiva de uma transformação didática e metodológica que busque garantir o cumprimento dos objetivos e promessas sociais. No mais, é indispensável que o manejo da linguagem tenha consensualidade, tanto no que diz respeito à comunicação interna entre seus protagonistas, como na divulgação do material a ser emitido para a sociedade (CORREIA, 2016).

Em meio à diversidade de modalidades e estilos que pertencem a esse universo, parece ser pertinente trazer o Ving Tsun Kung Fu – em vista de suas particularidades - como objeto de análise cujos conhecimentos e saberes parecem atender às demandas existentes no domínio das L/AM/MEC, sobretudo no que diz respeito a possibilidade de proporcionar um melhor entendimento dos sentidos e significados que permeiam e/ou se relacionam com as práticas de combate.

3.4. Arte Marcial Chinesa: Kung Fu

Antes de discorrer acerca do Kung Fu, cabe tecer alguns comentários sobre a precariedade do conhecimento científico encontrado no território nacional relacionado às artes marciais chinesas, em um âmbito mais geral. Nesse sentido, remontemos aos fatos históricos que nos possibilitem contextualizar alguns entraves para o desenvolvimento de pesquisas sobre essas manifestações culturais.

A partir do processo de globalização, as universidades chinesas sofreram importantes mudanças em virtude do surgimento de novas prioridades de estudo, uma vez que deveriam atender às demandas que caracterizam esse momento histórico. O surgimento desse novo contexto implicou no direcionamento do fundo monetário para pesquisas sobre questões postas como mais relevantes, repercutindo na falta de subsídios e investimentos em temas considerados “marginais”, ou menos importantes (como no caso das artes marciais). Outra dificuldade que vale a pena mencionar, se refere à especificidade das artes marciais como práticas caracterizadas por um tipo de conhecimento procedimental, que difere dos conhecimentos produzidos pelo método científico. Esse distanciamento, obviamente, não invalida a possibilidade de investimentos acadêmicos sobre o assunto, embora possa representar obstáculos que se dão a partir de diferentes motivos, com destaque para o conflito de interesses institucionais. (FILIPAK, 2012)

Um terceiro fator que contribui com as dificuldades existentes nesse território de pesquisa, corresponde a escassez de fontes materiais a servirem de referencial para fundamentar esses estudos, uma vez que a grande maioria dos conteúdos disponíveis são provenientes de momentos históricos específicos, enquanto vários outros períodos permanecem inexplorados e desconhecidos. Nesse contexto, as artes marciais chinesas mais recentes acabam sendo privilegiadas em detrimento a outras que surgiram em tempos anteriores. No mais, as configurações mais recentes dessas práticas de combate se modificaram a partir da incorporação de diversos elementos – dentre os quais se fazem notar os conteúdos de natureza filosófica ou religiosa – que carecem de investigação para verificar como essas relações se estabeleceram. (FILIPAK, 2012)

Por fim, observa-se também alguns problemas relativos à outras questões, a exemplo da falta de uma análise crítica e sistemática das fontes materiais e a dificuldade de tradução da língua chinesa (FILIPAK, 2012). Este último, especificamente, reflete o contraste que existe das diferentes visões de mundo entre o povo oriental e ocidental. Enquanto a escrita ocidental procura representar os “conceitos”, a escrita oriental se preocupa mais com os “processos”, haja visto que os ideogramas chineses costumam simbolizar um determinado fenômeno, em que a relação “verbo-substantivo” não se apresenta de forma dicotômica, mas sim integrada em um único caractere (AMES; HALLS, 2003). Contudo, para o presente estudo selecionamos um material de referência sobre o tema “Kung Fu”, que traduz com o mínimo de comprometimento o sentido e o significado original da escrita chinesa.

A origem cronológica do Kung Fu é bastante controversa. Não há registros que sustentem a relação de determinadas práticas de combate, que surgiram em diferentes

momentos históricos, com uso contemporâneo da expressão Kung Fu (功夫). Sendo assim, mostra-se mais apropriado explorarmos um pouco da mitologia chinesa e alguns de seus aspectos simbólicos, uma vez que tal conteúdo parece ser mais significativo enquanto representação que pode nos fornecer importantes referências sobre uma concepção ampliada de Kung Fu. No mais, esses elementos também devem contribuir com o estabelecimento de relações que melhor contextualizem o sistema Ving Tsun dentro do universo do Kung Fu e do “Pensamento Chinês”.

A mitologia chinesa nos apresenta a trajetória do Imperador Amarelo (Huang Di) e as batalhas que travou contra outros personagens de grande relevância para a história da China. Nesse sentido, vale destacar que tanto o Imperador Amarelo quanto outros elementos mitológicos são retratados como deuses ou criaturas mágicas (CHING; WEI; WALLS; WALLS, 1984). No entanto, o presente trabalho se detém a analisar o conteúdo simbólico e o respectivo significado a que o enredo nos remete.

Segundo consta em textos antigos, houve uma grande batalha entre Huang Di e Chi-You. Huang Di se apresenta como um deus guerreiro que comanda um grande exército, ao passo que Chi-You é relatado como um deus que pertence à raça dos gigantes, sendo estes violentos e furiosos. Apesar das diversas qualidades de Huang Di, Chi-You possuía poder e força incomparáveis, o que lhe garantia superioridade militar frente ao exército de Huang Di. Além disso, Chi-You tinha sob seu domínio um exército ainda mais poderoso que o de seu adversário, sendo composto por guerreiros maiores, monstros e animais. (CHING; WEI; WALLS; WALLS, 1984)

Detendo um poder de outra natureza, Huang Di acaba sendo intimidado pelas tropas de Chi-You e seu exército devastado frente ao poderio do inimigo. Chi-You ainda possuía poderes mágicos elementais que impediam o avanço dos aliados de Huang Di. Foi então, em meio à situação de desvantagem, que Huang Di recebeu a ajuda do deus do vento para criar um veículo capaz de atravessar as neblinas que cobriam o campo de batalha. (CHING; WEI; WALLS; WALLS, 1984)

Todavia, Chi-You ainda dispunha de aliados muito poderosos para ajuda-lo, como os deuses do vento e da chuva. Então, apesar dos esforços empreendidos por Huang Di, este se viu novamente forçado a recuar. Somente após sucessivas batalhas entre esses dois deuses, alternando momentos de vitórias e derrotas, que Chi-You recorreu a uma tribo de gigantes descendentes do deus da terra, chamada Kua-Fu. Conquistando a aliança desses poderosos seres, travou uma batalha acirrada e cruel com Huang Di. (CHING; WEI; WALLS; WALLS, 1984)

Foi nessa batalha, momento no qual Huang Di passava por grande dificuldade, que surgiu uma figura com cabeça de mulher e corpo de pássaro (CHING; WEI; WALLS; WALLS, 1984). Imediatamente, Huang Di se curvou em reverência numa demonstração de respeito. A deusa se apresentou como a “Dama Negra” (Dark Lady) e perguntou a Huang Di o que desejava, que por sua vez lhe respondeu que gostaria de vencer todas as suas batalhas. A partir desse momento, a entidade lhe revelou os segredos das artes marciais. (WALLS; WALLS, 1984; BIRRELL, 1993)

Após aprender como guerrear, Huang Di começou a adotar uma posição estratégica vantajosa, distribuir seu exército de forma conveniente e se movimentar com inteligência. Em seguida, descobriu cobre no monte Ku Wu e o utilizou na confecção de poderosas espadas de cor esverdeada e brilho intenso. Foi então, com a aquisição de novas armas e a disposição de uma estratégia de combate, que Huang Di derrotou definitivamente Chi-You. No local de sua morte, existe uma lagoa cor-de-rosa que, segunda a crença popular, consiste no sangue de Chi-You. Seu corpo foi enterrado junto a sua canga de suplício (salpicada de sangue), que se transformou em uma floresta de árvores com cores vermelhas. (CHING; WEI)

Na mitologia chinesa, existem poucas referências a deuses do sexo feminino. A “Dama Negra” parece compor uma dessas exceções, tendo alcançado notoriedade no período entre 400 e 600 anos depois de Cristo (BIRRELL, 1993). Como divindade representada por uma mulher, traz à tona os aspectos femininos da guerra (ex: inteligência, estratégia, etc.), tendo ensinado esses princípios a Huang Di para vencer sua batalha derradeira contra Chi You. A inteligência estratégica passa então a ser sua grande aliada, evidenciando a eficiência da conduta feminina quando associada ao poder militar do guerreiro (CHING; WEI). Portanto, a ideia de “feminilização da guerra” (GALVANI, 2001) parece simplesmente resgatar importantes aspectos e valores que, desde muito antigamente, eram tidos como fundamentais para conduzir à vitória nas batalhas.

No que se refere aos aspectos e características das artes marciais chinesas, devemos primeiramente nos ater à algumas classificações que se veem associadas a esse vasto conjunto de práticas de combate, embora como discutiremos a seguir, evidenciem pontos de vistas bastante contraditórios, sobretudo quando nos deslocamos para além das atribuições conferidas pela cultura popular.

De antemão, vale lançar um questionamento sobre a divisão amplamente aceita de duas variações dessas práticas chinesas: os estilos interno e externo. Essa distinção costuma recair sobre as diferenças “técnicas”, vinculando os estilos externos a movimentos mais agressivos e fortes, enquanto os estilos internos se concentrariam em movimentos mais suaves, no que se

evidencia a capacidade do praticante de utilizar a força do oponente contra ele mesmo, além da ênfase no cultivo da energia interior. No mais, outra característica de notável relevância é o estabelecimento de vínculos dessas práticas com aspectos filosóficos, morais ou religiosos. A exemplo disso, os estilos externos costumam ser associados ao budismo, enquanto os estilos internos se associam ao taoísmo. (HSU, 1998; STANLEY, 1997)

Esse conjunto de atribuições derivam de motivos que nada se relacionam às características do estilo em si. Ao que tudo indica, essas diferenças se originaram em um contexto de disputas e rivalidades – inclusive entre chineses e estrangeiros – que suscitou a comparação e promoção de um estilo em detrimento do outro. De acordo com diferentes manuscritos de artes marciais, as supostas qualidades que diferem os estilos interno e externo consistem em propriedades comuns a uma vasta diversidade de práticas de combate, não sendo portanto uma exclusividade de cada estilo. (HSU, 1998)

Portanto, parece que os apontamentos discutidos não caracterizam diferenças entre estilos (externo e interno), mas sim entre diferentes níveis de prática. Sendo assim, é muito mais coerente pensar que no nível inicial os movimentos se mostram mais grosseiros e agressivos, aspectos estes normalmente relacionados aos estilos externos, enquanto nos níveis mais avançados os movimentos adquirem suavidade e harmonia, características normalmente atribuídas aos estilos internos. (HSU, 1998)

De maneira semelhante ao equívoco que existe em torno dos estilos internos e externos, também vale discutirmos outra classificação, desta vez no que se refere à divisão entre os estilos do Norte e do Sul da China. Especificamente, uma expressão bastante utilizada quando se faz menção a essa divisão é a seguinte: “Punhos do Sul” e “Pernas do Norte”. Esta atribuição obviamente implica que os estilos do Sul usam predominantemente movimentos com os punhos, enquanto os estilos do Norte dispõem de movimentos com ênfase nos membros inferiores. (STANLEY, 1998)

A justificativa para essa classificação incide, de acordo com o dito popular, nas diferenças geográficas entre essas regiões. Nesse sentido, o Sul é marcado por territórios montanhosos constituídos de muitos aclives, declives e vales, o que supostamente demandaria mais a movimentação dos punhos; ao passo que o Norte possui mais planícies e espaço para movimentação, tornando pertinente a utilização das pernas. (STANLEY, 1998)

A título de esclarecimento, mostra-se necessário recorrermos aos motivos responsáveis por causar esse equívoco. A partir de algumas evidências históricas, é possível constatar que diversos estilos do Norte ou do Sul apresentam movimento ou técnicas que não correspondem às atribuições mencionadas; a exemplo disso, existem estilos do Norte que não utilizam somente

as pernas, mas também os braços. Aparentemente, essas classificações se basearam na observação de alguns poucos estilos, ou mesmo praticantes, cujas características acabaram sendo generalizadas a todos os demais estilos da região. Além disso, alguns dos estilos de referência nessa comparação parecem apresentar movimentos mais “acrobáticos”, representando, provavelmente, abordagens com tendências esportivas, não sendo portanto exemplo significativo para subsidiar uma descrição criteriosa das diferenças entre os vários estilos. (STANLEY, 1998)

Apesar das incoerências mencionadas, há pelo menos uma característica que parece ser comum entre diferentes estilos do Sul; que consiste na execução de golpes curtos em curtas distâncias. Entretanto, a associação de condições geográficas específicas à qualidades que demarcam nítidas diferenças entre o Norte e o Sul, caracteriza uma concepção simplista. Diversos fatores históricos devem ser considerados a fim de favorecer um melhor entendimento da pluralidade de práticas que se distribuem nas diferentes regiões da China. (STANLEY, 1998)

A expressão Kung Fu não corresponde, como dito anteriormente, a uma designação comum que remonta à origem de um conjunto extremamente plural de práticas de combate que se distribuem através do vasto território chinês e que surgiram em diferentes épocas ao longo da história. O termo “Wushu” parece ser mais apropriado para representar aquilo que se entende por arte marcial chinesa. Nesse sentido, é importante ressaltar que, com o passar do tempo, o Wushu sofreu diversas influências e modificações em seu processo de apropriação tanto pelo povo chinês, como pelo restante do mundo. Sendo assim, vale descrever um breve relato sobre essas mudanças que, conseqüentemente, repercutiram no surgimento de diferentes denominações e atribuições para essas práticas. (NIGEL, 1993)

A despeito da origem histórica das artes marciais chinesas, segundo a lenda elas se desenvolveram no monastério Shaolin, situado na montanha Songshang, durante a dinastia Tang (ad 618 - 907). Ainda de acordo com a lenda, o templo serviu de refúgio para rebeldes na época de domínio do povo Manchu, o que levou as autoridades a atearem fogo no templo. Entretanto, há relatos de que tanto os rebeldes como as forças imperiais usufruíram ambos da prática do Wushu. (NIGEL, 1993)

Com o passar do tempo, em decorrência das mudanças no estilo de vida e da expansão da comunicação no século XX, as artes marciais chinesas deixaram de lado o aspecto de práticas secretas e reservadas somente a pessoas, pequenos grupos ou territórios. Além disso, foi nos tempos modernos que o Wushu começou a ser praticado para fins terapêuticos, no que se destaca o Tai Chi Chuan como exemplo de modalidade que perdeu o caráter

predominantemente militar, passando a ser valorizada pelos benefícios relativos à saúde. (NIGEL, 1993)

À parte dessas tendências, um ponto importante a ser destacado foi o processo de apropriação do Wushu como possível ferramenta para promoção do nacionalismo chinês. Em vista do deslocamento de sua função como defesa pessoal para a função de defesa nacional, o termo Wushu (arte marcial) foi modificado para o termo Guoshu (arte nacional). Com essa nova conotação, o Wushu passou a ser enfatizado em sua perspectiva esportiva, voltada para o bem-estar físico e mental da nação. Esse movimento resultou na remoção do estigma violento que as artes marciais chinesas carregavam, adicionando um propósito voltado à produtividade. (NIGEL, 1993)

Durante o regime comunista, o Wushu sofreu uma série de modificações e padronizações que tinham em vista promover os ideais de defesa e desenvolvimento da nação. Essa nova configuração encobria a necessidade, por parte do Estado, de prevenir o surgimento de possíveis rebeliões, uma vez que os aspectos militares das artes marciais poderiam favorecer impertinentemente os rebeldes. (NIGEL, 1993)

Após a Revolução Cultural, o aumento de contato com o mundo ocidental despertou a possibilidade de fazer do Wushu um produto de mercado, de modo a contribuir com as relações exteriores e com o intercâmbio cultural. A partir desse momento, as práticas de combate chinesas passaram a ser conhecidas no exterior como Kung Fu, adquirindo novamente, portanto, outro formato. A China começou então a receber um número cada vez maior de estrangeiros que pretendiam aprender o Kung Fu, cuja prática prometia tanto benefícios em relação à defesa pessoal, como em relação à saúde. Além disso, as artes marciais chinesas passaram a compor os jogos locais e nacionais, além de outros eventos de exibição. Outro fenômeno que contribuiu para impulsionar e aumentar a popularidade do Kung Fu, foi a produção de filmes sobre as artes marciais chinesas. No mais, importante ressaltar também a inserção do Kung Fu nos programas de treinamento físico das escolas, passando a desempenhar um papel relevante na educação formal. (NIGEL, 1993)

Embora o Estado procurasse assegurar um padrão que atendesse aos seus ideais políticos, paralelamente surgiram diversas instituições privadas com o intuito de preservar o conteúdo tradicional dos diferentes estilos. Entretanto, apesar de todo o esforço empreendido para desmistificar e salvaguardar os ensinamentos ancestrais, isso não impediu que o efeito de disseminação e popularização dessas práticas provocasse o aparecimento de abordagens que se desvincularam das raízes mais tradicionais do Wushu. (NIGEL, 1993)

Somente a partir do século 20 que a prática das artes marciais chinesas foi amplamente resgatada e disseminada. Nesse contexto, essas manifestações culturais sofreram modificações, como dito anteriormente, em um movimento marcado por um forte viés político. A partir desse momento, algumas associações protagonizaram a promoção de diversos eventos com a temática do Kung Fu. As novas configurações das artes marciais chinesas não só anunciam sua função como prática para a defesa pessoal, como também prometem promover diversos benefícios físicos e mentais. (NIGEL, 1993) Além desses novos atributos, passaram a ser associadas – como dito anteriormente - a conteúdos “filosóficos” ou religiosos, dentre os quais se faz notar a influência do confucionismo e do taoísmo.

O confucionismo não pode ser considerado uma filosofia no sentido etimológico da palavra, que por sua vez tem relação com uma forma de enxergar o mundo racionalmente, a partir de uma atitude reflexiva. Outro equívoco normalmente cometido é a associação do confucionismo à ideia de uma doutrina, que têm como objetivo ensinar um conjunto de valores ou princípios a serem rigorosamente respeitados e seguidos. (NI, 2016)

Todavia, um estudo mais criterioso dos textos confucionistas mostra que o conteúdo presente nessas obras aborda uma visão de mundo com o propósito de fundamentar, organizar e sistematizar um conjunto de conhecimentos procedimentais, que favorecem- o indivíduo e a sociedade - a adoção de uma conduta adequada e eficiente mediante às diferentes situações que se apresentam. É com base nesses preceitos que surge, portanto, uma “Perspectiva Kung Fu”. Tal concepção não abarca somente as práticas de combate, como pensa o senso comum, mas um universo muito mais amplo de atividades que permeiam as diferentes esferas da vida cotidiana. (NI, 2016; NI, 2004)

Ao contrário da ideia de doutrina, o confucionismo propõe um conjunto de conhecimentos passíveis de interpretação individual, que podem ser adaptados de acordo com as demandas e necessidades de cada pessoa. Tais conhecimentos são de natureza prática, ou seja, seu entendimento pressupõe a educação do comportamento, algo que diverge substancialmente do pensamento clássico grego, que tem o intelecto como principal meio para o aprendizado e aprimoramento da personalidade humana. (NI, 2016)

Ademais, a moralidade não é tratada na condição de um valor absoluto que deve ser igualmente adotado por todos. Mostra-se, não obstante, como um dispositivo que visa subsidiar o indivíduo em seu processo de desenvolvimento, de modo a favorecer também um melhor convívio na sociedade. Nessa perspectiva, portanto, os próprios conceitos de certo e errado deixam de fazer sentido, valendo somente a atitude que possa ser vista como apropriada (ou não) frente à determinada circunstância. (NI, 2016)

No confucionismo, um conceito de fundamental importância é estabelecido pelo ideograma REN, composto pelo caractere “pessoa” e pelo número “dois”. Pode-se abstrair dessa conjunção a necessidade do estabelecimento de relações interpessoais, a serem cultivadas para desenvolvimento e refinamento da personalidade e sua qualidade humana. Nesse sentido, os textos ressaltam a importância dos rituais (Li) e seus significados para manutenção e transformação da dinâmica social. Somente a partir da aderência a um conjunto de rituais e formas de conduta, que o conhecimento se torna encarnado e o comportamento uma expressão espontânea que emana do hábito adquirido. (NI, 2016)

Outra questão que vale ser mencionada, diz respeito à concepção confucionista da relação entre mestre e discípulo. Essa relação remete à forma como Confúcio ensinava seus discípulos dentro do contexto de uma educação informal, caracterizando um ambiente que difere da estrutura presente nos métodos mais convencionais. Em outras palavras, a partir dessa perspectiva o mestre e o discípulo devem compartilhar experiências cotidianas que participam do processo ensino-aprendizagem, mas que não se limitam a um espaço ou tempo com condições pré-estabelecidas. (NI, 2016)

Sendo assim, ambos passam a conviver e compor uma relação de ensino-aprendizagem não-diretivo, em que o aluno observa a conduta de seu mestre como um exemplo a ser seguido. Deste modo, o mestre prepara o território, oferecendo as condições para que os discípulos aprendam por eles mesmos. Por outro lado, o mestre pode intervir na medida das demandas e necessidades de seus discípulos, mas se detém a oferecer somente os meios para que eles possam seguir seus próprios caminhos. (NI, 2016)

Resumidamente, uma abordagem mais conveniente da “Perspectiva Kung Fu” remete ao sentido de “esforço eficiente” ou, mais especificamente, ao modo apropriado de se realizar um esforço no intuito de obter maiores benefícios de uma determinada situação. Para tanto, os textos enfatizam a necessidade de se comportar espontaneamente a partir de uma relação harmoniosa e integrada entre a mente e o coração. (NI, 2016; NI, 2004)

O taoísmo representa outra importante referência para configuração do “Pensamento Chinês”, exercendo também influência sobre as artes marciais chinesas. A necessidade de integração da mente e do coração, como mencionado no parágrafo anterior, estabelece um paralelo significativo com conceitos e noções centrais apresentados pelos textos taoístas.

Sobressai-se, nesse caso, a concepção de mundo que caracteriza um estado de conexão entre todos os fenômenos, configurando a unidade individual, mas também cósmica, que fundamenta a interdependência do ser humano com o ambiente que o envolve. Além disso, o universo na visão taoísta não se constitui a partir de um conjunto de “coisas”, mas sim de

“eventos”, em que cada existência deve ser interpretada como um processo, e não como uma realidade fixa e imutável. (AMES; HALLS, 2003)

Dentro da “Perspectiva Kung Fu”, esses postulados se mostram particularmente relevantes quando consideramos a natureza dinâmica e a relação de interdependência entre o praticante e o meio que o cerca. Portanto, de acordo com Ames e Halls (2003), o reconhecimento dessas interações e dos movimentos que constituem cada circunstância são indispensáveis para um entendimento mais amplo do indivíduo como parte integrante de um contexto maior, no qual ele se vê tanto sujeito passivo quanto ativo que participa do desdobramento de cada processo.

Isso evidencia a necessidade de desenvolvimento de uma estrutura, ou repertório, que seja capaz de oferecer ao praticante de Kung Fu subsídios para se adaptar e reagir de forma inteligente e espontânea frente à diferentes situações com que se depara. Em vista da necessidade de adequação do comportamento mediante às exigências de cada circunstância, mostra-se pertinente apresentar outra noção que, embora não se restrinja somente aos textos taoístas, certamente encontra nesses últimos identificação com suas ideias. Me refiro à noção de “Feminilização da Guerra” que, conforme apresentada por Galvani (2001), é de fundamental importância como ponto de partida para um melhor entendimento do Ving Tsun, uma vez que representa um sistema de Kung Fu cuja prática se baseia na “conduta feminina”.

Retomando a figura do imperador amarelo, é interessante fazer menção aos textos que descrevem a origem do universo, no sentido de contextualizar o arquétipo do feminino e sua importância como aspecto essencial da natureza e das relações humanas (LEVI, 2009). Segundo a mitologia chinesa, todos os processos cósmicos se originam da interação dinâmica entre as antíteses do Yin (feminino) e Yang (masculino). A observação do movimento de alternância entre esses dois pólos é fundamental para o entendimento de que cada fenômeno traz consigo ambos os aspectos, do feminino e do masculino. (AMES; HALLS, 2003)

Ao longo da história, no que se refere ao contexto de guerra, o aspecto masculino sempre predominou sobre o feminino, sobretudo devido à natureza agressiva das práticas militares (GALVANI, 2001). Contudo, como retrata o mito do imperador amarelo, a adoção da “conduta feminina” oferece uma vantagem estratégica (LEVI, 2009; CHANG; FENG, 2008; IDOETA, 2010), uma vez que caracteriza uma atitude receptiva que permite ao indivíduo “se apoiar” em uma determinada situação para adequar seu comportamento às demandas do contexto, o que pressupõe a espera pelo momento oportuno para agir (LEVI, 2009; CHANG; FENG, 2008).

De acordo com os ensinamentos taoístas, essa forma de conduta recebe o nome de Wu Wei - não ação (CHANG; FENG, 2008; AMES; HALLS, 2003) e designa uma “atitude não-

coercitiva” que acompanha o fluxo natural dos acontecimentos (AMES; HALLS, 2003). Portanto, para que o indivíduo consiga assumir esse comportamento, é necessário que ele coordene suas ações em conformidade com os ciclos Yin-Yang - que permeiam todas as situações - ao invés de agir no contrafluxo (atitude masculina) e, inevitavelmente, acabar fracassando. (LEVI, 2009; AMES; HALLS, 2003)

3.5. Arte Marcial Chinesa: Sistema Ving Tsun de Kung Fu

Antes de tudo, mostra-se necessário ressaltar que o Sistema Ving Tsun (詠春), como sistema de Kung Fu, representa uma tradição de muitos anos e somente se mantém presente nos dias atuais a partir de sua transmissão e manutenção como legado. Por esse motivo, é de fundamental importância reconhecer a linhagem como dispositivo que assegura a preservação da tradição mediante a influência e as transformações impostas pelo tempo.

No caso do Ving Tsun, essa transmissão se deu basicamente por meio de duas formas: história oral (mestre para discípulo) e documentos (selos). Este último, por sua vez, configura um compilado de registros acerca do sistema em relação a sua história, características e genealogia. Esses “selos” contém ensinamentos manuscritos que são confeccionados em material duro, por meio de uma técnica que resulta da combinação das habilidades de esculpir com a caligrafia do antigo estilo de escrita chinesa. (MORDENT, 2005)

A expressão Suen (arte de escrever em selos) Hak (esculpir), ou “Inscultura Sigilar”, se refere à técnica mencionada, atribuindo a essa forma de documento a qualidade de uma “obra de arte”, sobretudo em virtude das habilidades exigidas na sua elaboração. Ainda nesse tocante, o que confere seu aspecto “artístico” é o desenho harmonioso entre os traços dos caracteres e suas lacunas (espaço vazio). (MORDENT, 2005)

Adentrando o conteúdo da obra nos deparamos, de imediato, com o termo Kuen (punho) Kuits (método, segredo), ou também traduzido como “arte dos punhos”; que revela, por sua vez, a natureza desses documentos. Os ensinamentos contidos nos Kuen Kuits são de fácil memorização, e assim o são em decorrência da característica de sua composição, marcada por paralelismos, oposições, dentre outros recursos de linguagem. Os conteúdos neles presentes abrangem assuntos diversos, permeando desde questões artísticas à militares. Apesar de não ser o principal método de transmissão do sistema, desempenha um papel de grande relevância no processo de ensino-aprendizagem. (MORDENT, 2005)

No que se refere à origem e genealogia do Ving Tsun, datam referências de seu surgimento na época da dinastia Ching, momento em que supostamente um monastério budista foi incendiado e forçou cinco mestres que ali se estabeleciam a refugiarem-se nas montanhas. Uma mestra chamada Jo Si Ng Mui introduziu seus ensinamentos no monastério taoísta, situado em uma montanha na fronteira entre as regiões de Wan e Gwai. A mesma mestra, ao observar a luta entre uma serpente e um grou (garça), elaborou as primeiras noções práticas do estilo. (MOY YAT VING TSUN MARTIAL INTELLIGENCE; BELONOHA, 2006)

Posteriormente, esse conhecimento foi aperfeiçoado por uma mulher chamada Yim Ving Chun que, frente à ameaça de um usurpador prometido a casar-se com ela, se viu obrigada a utilizar as técnicas ensinadas por sua mestra Ng Mui. Foi a partir do estudo dessas técnicas que Ving Chun configurou uma listagem de movimentos, promovendo seu desdobramento em diferentes domínios teórico-práticos. Organizada desta forma, a modalidade recebeu o nome de sua fundadora que, secretamente, transmitiu esses conteúdos individualmente a somente dois discípulos, sendo eles Fung Wa e Chan Wa Sun (MOY YAT VING TSUN MARTIAL INTELLIGENCE).

Segundo Imamura (2020), uma linhagem consiste em uma sucessão de valores que diferenciam e caracterizam um determinado sistema de Kung Fu. Essas características são mais sutis do que as variações que existem entre diferentes sistemas; contudo, as linhagens podem sofrer modificações ao longo do tempo, algo que depende sobretudo dos mestres instituidores responsáveis pela transmissão dos ensinamentos.

De acordo com os ensinamentos deixados pela fundadora Ving Tsun, que constam nos documentos tradicionais (Kuen Kuits), podemos encontrar uma referência ao significado da palavra “sistema”, conceito este essencial para suscitar um melhor entendimento do Ving Tsun e de como seus diversos componentes se articulam na dinâmica do sistema como um “todo”.

A expressão Bin (bambus ligados ordenadamente) Deng (fixar, combinar) remete à ação necessária para tornar possível a configuração de um sistema. Nesse sentido, podemos inferir que a combinação desses caracteres (Bin – Deng) apontam para o seguinte sentido: ordenar os componentes de forma que a relação das partes, entre si e com o todo, seja mais significativa que o papel de cada uma delas separadamente. Dessa ação deriva outra expressão com a denominação de Hai (conectar, ordenar) Tong (criança recém-nascida em condição favorável para o desenvolvimento), que encerra o significado de “Sistema”. Enfim, como resultado desse ordenamento surge, em um ato contínuo, o termo Fau (dividir), que por sua vez dá origem às “formas”, frente a necessidade de esmiuçar o sistema e possibilitar a prática e o “entendimento” do mesmo. (MORDENT, 2005)

Sendo assim, podemos dizer que o Ving Tsun representa um sistema chinês de inteligência estratégica estruturado a partir de seis domínios: Siu Nim Tau, Cham Kiu, Biu Ji, Mui Fa Jong, Luk Dim Bun Gwan e Baat Jaam Do. Fundamentados no pensamento tradicional chinês, os domínios representam a manifestação da natureza (Kuen Lei 拳理) que caracteriza um determinado sistema de variação (Hai Tung 系統). Cada domínio é composto por uma listagem (po 譜) de dispositivos corporais de combate simbólico (jiu sik 招式) que permitem a exploração das diferentes possibilidades de mudança (MOY YAT VING TSUN MARTIAL INTELLIGENCE).

Os seis domínios mencionados representam um inventário de possibilidades que compõem listagens típicas da cultura chinesa. Essas listagens - ao contrário do que costumam ser consideradas - não constituem coreografias, mas sim dispositivos corporais de combate simbólico que permitem o entendimento da dinâmica do combate, sobretudo no que se refere à experiência de situações inéditas. (IMAMURA, 2020)

O Ving Tsun, como sistema de Kung Fu, não pode ser entendido somente como um conjunto de técnicas a serem utilizadas para se obter um desempenho eficiente frente a uma situação de combate real. Diferentemente, seu exercício deve permear a vida cotidiana como um todo, dentro de uma perspectiva orgânica na qual o sistema é experienciado de uma forma muito particular por cada praticante. Essa concepção ampliada de Kung Fu é chamada de Sam Faat - Vida Kung Fu (IMAMURA, 2018).

Por meio do Sam Faat (Vida Kung Fu), os mestres dessa arte procuravam expandir sua experiência através do convívio com diferentes pessoas em diferentes contextos, de modo a adquirir uma visão ampliada de mundo a partir da “Perspectiva Kung Fu”. Essa perspectiva oferece ao praticante uma capacidade de avaliação diferenciada, que o permite identificar os benefícios de uma determinada circunstância para tirar o melhor proveito possível dela (IMAMURA, 2018; BELONOHA, 2006).

O convívio cotidiano com um mestre de Kung Fu leva o praticante a aprender sem perceber que está aprendendo, por meio de um processo intuitivo. Sendo assim, o desenvolvimento do Kung Fu depende necessariamente de um sistema que dê suporte ao Sam Faat (Vida Kung Fu), oferecendo uma referência para orientar o discípulo nesse processo. Os dispositivos corporais de combate simbólico de cada sistema servem para proporcionar ao praticante a noção das variações e as possibilidades de atuação frente a elas. (IMAMURA, 2019)

A Moy Yat Ving Tsun Martial Intelligence, conforme mencionado na introdução do presente estudo, constitui uma entidade que promove, de uma forma muito particular, o exercício do estilo Ving Tsun a partir do legado deixado pelo Patriarca Moy Yat. Esse legado reflete o compromisso que o Patriarca estabeleceu com seus descendentes para o provimento da Vida Kung Fu (Sam Faat 心法), como um modo de acesso ao sistema Ving Tsun (MOY YAT VING TSUN MARTIAL INTELLIGENCE).

Vida Kung Fu (Sam Faat) é uma expressão designada ao “método do coração”, tendo como núcleo fundamental a relação entre mestre e discípulo. Esse método implica o provimento de uma experiência tutorizada que ocorre dentro de um tempo oportuno, possibilitando ao praticante desenvolver seu Kung Fu por meio do monitoramento da experiência convivial. Deste modo, o praticante é estimulado não somente a experimentar uma determinada atividade, mas também a exercitar a ampliação e transposição da habilidade adquirida a um nível de manifestação distinto do contexto no qual ela foi originalmente realizada (MOY YAT VING TSUN MARTIAL INTELLIGENCE).

Tendo em vista a natureza do fenômeno a ser observado, organizado e, posteriormente, analisado, assim como as propostas e objetivos sugeridos pelo presente estudo, escolhemos como metodologia a ser utilizada para seleção, coleta e tratamento dos dados a pesquisa qualitativa. Entendemos que o fenômeno do Ving Tsun, como parte da cultura de movimento do corpo humano e objeto de interesse da Educação Física, sobretudo no que diz respeito ao tema desse estudo, pode ser melhor explorado em sua diversidade de significados por uma pesquisa conduzida nos moldes da abordagem qualitativa, mais especificamente no formato de um estudo de caso. Esse instrumento nos permitirá acesso aos conteúdos de forma mais abrangente, uma vez que esse tipo de abordagem possibilita percorrer a unidade delimitada de modo a proporcionar um entendimento não somente das questões mais pontuais ou manifestas, mas também as extensões e elementos adjacentes que extrapolam ou transcendem o fenômeno observado.

4. METODOLOGIA

O presente empreendimento investigativo implica uma pesquisa de natureza qualitativa, na qual efetuamos um estudo de caso sobre a MYVTMI a partir da utilização de entrevistas semiestruturadas. Realizamos em seguida uma análise de conteúdo acerca dos significados atribuídos à prática dentro do processo de transmissão do sistema Ving Tsun na perspectiva dos mestres da MYVTMI. Abaixo, descreveremos com maiores detalhes a fundamentação e justificativa das nossas escolhas metodológicas.

4.1. Pesquisa Qualitativa

Primeiramente, é pertinente resgatarmos algumas definições e conceitos relativos à abordagem da pesquisa qualitativa, uma vez que se mostra mais apropriada para o tema em questão. Nesse sentido, o fenômeno deve ser apreendido e compreendido em sua multiplicidade de significados dentro de um contexto sociocultural particular, exigindo assim o uso dos instrumentais próprios da hermenêutica.

A ação humana possui um espectro de significados subjetivos/intersubjetivos baseados em aspirações, crenças e valores que não podem ser apreendidos somente do ponto de vista quantitativo e objetivo, exigindo assim, um sistema diferenciado de análise que leve em consideração a complexidade da mente de cada indivíduo inserido num contexto sociocultural (FRASER; GONDIM, 2004). Sendo assim, nessa modalidade de pesquisa o essencial é acessar os sentidos e significados (CHIZZOTI, 2006; TRIVINOS, 1987; FRASER; GONDIM, 2004), a partir de um procedimento que não busca explicar as relações de causa/efeito, mas sim compreender uma determinada realidade e seus diferentes aspectos (FRASER; GONDIM, 2004).

A pesquisa qualitativa difere dos estudos experimentais na maneira de adquirir e legitimar o conhecimento. Para se compreender um fenômeno é necessário recorrer ao contexto no qual ele se manifesta e do qual ele é parte, devendo ser analisado em uma perspectiva integrada (GODOY, 1995). Com base nessa premissa, o pesquisador precisa ir a campo estudar o fenômeno a partir do viés das pessoas que nele encontram-se envolvidas (TRIVINOS, 1987; GODOY, 1995), devendo considerar todos os pontos de vista relevantes (GODOY, 1995).

Sendo assim, considerando que o propósito da investigação é entender o significado que os mestres da MYVTMI atribuem à prática dentro do processo de transmissão do sistema Ving Tsun, acreditamos que o estudo de caso é o instrumental metodológico que se mostra mais apropriado para responder à pergunta norteadora e, portanto, contemplar a natureza do objeto de estudo.

4.2. Estudo de caso

Conforme anunciado anteriormente, minha trajetória como praticante e pesquisador me permitiu considerar a hipótese de que a MYVTMI possui características singulares que a diferenciam das abordagens de outras escolas, instituições ou academias de artes marciais que pude presenciar. Portanto, mostrou-se pertinente efetuarmos uma investigação para acesso aos elementos que constituem a realidade da referida instituição.

No estudo de caso, o objeto é uma unidade que se procura estudar profundamente, por meio da avaliação detalhada de um ambiente, sujeito ou situação que caracterizam uma determinada unidade social. Ainda nesse tocante, o investigador, no intuito de se aprofundar em um dado fenômeno, pode escolher por casos típicos (representativos de um conjunto de casos similares) ou atípicos (casos excepcionais) (LUDKE; ANDRÉ, 1986; GODOY, 1995). O caso é adotado como uma unidade significativa do todo, que garante tanto fidedignidade ao conteúdo obtido como a possibilidade de se propor uma intervenção adequada. Entretanto, a delimitação da unidade-caso não é uma tarefa fácil, considerando-se, por exemplo, a dificuldade de se traçar os limites de um objeto (GIL, 1996).

Quanto aos procedimentos necessários para a realização de um estudo de caso, vale mencionar a explicação fornecida por Bogdan e Biklen (1994), na qual os autores fazem uma analogia com um funil:

“... O início do estudo é representado pela extremidade mais larga do funil: os investigadores procuram lugares ou pessoas que possam ser objeto ou fontes de dados e, ao encontrar aquilo que pensam interessar-lhes, organizam então uma malha larga, tentando avaliar o interesse do terreno ou das fontes de dados para os seus objetivos. Procuram indícios de como proceder e qual a possibilidade de o estudo se realizar. Começa pela escolha de dados, revendo-os e explorando-os, e vão tomando decisões acerca do objetivo do trabalho. Organizam e distribuem seu tempo, escolhem as pessoas que irão entrevistar e quais os aspectos a aprofundar. Podem pôr de parte algumas ideias e planos iniciais e desenvolver outros novos. À medida que vão conhecendo melhor o tema em estudo, os planos são modificados e as estratégias selecionadas. Com o tempo acabarão por tomar decisões no que diz respeito aos aspectos

específicos do contexto, indivíduos ou fonte de dados que irão estudar. A área de trabalho é delimitada. A recolha de dados e as atividades de pesquisa são canalizadas para terrenos, sujeitos, materiais, assuntos e temas. De uma fase de exploração alargada passam para uma área mais restrita de análise dos dados coligidos...” (pg. 89-90)

Primeiramente, realizamos uma aproximação inicial cujo objetivo foi apreender alguns elementos sobre o funcionamento da MYVTMI, de modo a assumir um posicionamento preliminar perante a realidade a ser estudada. Algumas características que pudemos verificar nessa etapa foram de grande importância para justificar a adoção da MYVTMI como um estudo de caso, ou seja, como instituição que difere consideravelmente de outras artes marciais quanto às suas propostas, métodos e conteúdos. Sendo assim, para abordar esse caso singular recorreremos, posteriormente, à aplicação de entrevistas semiestruturadas com mestres representantes da referida instituição.

4.3. Entrevistas

A escolha pelos entrevistados envolveu alguns critérios que valem ser mencionados. Nesse sentido, foram selecionados três mestres qualificados e um mestre sênior a partir da indicação do Grão-Mestre responsável pela MYVTMI. Os respectivos mestres se mostraram capacitados para compor o grupo, uma vez que são reconhecidos pela comunidade marcial na qual estão inseridos como legatários da linhagem, além de considerados por seu protagonismo como tutores e mobilizadores dentro do processo de transmissão do sistema Ving Tsun.

As entrevistas foram realizadas no formato de vídeos-chamadas por meio da plataforma virtual Zoom, posto que durante essa etapa do estudo passamos pelo momento de pandemia, inviabilizando portanto o método presencial. Entretanto, ainda assim o material obtido atendeu à expectativa, de modo que o áudio e o vídeo apresentaram a qualidade necessária para que as entrevistas fossem devidamente descritas.

Sendo assim, no que se refere à dimensão estruturada das entrevistas, selecionamos as seguintes perguntas para sua composição:

A- No seu entendimento, o que é o Ving Tsun e quais são as suas principais características?

- B- Como o Ving Tsun é estruturado?
- C- Existem conceitos ou noções que fundamentam a prática do Ving Tsun? Quais são eles?
- D- Qual o papel do movimento do corpo humano na prática do Ving Tsun?
- E- Quais aspectos devem ser considerados para o desenvolvimento do praticante de Ving Tsun?
- F- Quais aspectos devem ser considerados para transmissão e aperfeiçoamento do Sistema Ving Tsun?

Sobre as entrevistas semiestruturadas, acreditamos que as propriedades desse método se coadunem melhor com o tipo de intervenção que pretendemos ensinar, uma vez que se situa no meio termo entre as entrevistas estruturadas e abertas. Esse formato torna possível a elaboração de perguntas mais direcionadas, mas que ainda permitam ao entrevistado discorrer com relativa liberdade sobre o assunto proposto, de modo a criar espaço para a emergência de conteúdos novos, ampliando a capacidade de exploração do tema.

As entrevistas na pesquisa qualitativa abordam de forma mais ampla um determinado tema, que costuma ser definido durante o processo da entrevista. Na medida em que o entrevistado revela suas opiniões e expressa seus significados, é possível que o pesquisador venha a se deparar com novos aspectos do fenômeno (TRIVINOS, 1987; FRASER; GONDIM, 2004), podendo leva-lo a redefinir seu roteiro para obter informações que ampliem sua percepção sobre aquele assunto (FRASER; GONDIM, 2004).

Sendo assim, tendo em vista a natureza das informações adquiridas por meio das entrevistas semiestruturadas, adotamos o tipo de pesquisa “Análise de Conteúdo” para tratamento dos dados. Desse modo, pretendemos alcançar um melhor entendimento sobre o objeto de estudo e contribuir, se possível, com conhecimentos para o desenvolvimento de futuras investigações.

4.4. Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo permeia diferentes etapas da pesquisa, devendo ser realizada tanto durante o trabalho de campo como posteriormente, precedendo a redação do relatório final. Utilizando as referências e recursos oferecidos pela literatura, buscamos desvelar os sentidos e

significados contidos (embora muitas vezes ocultos) nos dados colhidos. Esperamos que as interpretações compartilhadas entre o pesquisador e os participantes da pesquisa possam proporcionar maior clareza sobre os diversos elementos que refletem a riqueza cultural do Ving Tsun.

Segundo Bardin (2000), a análise de conteúdo encerra um conjunto de técnicas de análise de documentações que possibilita, por meio de uma descrição sistemática e objetiva do conteúdo, o fornecimento de indicadores que poderão ser ou não quantitativos, mas que devem permitir o reconhecimento das “variáveis inferidas” relativas às condições de produção/recepção das mensagens. O mesmo autor ainda destaca a existência de etapas no processo de uso desse recurso, sendo elas: a pré-análise, a descrição analítica e a interpretação inferencial. A pré-análise consiste na organização do material, a descrição analítica envolve um estudo apropriado e orientado do material de documentos do corpo de estudo, e a interpretação inferencial é o momento em que se estabelecem as relações e conexões do objeto de estudo com sua realidade mais ampla.

Os dados selecionados também podem ser agregados em unidades elementares (CHIZZOTTI, 2006) para permitir a ideal descrição e interpretação das características do conteúdo. A técnica de categorização procura diminuir o grande volume de informações a algumas características e categorias conceituais, desvelando o sentido da comunicação ou revelando o significado de alguns conceitos, de forma a apreender seu conteúdo explícito e implícito. Isso possibilita passar dos elementos descritivos para a interpretação, bem como identificar as influências do contexto no estilo, forma e conteúdo da comunicação (CHIZZOTTI, 1991).

5. ENTREVISTA COM OS MESTRES

Entrevistado A

Dados Pessoais

Na primeira parte da entrevista, realizamos a coleta dos dados pessoais de cada entrevistado. No que se refere ao primeiro mestre, o mesmo mencionou, quando questionado sobre sua profissão, que é formado em comunicação. Apesar de aparentemente essa área não apresentar nenhuma conexão com as artes marciais, o mestre relatou que desempenha no Instituto Moy Yat tarefas relacionadas a conteúdos gráficos, vinculando assim sua formação profissional com seu trabalho na instituição.

No que diz respeito especificamente a sua trajetória nas artes marciais, o mestre relatou ter começado a praticar Judô por volta dos 5 anos de idade, em Belo Horizonte. Em questão de pouco tempo o espaço de treinamento acabou fechando; em seguida, passou a praticar futebol e basquete até o nível semiprofissional. Alguns anos mais tarde, iniciou a prática do Taekwondo, modalidade na qual permaneceu durante um período de aproximadamente 17 anos, sendo novamente forçado a parar devido ao fechamento do local, da mesma forma que ocorreu com sua experiência no Judô. Em seguida, praticou MMA (Mixed Martial Arts) com amigos durante cerca de dois anos, tendo então decidido parar sob a justificativa de que a modalidade se caracterizava como um esporte de competição, não sendo este seu objetivo de vida naquele momento.

Momentos depois, ingressou na polícia e começou a praticar tiro e defesa pessoal. Somente no ano de 2001, encontrou o Ving Tsun - que lhe chamou atenção por não envolver competição -, modalidade que pratica diariamente até o presente momento. Uma vez que iniciou a prática do Ving Tsun, termos como “Kung Fu” e “Vida Kung Fu” se tornaram objeto de seu interesse e curiosidade. Além disso, uma importante referência que incentivou o começo de sua trajetória no Kung Fu foi o ator Bruce Lee, descobrindo posteriormente que o mesmo já havia praticado Ving Tsun.

Foi então, em 15 de setembro de 2001, que o mestre se tornou membro da Família Moy Yat, momento este marcado por uma cerimônia chamada de Hoi (abrir) Kim (punho). Muitos anos depois, em 2015, adquiriu a titulação de mestre qualificado, explicando em seguida que

acima dessa categoria existe o mestre sênior – título de alguns são seus irmãos Kung Fu – e o Grão-Mestre. Posteriormente, retomou que antes dos níveis mencionados existem várias qualificações de tutores e que acima do nível de Grão-Mestre também existe o título de Patriarca, a exemplo do Patriarca Moy Yat e do Patriarca Ip Man. Por fim, destacou que o Instituto Moy Yat foi um projeto pioneiro com seu primeiro estabelecimento na cidade de São Paulo, tendo o Grão-Mestre Leo Imamura como diretor e o Grão-Mestre William Moy (filho do Patriarca Moy Yat) como diretor mundial. Atualmente, o entrevistado desempenha a função de gerente operacional na referida instituição.

Questão A: No seu entendimento, o que é o Ving Tsun e quais são as suas principais características?

O entrevistado esclareceu de antemão que estava apresentando sua opinião pessoal sobre o conteúdo. Nesse sentido, para ele o Ving Tsun consiste em um “sistema de estratégia chinesa”, cujo propósito é servir de instrumento para o desenvolvimento pessoal por meio dos “dispositivos corporais de combate simbólico”. Esses dispositivos oferecem uma possibilidade de colocar a pessoa frente a um “espelho”; em outras palavras, capazes de ressaltar características ou comportamentos muitas vezes inconscientes, de forma a permitir, por meio do corpo, a tomada de consciência que desencadeia todo o processo de percepção e mudança.

Quando questionado acerca do significado do termo “sistema”, o entrevistado ressaltou que não enxerga o Ving Tsun como um sistema de defesa pessoal, reiterando a ideia de um instrumento para tomada de consciência a partir da “experiência marcial”, associada a noção de uma experiência legítima e real. Além disso, conceituou “sistema” como um processo de evolução de complexidade ao longo do tempo, caracterizado por uma conexão invisível entre seus elementos, de modo que adquiram sentido a partir das relações que se dão entre eles. Em contrapartida, explicou que as vezes outras formas de abordagem consistem somente em um compilado de técnicas desconexas.

A respeito dos “dispositivos corporais de combate simbólico”, explicou tratar de uma configuração passível de manipulação/adaptação. Nesse sentido, tem como objetivo expor o praticante a uma experiência de desfecho imprevisível, sujeita a diferentes interpretações e reações de acordo com a vivência de cada pessoa. No que se refere à “experiência marcial” - outra expressão que surgiu durante a conversa - o entrevistado esclareceu seu potencial de

colocar a pessoa em um cenário de “eminência de morte”. Essa ideia caracteriza um momento crítico, quando a mente não é capaz de discernir se o indivíduo irá ou não sobreviver frente à circunstância apresentada. Sendo assim, a pessoa reage de acordo com quem ela realmente é, ou seja, sem os “véus” que encobrem seu comportamento espontâneo.

Questão B: Como o Ving Tsun é estruturado?

Segundo o mestre entrevistado, o Sistema Ving Tsun é composto por seis diferentes domínios (separados em duas trilogias), cada qual se distingue por uma denominação específica. A primeira trilogia - Siu Nim Tau, Cham Kiu e Biu Ji- se caracteriza pelo uso das mãos livres, enquanto a segunda - Mui Fa Jong, Luk Dim Bun Gwan e Baat Jaam Do - envolve a prática com equipamentos e armas.

No que diz respeito à segunda trilogia, os equipamentos mencionados consistem no Mui Ken Jong (boneco de madeira) e no Uger Jong (estacas de madeira), que passam a ser estudados/praticados durante o quarto domínio. Já no quinto domínio as “armas” são introduzidas na prática, sendo neste último praticado o manejo com o Luk Dim Bun Gwan (bastão longo). Finalmente, no sexto domínio inicia a prática do Baat Jaam Do, mais amplamente conhecido como domínio das “Facas Duplas”.

Quando perguntado sobre o significado do termo “domínio”, o mestre entrevistado descreveu como uma espécie região ou área, cuja denominação está associada a determinados “marcos” que o circundam. Sendo assim, mais especificamente, cada domínio possuem alguns marcos que o compõem e o caracterizam de forma distintiva em relação aos demais. O mestre também explica não ser apropriado “rotular” os diferentes domínios, mas que cada um deles recebe o nome que representa um Jiu Sik (dispositivo corporal de combate simbólico), assim sendo determinado desde a época da fundadora do Sistema Ving Tsun. Por fim, ele acrescenta que a grande “maestria” da cultura oriental está no seu modo de conceber tudo a partir dessa noção de dispositivos.

Questão C: Existem conceitos ou noções que fundamentam a prática do Ving Tsun? Quais são eles?

Novamente, o entrevistado antecipou a questão afirmando que o conteúdo apresentado se tratava de sua opinião pessoal sobre o assunto. De imediato, destacou que o grande diferencial da MYVTMI está no provimento da “Vida Kung Fu”. Em seguida, mencionou um momento em que o Patriarca Moy Yat explicou para o atual Grão-Mestre da instituição que o mesmo aprenderia com ele “Kung fu”, mas não um conjunto de “técnicas” de Kung Fu, acrescentando que essa frase representa muito bem a ideia de Vida Kung Fu. Sendo assim, a partir dessa fala o mestre discorreu que Kung Fu não se ensina, mas se aprende; de modo que não é possível prever exatamente o que cada praticante irá aprender. Conclui então dizendo que a “Vida Kung Fu” se dá por meio do relacionamento entre mestre e discípulo.

Ainda sobre a expressão “Vida Kung Fu”, o entrevistado desenvolve essa noção explicando que consiste em uma forma de aprender organicamente por meio da inserção do discípulo na vida cotidiana do mestre. Em seguida, reforça que não é adequado rotular esse termo/expressão, uma vez que o processo de Vida Kung Fu é fluido. Além disso, ressalta que esse processo não existe somente no contexto das artes marciais chinesas, mas em outras culturas, nas quais também se mostra presente essa relação entre mestre e discípulo. Portanto, trata-se de uma noção expandida que, inclusive, pode ser encontrada dentro das artes em geral, igualmente marcadas por essa relação – mestre/discípulo – e ambientes ou locais dedicados a esse processo.

Outro termo que surgiu ao longo do diálogo foi “tutoria”, parecendo representar um conceito importante dentro da ideia de Vida Kung Fu. Segundo o entrevistado, é fundamental que haja um mestre conhecedor do sistema para tutorizar esse processo. Mencionou também que, para o leigo, muitas vezes essa relação é vista como alguma coisa “solta”, entretanto existe um “componente invisível” que aproxima esse processo da ideia de “Sistema”. Logo depois, acrescenta que é importante o tutor estar sempre atento para manter a “Dimensão Kung Fu”, noção está associada à expressão Jian Hu (Rios e lagos), que significa: o “mundo” onde os praticantes de artes marciais vivem.

Ainda a respeito da expressão Jian Hu, o mestre menciona que quem não pratica artes marciais não é capaz de acessar essa noção. Por outro lado, cabe ao bom praticante quebrar o estereótipo do artista marcial, sobretudo no sentido de não ceder às atitudes mundanas e não criar fantasias a respeito das características ou supostas habilidades muitas vezes retratadas nas

lendas. Sobre esse último aspecto, o entrevistado utilizou como referência o filme “O Tigre e o Dragão”, no qual os personagens são capazes de feitos sobre-humanos.

Sobre o termo “combate simbólico”, o mestre estabeleceu uma contraposição com o “combate real”. Nesse sentido, apontou este último como aquele no qual um dos dois oponentes necessariamente acaba morrendo, enquanto no combate simbólico ocorre uma experiência pessoal que implica numa aproximação simbólica da experiência de morte. Ressaltou ainda que a experiência do combate simbólico possibilita o aprendizado, como exemplo do soldado que vai à guerra e não morre, mas é modificado por essa experiência. Entretanto, alerta para o risco do combate simbólico acabar se transformando em violência, o que exige um tutor competente, que esteja preparado para oferecer as condições de um ambiente de “crise”. Sendo assim, cabe a ele tutorizar os dispositivos corporais para criar um contexto de eminência de morte, no qual o simbolismo de morte está presente.

Enfim, a última noção que o entrevistado mencionou nessa questão foi sobre as ambiências objetiva e subjetiva. Ele explica que a ambiência objetiva consiste no local destinado ao desenvolvimento de alguma atividade, como por exemplo o Mo Kun (referente à “recinto marcial” nas artes marciais chinesas) ou o Do Jo (referente a “recinto marcial” nas artes marciais japonesas). Quanto à ambiência subjetiva, esta diz respeito basicamente às relações humanas que se estabelecem entre os praticantes, atribuindo sentido e significado ao ambiente de prática. Além disso, ele destaca que, às vezes, essas duas condições são contempladas, embora não exista Kung Fu. Para exemplificar essas relações, ele apresenta o simbolismo do Homem, do Céu e da Terra: a Terra representa o local físico, o homem são as pessoas e o Céu os acontecimentos que estão fora do nosso controle.

Por fim, ele conclui a questão reiterando que o grande diferencial da MYVTMI está na transmissão do sistema por meio da Vida Kung Fu. Destaca também que, a partir desse processo, o praticante se expõe a experiências que podem ou não se repetir, mas que são capazes de leva-lo à tomada de consciência sobre algum aspecto da prática.

Questão D: Qual o papel do movimento humano na prática do Ving Tsun?

O entrevistado novamente comenta que as informações que seguem consistem em sua opinião pessoal. Para ele, o corpo é o local onde habitamos e um instrumento por meio do qual interagimos, sendo também o que temos de mais íntimo. Em relação às artes marciais, destaca

a relevância do toque corporal com marcialidade por meio dos dispositivos corporais de combate simbólico, que leva o praticante a se expor à uma situação de eminência de morte. Ainda nesse sentido, explica que frente a essa exposição, o praticante reage do jeito que ele realmente é, uma vez que o comportamento se manifesta de forma automática, diferentemente de um exercício meramente intelectual, que demanda tempo.

Por outro lado, diz ser possível criar uma experiência verbal de Kung Fu, embora por meio do corpo ela é significativamente diferente, de modo que muitas vezes o praticante não se mostra capaz de desempenhar fisicamente aquilo que pronunciou verbalmente. Acrescenta ainda ter observado muitas pessoas que não se apropriaram bem do seu próprio corpo ao longo da vida, corpo este que acaba sendo percebido como algo “estranho” para ela. Sobre o movimento humano na perspectiva do Ving Tsun, o mestre menciona que a realização de alguma atividade com o corpo implica em sua movimentação; todavia, é importante que essa experiência corporal seja sistematizada. A questão do movimento trouxe à tona no discurso alguns outros termos, como: linha central, linha basal, ocupação, limpeza e disparo.

Quando questionado sobre o significado desses termos na lógica do sistema, ele explanou que a “linha central” é um conceito complexo que permeia todas as artes marciais, embora no Ving Tsun seja mais explorado. Tal conceito se refere a divisão do corpo humano em um ângulo de 180 graus, de modo que essa linha central corresponde à bissetriz – o centro – dessa perspectiva angular. Já a “linha basal” representa o máximo alcance dos braços sem que se comprometa o equilíbrio do corpo; sendo assim, quando se ultrapassa os limites das mãos, o praticante deve passar a utilizar os pés. Finaliza ressaltando ter explicado os conceitos de forma reduzida, uma vez que existem diferentes níveis de análise e complexidade a serem explorados.

Por se tratarem de dispositivos que participam da relação entre dois praticantes, é necessário que se eleja um “ponto” corporal que pode ser disputado dentro de uma interação de contato físico. Nesse sentido, o mestre destaca que existem diferentes formas de realizar o disparo em direção a esse “ponto”, podendo ser por meio de um movimento de “ocupação” ou por meio de um movimento de “limpeza”. Concluiu a questão trazendo à tona a ideia de “portas” (abertas ou fechadas) como uma possibilidade de estudo dessas interações, o que aparentemente remete – salvo engano – à oportunidades que podem surgir para que o praticante consiga penetrar na “guarda” do adversário.

Questão E: Quais aspectos devem ser considerados para o desenvolvimento do praticante de Ving Tsun?

O entrevistado começa argumentando que a limitação para o desenvolvimento do Kung Fu existe no praticante. Em seguida, explica que o Kung Fu serve para todas as pessoas, uma vez que não é performático; além de não possuir uma meta e constituir uma experiência de caráter pessoal. Acrescenta ainda que a prática não possui nenhum pré-requisito básico, de modo que qualquer um pode ser capaz de desenvolver o seu próprio Kung Fu.

O mestre continua destacando ser fundamental que o sistema seja transmitido de forma personalizada, sendo responsabilidade do tutor criar uma ambiência favorável para que o praticante tenha condições de construir o seu Kung Fu. O mestre ressalta ainda que também é responsabilidade do tutor não poluir com sua própria interpretação o processo de transmissão do sistema, uma vez que recorrentemente a pessoa acaba tentando ensinar seu próprio Kung Fu ao invés de favorecer o desenvolvimento do Kung Fu do praticante.

Questão F: Quais aspectos devem ser considerados para transmissão e aperfeiçoamento do sistema Ving Tsun?

O mestre considera que quem pretende transmitir o sistema precisa possuir qualificação para tanto. Caso contrário, acaba transmitindo o que “acha” ser o sistema, e não ele em si. Portanto, é importante que o tutor sirva somente como instrumento de acesso, não sendo relevante sua interpretação pessoal nesse processo. Acrescenta ainda que, caso a pessoa não se sinta preparada para transmitir o Ving Tsun, cabe a ela indicar outra que esteja capacitada para tornar o caminho mais “fluido”.

Uma vez que o praticante recebe o ensinamento “limpo” – supostamente, da forma como foi elaborado pelos ancestrais – esse conhecimento passa a interagir com sua experiência pessoal, possibilitando que ele tire suas próprias conclusões do sistema. Por esse motivo, as aulas na MYVTMI são realizadas individualmente, sendo que os movimentos também diferem de um praticante para o outro. Por fim, o entrevistado menciona que o aperfeiçoamento do sistema decorre da necessidade de adaptação da linguagem frente às transformações sociais que

acontecem com o passar do tempo, visando tornar possível a comunicação e transmissão dos ensinamentos.

Entrevistado B

Dados Pessoais

Em relação aos dados sobre sua formação profissional, o segundo entrevistado mencionou ter se formado em direito com pós-graduação em direito da família, além de formação em “Life Coaching”, estando atualmente atuando com dois clientes. Sobre sua profissão, especificamente, acrescentou ser advogado da família e empresário.

No que se refere à prática de artes marciais, discorre que iniciou sua trajetória no Aikido em 1990 e continuou praticando até 2001, adquirindo a graduação de 1º dan (primeiro grau) e ministrando aulas. Foi inclusive nesse período que conheceu um colega que o apresentou ao sistema Ving Tsun em fevereiro de 2001, logo após o falecimento do Patriarca Moy Yat, em janeiro do mesmo ano. Em seguida, complementou seu relato explicando que no mês de janeiro estava em Nova York pela Aikikai (Associação de Aikido), retornando em fevereiro para participar de um curso introdutório sobre o Ving Tsun, somente então descobrindo que enquanto esteve em Nova York o Patriarca Moy Yat havia falecido.

A partir desse curso introdutório, iniciou a prática do Ving Tsun com seu colega do Aikido, quem já conhecia a MYVTMI e o Grão-Mestre antes mesmo do próprio entrevistado. Assim, participaram de uma cerimônia de admissão no mês de maio do mesmo ano, com o intuito de formalizar seu vínculo com a Família Kung Fu. Em um segundo momento, acrescentou que, atualmente – mais especificamente a partir de 2018 –, começou a praticar Jiu Jitsu, além de outras modalidades de artes marciais nas quais não chegou a se aprofundar.

Quando questionado sobre sua titulação, afirmou que possui o título de mestre qualificado. Em seguida, passou a explanar sobre o processo de tutorização que existe no Sistema Ving Tsun. Destacou a existência de seis diferentes domínios, cada qual caracterizado por naturezas específicas. Os três primeiros compõem a fase mais estruturada do sistema de variação dos dispositivos corporais de combate simbólico, ao passo que a segunda trilogia consiste na fase semiestruturada, permitindo acesso aos “instrumentos”.

Posteriormente, retomou a explicação sobre as titulações, introduzindo que o processo de titulação começa quando o tutor é capaz de prover uma experiência marcial para outra pessoa. Sendo assim, à medida que ele avança nesse processo, existe um aumento gradativo dos graus até alcançar o nível de mestre, estatuto este que o permite prover experiência marcial em todos os domínios.

O mestre passa então a discorrer sobre os “domínios”, termo este que – a partir de sua explicação – parece se associar à ideia de etapas ou níveis. Sendo assim, anuncia o nome de cada um deles: Siu Nim Tau, Cham Kiu, Biu Ji, Mui Fa Jong, Luk Dim Bun Gwan e Baat Jaam Do. Complementa dizendo que a progressão desses domínios envolve a transição da prática com as “mãos livres” para a prática com “instrumentos”. Essas listagens de “dispositivos corporais de combate simbólico” são compostas de marcos que determinam as experiências corporais de uma natureza específica. A listagem continua progredindo de forma não-linear ao longo das mudanças de domínio, uma vez que o corpo – sendo diferente entre as pessoas – não permite uma evolução linear.

Os três primeiros domínios representam a fase estruturada. O mestre ressalta que o primeiro domínio dessa trilogia é o mais estruturado, sendo caracterizado pelas posturas estáticas, pela referência na linha central (principal e basal) e pela exploração dos limites corporais para construção do Kung Fu de cada praticante. Já o segundo domínio possui uma natureza mais móvel, dinâmica e envolve a exploração das angulações, constituindo um cenário que permite ao praticante se desenvolver a partir do seu momento e das suas emoções.

Por fim, o terceiro domínio da fase estruturada possui uma característica ainda mais dinâmica. Nesse sentido, o fator proeminente é a presença de uma “situação emergencial”, de natureza imprevisível, embora ainda contida em um contexto estruturado. O praticante passa então a exercitar o retorno à linha central em situações de emergência impostas pelo dinamismo característico dessa etapa.

Na fase semiestruturada, que corresponde aos 3 últimos domínios, os praticantes iniciam o manuseio dos instrumentos. Especificamente no primeiro domínio dessa fase, o instrumento trabalhado é o “boneco de madeira” e, segundo a interpretação do entrevistado, sua particularidade é o refinamento de toda a experiência adquirida na primeira trilogia. Deste modo, esse domínio representa uma natureza diferente de seus predecessores, encerrando a prática de mãos livres. O segundo domínio dessa fase, por sua vez, introduz a prática com o bastão longo, ao passo que o último envolve a manipulação das facas duplas.

Quando questionado se exerce atualmente algum cargo ou função na MYVTMI, o mestre respondeu que auxilia com a mobilização e provimento de experiências na referida

instituição, embora não possua nenhum cargo específico. Acrescentou que é um membro associado ao Instituto Moy Yat, parte da Família Moy Yat Sang e discípulo direto do Grão-Mestre Leo Imamura; além de conviver com as pessoas da comunidade a fim de auxiliar o processo de desenvolvimento de seus “Irmãos Kung Fu”.

Retomando a questão sobre as titulações, o entrevistado destaca que acima do nível de Mestre Qualificado – que tem a permissão para a tutorização de todos os domínios – existe o Mestre Sênior, que além de possuir as mesmas atribuições do mestre qualificado, também apresenta o certificado para prover o acesso ao Doa Fat (etapa que inicia a fase não-estruturada), logo após o Doa Lou (etapa que encerra a fase semiestruturada), sendo estas as duas “etapas” que compõem o domínio Baat Jaam Do. Por fim, o mestre prossegue explicando que acima do Mestre Sênior existe o Grão-Mestre - a exemplo de seu mestre - e a titulação máxima de Patriarca, título este atribuído ao Patriarca Moy Yat.

Questão A: No seu entendimento, o que é o Ving Tsun e quais são as suas principais características?

O mestre respondeu que o Ving Tsun é um “sistema” de Kung Fu que tem como principal característica o trabalho com a “linha central”. Uma vez identificada, torna-se possível estudar as variações e possibilidades, tendo em vista o desenvolvimento da inteligência estratégica. Especificamente sobre a palavra “sistema”, ele concebe como a organização de uma série de cenários que possibilitam o provimento da experiência marcial, recurso este que impulsiona o desenvolvimento humano para o cultivo da inteligência estratégica.

Quando questionado sobre o significado da expressão “experiência marcial”, o mestre explicou que se trata de uma experiência que mobiliza o corpo e a “cognição corporal” a partir dos dispositivos corporais de combate simbólico. Para isso, é importante que esse processo seja mediado por uma tutorização qualificada, de modo a possibilitar o desenvolvimento da “mente marcial” e outras capacidades. Segundo o entrevistado, a existência dessa linguagem específica decorre de um processo de muitos anos de estudo para cunhar todos esses termos e expressões. Ele também alerta que a palavra limita e restringe o seu significado, argumentando que procurou não discorrer muito sobre esses termos como uma tentativa de manter a “porta aberta” para a interpretação.

No que se refere à expressão “combate simbólico”, ele menciona que até para aqueles que já treinaram outras artes marciais, normalmente os movimentos que são praticados costumam ser interpretados como “técnicas”. Na MVVTMI utiliza-se o termo “dispositivo”, representando uma espécie de “gatilho” para acessar outros atributos do sistema. O Combate simbólico difere do combate real no sentido de não caracterizar uma situação que envolve risco de vida, no entanto possibilita, como outras artes tradicionais, o desenvolvimento de diferentes capacidades. Em outras palavras, mesmo que essa forma de combate se manifeste com impacto, intensidade e faça emergir aspectos emocionais, ainda assim não configura um cenário de vida ou morte, mas somente se apropria desse “simbolismo” para desenvolvimento do praticante perante a premência de morte.

O mestre prossegue explicando que a carga simbólica do combate é muito forte, visto que pode ser transposta para qualquer área da vida. Complementa esta ideia afirmando que a experiência marcial não se limita, portanto, à experiência corporal; de modo que o combate simbólico, quando traz à tona uma situação de premência de morte, pode desencadear no praticante uma mudança de perspectiva frente aos diferentes desafios da vida.

Ainda sobre a noção de premência de morte, ele ressalta ser uma característica da experiência marcial, que emerge de um ambiente criado pelo tutor por meio da manipulação dos cenários que ocorrem em cada domínio. Em outras palavras, esse tutor deve “proteger” o ambiente para possibilitar o desenvolvimento da inteligência marcial a partir dessa experiência. Portanto o que se tutoriza é o “sistema”, devendo haver o mínimo de interferência no processo do praticante, respeitando sempre suas características e seu momento.

Por fim, estabelece um contraponto entre os conceitos de técnica e dispositivo. Nesse sentido, ressalta que o dispositivo tem em vista o processo, enquanto a técnica compõe uma configuração já definida. Sendo assim, o dispositivo possibilita o desenvolvimento da capacidade de adaptação para transformar o “outro” (adversário) em um potencial a ser explorado. Mais especificamente, consiste em uma configuração inicial que permite ao praticante se apoiar no adversário e tirar proveito do potencial do conflito. Conforme os cenários se desenvolvem, esses dispositivos podem se manifestar ou evoluir para diferentes configurações possíveis.

Questão B: Como o Ving Tsun é estruturado?

O assunto correspondente à questão B já havia sido amplamente explorado pelo entrevistado durante a etapa de mapeamento dos dados pessoais. Sendo assim, quando adentramos o tema a respeito da estrutura do sistema Ving Tsun, o mestre somente acrescentou à sua fala anterior algumas informações complementares. Nesse sentido, retomou o foco para o aspecto transitório que existe entre as fases e os domínios (Siu Nim Tau, Cham Kiu, Biu Ji, etc.), uma vez que se trata de um sistema de variação não-linear, composto por elementos de naturezas distintas que se retroalimentam. Desta forma, pode-se afirmar que existe uma espécie de “conversa” entre os diferentes componentes e fases.

A título de esclarecimento, vale realizar uma breve descrição de cada uma das três fases do sistema. De acordo com as explicações fornecidas pelo entrevistado, é possível constatar que a fase estruturada constitui um cenário de maior previsibilidade, no qual os conteúdos estão dispostos de forma premeditada. Já na fase semiestruturada, o praticante se depara com circunstâncias cada vez mais dinâmicas e imprevisíveis, para somente depois de concluir os seis domínios adentrar a fase não-estruturada, caracterizada por uma maior exposição às situações de “crise”. É também nessa última fase que o praticante passa por uma experiência com seu mestre de extrapolação e ampliação dos conteúdos para adquirir um maior entendimento do sistema.

Especificamente sobre a transição da fase semiestruturada para a fase não-estruturada, o mestre resgata que esta etapa envolve a prática com as “facas duplas”. A partir desse momento ele se transporta para uma outra “dimensão”, cuja característica é a ausência de qualquer estrutura. Nesse contexto, tudo o que foi aprendido nas fases anteriores, embora façam parte da experiência do praticante, deixam de existir nesse momento da prática.

Na fase não-estruturada tudo é possível, portanto é preciso que o praticante utilize e adapte seu Kung Fu de acordo com as exigências dos cenários que se apresentam. O mestre reitera que o praticante não abandona o que aprendeu anteriormente, mas sim aproveita o seu conhecimento para se apoiar na situação e utilizá-la ao seu favor. Ele conclui esse tópico destacando que essas experiências não acontecem somente no âmbito corporal, mas começam a ficar cada vez mais sutis com o passar do tempo, até se tornarem “etéreas” (abstratas). Vale fazer notar que, neste momento da entrevista, o mestre mencionou que ainda não adentrou a fase não-estruturada do sistema.

Questão C: Existem conceitos ou noções que fundamentam a prática do Ving Tsun? Quais são eles?

O mestre começou falando sobre a Vida Kung Fu, como uma noção fundamental que permeia todas as dinâmicas e relações dentro da MYVTMI. Mencionou que o Patriarca Moy Yat se referia ao Kung Fu como um termo amplo, que remete à própria “vida”. Sendo assim, o Patriarca se utilizava da noção de Vida Kung Fu como um meio - marcado pela relação entre mestre e discípulo - de acesso ao Sistema Ving Tsun. Em seguida, o entrevistado enfatizou a noção de inteligência estratégica, como uma propriedade do sistema que visa antecipar os elementos de uma situação para tirar melhor proveito possível dela. Essa inteligência não se dissocia da prática, na qual os cenários de cada domínio apresentam uma configuração inicial passível de ser explorada.

Na fase estruturada existem menos variáveis, com sinais mais claros, sendo portanto mais previsível. O primeiro domínio é mais estável, sem deslocamentos, cuja ênfase recai no desenvolvimento da base, na identificação do centro corporal, no aproveitamento da energia (de si e do outro) e na exploração da “linha central” (todo o Sistema Ving Tsun se baseia na ocupação dessa linha). Portanto, segundo o mestre, toda essa progressão serve para que o praticante desenvolva, gradativamente, sua inteligência estratégica a partir de uma situação de “crise”. Acrescenta também que muitas vezes a performance não é importante, mas sim a percepção do praticante, que se apropria dos símbolos para estendê-los à outras áreas da vida.

Por fim, uma última noção explorada foi a ideia de Família Kung Fu. O mestre mencionou que para fazer parte de uma linhagem, mantida por diversas gerações desde a fundação até os dias atuais, o praticante normalmente precisa ser indicado por uma espécie de “padrinho”. Ele destacou ainda que pertence a 11ª geração desde a fundadora do sistema, sendo que seu mestre – o Grão-Mestre responsável pela MYVTMI – compõe a 10ª geração. Complementou explicando que a família representa uma espécie de “sociedade secreta”, de modo que todo conhecimento ali veiculado é restrito aos seus membros. Sendo assim, para que o praticante se torne um discípulo, ele precisa realizar uma primeira aproximação para eleger seu mestre, de forma a construir uma relação entre ambos.

Ainda sobre a noção de Família Kung Fu, o mestre retoma sua importância no processo de transmissão do legado, novamente destacando constituir um círculo restrito de pessoas em uma organização parecida com as antigas sociedades secretas. Um ponto importante, é o fato de que esse legado costumava ser transmitido verbalmente para poucas pessoas, e não

amplamente difundido como ocorre atualmente. Nas gerações anteriores não havia o suporte da tecnologia para ampliar o acesso a um grande número de praticantes; entretanto, isso se tornou possível após a emigração dos mestres da China para os outros países, uma vez motivados pelo propósito de ensinar.

Continuando a mesma linha de raciocínio, o mestre ressalta que a noção de Família Kung Fu remete diretamente ao conceito de linhagem. Segue explicando que existem diferentes linhagens com características próprias, de modo que cabe ao seu criador preservar ou modificar os conhecimentos herdados de seu mestre. Todavia, ele enfatiza não ser o seu caso, uma vez que representa um membro da Família Moy Yat, tendo firmado um compromisso com a transmissão do legado. Partindo desse último apontamento, o mestre começa a discorrer sobre a geração do Patriarca Ip Man, dizendo que a maioria das linhagens do Sistema Ving Tsun derivam dele, compondo uma grande ramificação de discípulos que vêm transmitindo os ensinamentos ao longo do tempo.

Por último, o mestre se desloca novamente para a questão das fases e domínios do Sistema. Ele recupera, especificamente, características da fase semiestruturada, mencionando a existência de espaços vazios (lacunas) que compõem a estrutura, sendo necessários para que o praticante se expresse e manifeste o seu próprio Kung Fu.

Questão D: Qual o papel do movimento humano na prática do Ving Tsun?

Novamente segundo a interpretação do entrevistado, no Sistema Ving Tsun o movimento envolve uma experiência para que o praticante possa aproveitar, da melhor forma possível, o corpo dentro do processo de desenvolvimento do Kung Fu. Segue destacando que somos o nosso corpo e a partir dele que nos expressamos no mundo. Deste modo, a prática deve refletir a manifestação física e emocional do corpo de cada pessoa, sendo esse “corpo” constituído de várias camadas (corpo físico, psíquico, emocional, mental...) que se encontram interconectadas. Conclui sua fala dizendo que a experiência marcial, como um dispositivo, agrega todos esses aspectos; portanto, é de suma importância que haja respeito pelos corpos de cada praticante, uma vez que o tratamento deve se basear na demanda e especificidade de cada tutorado.

Uma das características singulares do sistema é o trabalho com a “linha central” (vertical e horizontal). O mestre reforça que todas as artes marciais trazem a noção de linha central,

entretanto o Ving Tsun a utiliza no sentido de tornar possível, a partir da prática, a ocupação dessa linha. Uma vez ocupada, o praticante tanto se protege como é capaz de enfrentar o adversário. Por esse motivo, no sistema Ving Tsun não existem movimentos rebuscados, de modo que o enfrentamento ocorra em relação à configuração que se apresenta, tendo sempre em vista a referência da linha central. Continua o raciocínio dizendo que a linha central é importante pois estabelece alguns pontos estratégicos que visam simplificar a defesa, as posições e os ângulos, acrescentando ainda que ela coincide com os sete chakras principais e os órgãos vitais.

A linha central é composta pelas noções de linha horizontal, linha vertical e linha basal. Essas linhas dividem o corpo em quadrantes, delimitando o máximo alcance dos braços e separando o tronco das pernas. Esta última divisão, especificamente, é estabelecida pela linha basal, uma vez que da cintura para baixo as pernas que trabalham, enquanto da cintura para cima são os braços que buscam manter toda a estrutura. Portanto, o movimento do corpo visa a ocupação dessa linha, se transformando continuamente para desobstruir a linha do adversário e ocupa-la.

Quando questionado sobre a diferença entre as noções de dispositivo corporal e técnica o mestre explica, com base no seu entendimento, que a técnica consiste em um gesto rígido que impõe o movimento à situação. Por outro lado, o dispositivo leva o praticante a adequar seu movimento de acordo com as circunstâncias; de forma que, somente no final do processo, ele se configure como uma técnica. Por fim, acrescenta que a prática do Kung Fu não envolve uma espécie de condicionamento ou a realização de muitas repetições, uma vez que o gesto só se mostrará efetivo caso esteja de acordo com a demanda do contexto.

Questão E: Quais aspectos devem ser considerados para o desenvolvimento do praticante de Ving Tsun?

Sobre o conceito de mobilização na lógica do sistema Ving Tsun, o mestre estabelece uma diferenciação frente ao conceito de “tutorização”. Nesse aspecto, enfatiza que a mobilização se refere ao praticante, no sentido de colocá-lo em movimento. Por outro lado, a tutorização remete ao sistema, ou seja, envolve uma atitude de proteção à experiência marcial, bem como respeito ao domínio e seus dispositivos. Em seguida, revela que a mobilização também ocorre no sentido contrário, do tutorado para o tutor.

Segundo o mestre, existem três níveis de mobilização: intrapessoal, interpessoal direta e interpessoal indireta. A mobilização intrapessoal envolve uma relação do praticante consigo mesmo, ao passo que a mobilização interpessoal direta se dá na relação que parte de um tutor para o tutorado. Por fim, existe também a mobilização interpessoal indireta, que traz consigo um terceiro elemento, sendo este o professor ou mestre que supervisiona e tutoriza a mobilização de outro tutor com seu tutorado. Acrescenta também que, como parte de todo esse processo, o tutorado tem a oportunidade de se tornar mobilizador em uma relação interpessoal direta; de forma que, a partir desse momento, ele comece entender como prover a experiência de um determinado domínio e seus dispositivos.

Somente quando o tutorado adquire uma visão “tridimensional” (provavelmente em referência a essa tríade de relações) que ele passa a redimensionar seus conhecimentos e se mostrar apto para transmiti-los. O entrevistado continua sua fala destacando que esse processo tem relação com a ideia de um “legado”. Aproveitando o ensejo, diz que existe uma diferença entre o sistema Ving Tsun e o Programa Moy Yat de Ving Tsun, sendo que este último caracteriza um esforço do Grão-Mestre, a pedido do Patriarca Moy Yat, para desenvolvimento de uma ferramenta para transmissão do sistema no mundo contemporâneo.

A partir de sua criação, o programa se estruturou e amadureceu ao longo das décadas, apresentando a “Vida Kung Fu” como um modo de acesso ao Ving Tsun, de forma que todo esse esforço se deu no intuito de honrar a denominação Moy Yat. Nesse sentido, as mobilizações existem para corroborar com esse processo por meio de “vetores estratégicos”, cada qual a dispor de um instrumento específico.

Questão F: Quais aspectos devem ser considerados para transmissão e aperfeiçoamento do sistema Ving Tsun?

De acordo com o entrevistado, aperfeiçoar o sistema é um desafio enfrentado por todos os mestres, inclusive no que se refere aos esforços do próprio Grão-Mestre, que está constantemente buscando um entendimento mais profundo do Ving Tsun, dentro de um processo progressivo e incessante. Para ele, aperfeiçoar significa simplificar; haja visto que, como sistema de Kung Fu, deve envolver o mínimo de esforço para alcançar o máximo de eficiência (otimizar). Ele conclui sua fala admitindo não apresentar o nível de Kung Fu

necessário para esse tipo de demanda, salientando que para isso precisaria estudar durante muito tempo.

Em um segundo momento, explicou ser importante para esse processo de transmissão que o praticante tenha a oportunidade de estabelecer um contato mais direto com o sistema. Desta forma, o tutor se mostra capaz de prover a experiência mais “pura” possível, permitindo ao tutorado que tire suas próprias conclusões dela. Para tanto, mostra-se necessário que ele entenda dos domínios e suas naturezas, bem como tenha clareza em relação ao modo de prover a experiência dentro de cada um desses domínios, o que envolve a capacidade de manipular o sistema e seus dispositivos para proporcionar a experiência mais adequada, que esteja em conformidade com o momento e com o nível no qual o praticante se encontra.

Sendo assim, o Programa Moy Yat Ving Tsun serve como uma espécie de ferramenta para suprir as demandas do mundo contemporâneo, sobretudo no que se refere a pouca disponibilidade de tempo para que o discípulo conviva com seu mestre, relação que antigamente era bastante comum. Por meio do provimento monitorado da Vida Kung Fu volta a ser possível esse tipo de convívio, sendo crucial que o tutor tenha em mente que todo praticante, em algum momento e em algum nível, deverá desempenhar o papel de tutor e transmissor do sistema.

Entretanto, é preciso que a relação entre o mestre e o praticante se fortaleça o suficiente para que ele se torne um discípulo, estabelecendo uma ligação vitalícia de responsabilidade com a transmissão do legado. Uma vez presente na vida do mestre, o discípulo passa a entrar em contato com sua forma de pensar e lidar frente aos desafios e problemas cotidianos. Conclui dizendo que o legado do mestre transcende o sistema, e o discípulo começa então a enxergar Kung Fu em tudo (fase não-estruturada), manifestando espontaneamente os ensinamentos incorporados.

Entrevistado C

Dados Pessoais

No que se refere à formação fora do universo das artes marciais, a mestra declarou ser graduada em administração de empresas, com especialização em marketing industrial. Nasceu em uma família de empresários na área industrial, motivo este que a levou a se desenvolver em

temas correlatos à saúde no ambiente de trabalho. Também se especializou em gestão avançada de qualidade de vida no trabalho, tema que gosta muito e no qual, eventualmente, desempenha alguns trabalhos.

Menciona também que a partir do início da pandemia passou a utilizar o Ving Tsun para desenvolvimento de trabalhos na área cooperativa, mais especificamente na preparação e orientação estratégica de pessoas e equipes. Nesse sentido, acrescenta que a formação no Ving Tsun complementa sua inserção no mundo profissional, destacando inclusive que já liderou uma equipe como empresária no ramo de alimentação. Atualmente, vem conhecendo e trabalhando com serviços voluntários, a exemplo de atividades que realiza com o público feminino, contexto no qual aborda especificamente assuntos sobre violência feminina.

Em relação à sua trajetória no sistema Ving Tsun, revela que pratica a modalidade há 20 anos. Nesse processo, percorreu uma “Vida Kung Fu” de grande proximidade com o Grão-Mestre Leo Imamura que, muito generosamente, permitiu que realizasse trabalhos tendo em vista seu desenvolvimento como orientadora estratégica. Para tanto, explica que essa capacidade se manifestou a partir da prática do sistema que, por sua vez, se baseia em uma linhagem tradicional.

Além do sistema Ving Tsun, praticou Karatê por um período de seis meses, pois acreditava que precisava gastar energia, uma vez que sofria de insônia (constatando depois que demandava justamente o inverso). Nesse contexto, não se sentiu atraída pela metodologia de ensino, que envolvia a realização de muitas repetições de movimentos. Explica que sempre possuiu muita força física, uma vez que nasceu no Rio Grande do Sul (característica dessa população), levando o Sensei (professor) a se deslumbrar com seu potencial.

Naquela época, de acordo com a mestra, o karatê estava voltado para os treinamentos de força, se distanciando de uma proposta mais filosófica da arte. Por esse motivo, acabou sofrendo uma lesão de ombro, decidindo depois desses seis meses que o Karatê não era sua melhor opção. Acrescenta que as artes japonesas têm uma característica mais “rígida”, justificando sua busca por uma outra arte mais liberal ou “orgânica”.

Além disso, em certo momento da entrevista, ela menciona que possui três irmãos com quem o convívio favoreceu a manifestação de um aspecto muito “masculino” de sua personalidade. Somente depois, quando conheceu o Grão-Mestre e iniciou a prática do Sistema Ving Tsun, que passou a desenvolver seu “lado” feminino, contribuindo para que adquirisse calma, paciência e resiliência.

Quando questionada sobre as titulações do Ving Tsun, a entrevistada respondeu possuir dois títulos: um internacional (Qualified Master pela International Kung Fu Federation) e outro

nacional (Mestre Qualificado pela Moy Yat Ving Tsun Martial Intelligence). Explica em seguida, que a diferença entre esses dois títulos é muito importante, uma vez que o título internacional denota uma característica de liderança, posto que oficializa sua representatividade como segunda mulher a pertencer a linhagem do Patriarca Moy Yat no mundo. Considera esse título de grande responsabilidade, pois endossa essa arte marcial em outros lugares, que não somente na China e nos EUA.

Ainda sobre o mesmo título, menciona que o recebeu diretamente das mãos da Madame Helen Moy – viúva do Patriarca Moy Yat - no ano de 2018, este último que trouxe a arte para o ocidente, em 1973. Em contrapartida, destaca que o título nacional também é de grande relevância, haja visto ter sido outorgado por seu Sifu (professor). Sendo assim, possui uma forte carga afetiva, além de refletir 20 anos de treinamento e seu reconhecimento – como entendedora do sistema – pelo Grão-Mestre.

No que diz respeito aos diferentes níveis, o sistema Ving Tsun obedece a um critério de transmissão, a partir do legado que se iniciou com a fundadora Ving Tsun. Explica que o praticante inicia o sistema galgando uma jornada para se tornar um discípulo. Complementa ressaltando que no oriente o praticante passa a ser discípulo imediatamente após ser apresentado ao mestre, ao contrário do que acontece no ocidente, onde é possível haver uma etapa preliminar de iniciação na cultura oriental.

Prossegue dizendo que depois de Mestre Qualificado existe o título de Mestre Sênior. Esse título não depende da quantidade de alunos que o mestre possui, mas sim da forma como manifesta seu Kung Fu na sociedade e no mundo a partir da linhagem, em respeito ao “panteão” dos mestres ancestrais. Somente quando os alunos se tornam mestres, que o tutor passa a adquirir o título de Grão-Mestre; sendo que ainda, após esse nível, existe o título de Patriarca, embora seja atribuído somente àquele que contribuiu com um legado de cinco gerações abaixo da sua.

Em relação aos níveis abaixo do Mestre Qualificado, existem diferentes categorias de tutores que são outorgadas pelo mestre de acordo com a evolução do praticante dentro do processo de tutorização do sistema. Ao longo do tempo, sob acompanhamento do mestre, o praticante pode se capacitar para mobilização dos iniciantes. Segundo a entrevistada, para cada domínio existe um grau de tutor, que deve concluir todas as etapas para se tornar um mestre.

Tutor é um termo designado a qualquer pessoa capacitada para promover a tutorização dos domínios que compõem o sistema Ving Tsun, por meio dos níveis de acesso oferecidos pelo Programa Moy Yat de Inteligência Marcial. Esses títulos de tutor são alcançados na medida em que cada praticante percorre sua jornada pessoal, como também quando se mostra capaz

de transmitir o legado do sistema. Dentre os níveis que existem abaixo do título de Mestre Qualificado, constam: o Tutor Monitor, o Tutor Assistente, o Tutor Pleno, o Tutor Especialista e o Tutor Sênior. Somente quando o discípulo adquire o título de Mestre Qualificado que ele passa a ter permissão para constituir uma Família Kung Fu.

A mestra também destaca que o título de mestre é diferente do título de Sifu (professor), de modo que nem todos os discípulos com o título de mestres (a exemplo da própria mestra e de alguns mestres sêniores) possuem uma Família Kung Fu aberta. Sobre o fato de não ter aberto uma família, complementa que seu mestre lhe outorgou essa possibilidade. Entretanto, em virtude da pandemia, julgou não ser o momento oportuno para isso.

Enfatiza em seguida que, mais importante do que as questões técnicas, são aquelas relativas à tradição, pois permitem o aprofundamento e a compreensão de que tudo tem um momento certo para acontecer. Mais detalhadamente, ela explana que os chineses acreditam na sincronicidade entre três representações simbólicas (O Céu, a Terra e o Homem). A partir do alinhamento desses três elementos, torna-se possível reconhecer – caso a pessoa não esteja “dormindo” (provavelmente fora do estado de prontidão) - as oportunidades que surgem no momento certo de cada processo.

Por fim, quando lhe perguntam o porquê de não ter aberto uma família, ela explica que – simbolicamente - a Família Kung Fu repousa em seu coração, além de todos os elementos que integram essa noção, como por exemplo: o Mo Lan (Comunidade Marcial), o Mogun (Recinto Marcial) e o próprio Sistema Ving Tsun. Segue o diálogo resgatando a ideia de Sam Faat (Vida Kung Fu), discorrendo que se trata de um processo de educação muito distinto. Explica que os ancestrais tinham o costume de deixar seus filhos nos cuidados de um mestre, que por sua vez se encarregava de oferecer uma educação voltada para a vida. Mais adiante, complementa que as artes marciais não são boas nem ruins, dependendo da forma como é interpretada e apropriada, trazendo consigo o potencial de criar um espaço propício para o aprofundamento das relações pessoais e para o entendimento dos “porquês” (funcionamento) da vida.

A respeito do cargo ou função que ocupa dentro da instituição, a mestra começa explicando que cada jornada é única quando se pertence a uma Família Kung Fu. Segue dizendo que principalmente nos últimos 12 anos desenvolveu a ideia de Vida Kung Fu, a partir de uma relação de proximidade com seu mestre. Do ano de 2008 em diante – com a inauguração da “casa dos discípulos - se tornou a Kau Tau (aquele/a que cuida do acolhimento e das relações humanas dentro do Mogun). Essa denominação implica um grau de muita proximidade com o mestre, o que pressupõe a responsabilidade de proteção à família, além do exercício de outras

atividades essenciais dentro da instituição (ex: administrativas). Sendo assim, trata-se de uma “função” que tem por base a confiança depositada pelo mestre, de tal forma que ele passa a entregar parte de sua vida pessoal aos cuidados desse discípulo.

A mestra ressalta que não é um processo fácil, embora favoreça – aos poucos – o surgimento de mais oportunidades, bem como possibilita ao discípulo desenvolver de forma mais consistente e ampliada o seu Kung Fu, culminando na ideia de Sam Faat (Vida Kung Fu). Explica em seguida, que essa ideia consiste em um “método” de união do “coração” com a “mente”. Enfatiza também que Vida Kung Fu é uma ideia diferente, própria das artes marciais, de modo que não aconteceria normalmente na sociedade. Nesse sentido, o praticante aprende como abordar e lidar com as diferentes situações que se apresentam, estudando estratégias aplicadas às relações humanas, enxergando os cenários de forma ampliada e tratando os outros com respeito. Conclui dizendo que adquiriu tudo isso, com profundidade, de seu mestre.

Questão A: No seu entendimento, o que é o Ving Tsun e quais são as suas principais características?

Segundo a entrevistada, Ving Tsun é o nome de uma das fundadoras dessa arte marcial. Mais especificamente, explica que foi fundada pela monja Ng Mui no sul da China, em torno de 1736, embora tenha sido organizada por uma moça chamada Ving Tsun. Como arte marcial, consiste na exploração de um sistema de movimentos corporais que parte da necessidade de proteção do “centro físico”. A partir dessa premissa, se estabelece um conjunto inteligente que visa dar cobertura à “linha central” para garantir a defesa pessoal e, posteriormente, possibilitar o ataque. Posteriormente, a mestra menciona que a fundadora Ng Mui desenvolveu o sistema ao observar a luta de um grou contra uma serpente, e que alguns estilos de artes marciais chinesas possuem, como característica comum, gestos baseados em movimentos de animais para aplicação em combate.

A mestra conclui dizendo que o Ving Tsun compõe uma listagem de movimentos e possibilidades corporais que desenvolvem a noção dos limites corporais do praticante. Esse pressuposto permite diversos desdobramento, a exemplo da possibilidade de interagir com um adversário, que pode ser uma pessoa ou uma situação adversa. Adentrando mais a questão, ela salienta que esse tipo de conduta depende da análise antecipada de uma determinada situação, no intuito de identificar sua estrutura e características, bem como seu funcionamento e as relações que estabelecem entre seus componentes. Isso tudo tendo em vista o objetivo de

preservação da vida. Destaca em seguida que, de maneira geral, embora todo esse conteúdo se manifeste no plano do “visível”, dentro dessa condição também existe um plano “invisível”. Deste modo, o Sistema Ving Tsun se configura como uma espécie de ferramenta passível de ser acessada, apropriada e ampliada pelo praticante, dentro de um processo de autoconhecimento e ampliação do poder pessoal.

Questão B: Como o Ving Tsun é estruturado?

Com base em sua opinião pessoal, a mestra menciona que na China o sistema é visto como uma listagem, ideia que remete a uma espécie de receita. Nesse sentido, pode-se dizer que configura um ordenamento. Portanto, essa listagem de possibilidades de movimentos corporais atua como se fizesse um “escaneamento” do corpo, estabelecendo uma geometria que elege pontos importantes na perspectiva da defesa pessoal e do “avanço” (provavelmente se referiu ao ataque). Complementa dizendo que tudo isso decorreu de um estudo minucioso da constituição das alavancas articulares, da percepção dos limites corporais e de como se expressar a partir da condição física individual, de modo que o sistema se mostra “aberto” para qualquer tipo de praticante. No mais, ressalta que a transmissão dos conhecimentos ao longo do tempo (desde 300 anos atrás) se deu principalmente de forma corporal, mas também verbalmente.

Ela ainda endossa essa colocação dizendo que o Grão-Mestre insiste em não interferir no processo de aprendizagem dos praticantes, inclusive evitando que a pessoa desenvolva somente a “cabeça” (provavelmente, no sentido das faculdades intelectuais) para que ela passe a utilizar o coração (percepção). Isso só se torna possível por meio dessa estrutura de movimentos, cujo conteúdo se divide e se organiza dentro dos chamados “domínios”.

No que se refere a esses domínios (Siu Nim Tau, Cham Kiu, Biu Ji, etc.), os conteúdos são divididos em basicamente três fases: Sau (fase estruturada) Pou (fase semiestruturada) Lei (fase não estruturada). Na fase estruturada, a mestra faz uma analogia com o crescimento da planta, que precisa primeiro criar raízes, para somente depois se desenvolver. Associa a essa ideia a noção de enraizamento e reconhecimento do centro corporal no Ving Tsun. A fase semiestruturada - novamente utilizando a mesma analogia - é o momento em que a planta começa a se conectar com a natureza no seu entorno para se desenvolver e criar o caule, os ramos e as folhas.

Finalmente, na fase não estruturada, a planta gera seus frutos e continua seu ciclo vital. Chega então um momento que o praticante começa a enxergar Kung Fu em tudo a sua volta, percebendo a beleza dos fenômenos, mas também a importância da vida frente a possibilidade de perde-la. Somente desenvolvendo essa percepção que a prática passa a adquirir um “ar” (característica) de legitimidade. Acrescenta ainda que essa postura é algo que falta na sociedade como um todo.

Após as fases mencionadas anteriormente, entra o recurso de refinamento e das armas. Ela explica que consiste em uma nova estrutura para complementar a formação do praticante, que passa a estender as noções desenvolvidas anteriormente para o universo das armas. Com isso, ele amplia suas capacidades de defesa ao fazer dos objetos uma extensão de seu próprio corpo.

Transitando para outro assunto na mesma questão, a mestra menciona a genealogia como um recurso para o reconhecimento dos ancestrais, que desenvolveram a arte de acordo com seu momento histórico. Ela também comenta que cada ancestral eventualmente se deparou com uma circunstância (acaso) que coadunou com sua vocação interna. Expressa ainda a opinião de que esses acontecimentos perpassam o inconsciente coletivo, incidindo nas pessoas que demonstram interesse em proteger conhecimentos importantes, que podem beneficiar as outras pessoas.

A entrevistada completa sua fala anterior resgatando a noção de “Família Kung Fu”, que envolve um entendimento diferente do conceito de uma família consanguínea. Nesse aspecto, ela coloca que teve uma relação de maior proximidade com sua Família Kung Fu do que com sua família consanguínea, uma vez que passou a morar distante de seus familiares há muitos anos. Entretanto, destaca que ambas famílias têm sua importância e devem preservar um legado, sendo que o Sistema Ving Tsun Kung Fu deve ser transmitido de forma ‘pura’ e ser perpetuado para salvaguarda desta arte para as próximas gerações.

Questão C: Existem conceitos ou noções que fundamentam a prática do Ving Tsun? Quais são eles?

A entrevistada começa explorando a noção de “inteligência marcial”. Explica que o termo foi cunhado pelo Grão-Mestre, no sentido de contribuir com questões que se circunscrevem no âmbito do “não-aparente”, completando ainda que ele foi muito bem

sucedido nesse quesito. Portanto, conseguiu explorar o sistema através de muitos estudos, contando com o apoio de sinólogos para um melhor entendimento de seus aspectos filosóficos.

A ideia de inteligência marcial foi introduzida por um programa requisitado ao Grão-Mestre pelo próprio Patriarca Moy Yat no ano de 2001, antes de seu falecimento. O Patriarca entendia que para a arte sobreviver no ocidente, era preciso desenvolver um programa que permitisse ao povo ocidental “digerir” a ideia de Sam Faat (Vida Kung Fu). Essa ideia, por sua vez, corresponde a uma forma de educação pautada em ensinamentos e costumes ancestrais, sendo de muito difícil assimilação, uma vez que hoje existem atividades mais convidativas nas quais as pessoas preferem se engajar (ex: advindas do desenvolvimento tecnológico).

Segue o raciocínio discorrendo que a inteligência estratégica traz uma outra perspectiva, com o potencial de otimizar a vida do praticante a partir de um sistema de inteligência marcial. Acrescenta que, para isso, é necessário desenvolver um entendimento de como funciona esse “instrumental”, a partir de uma mentalidade de abertura frente ao desconhecido da vida. Ainda nesse tocante, a mestra destaca que costumamos enquadrar (delimitar) os acontecimentos da vida, ressaltando que ela mesma precisava, antes de conhecer o Ving Tsun, experimentar um processo mais “aleatório”. Diz que somente por meio dessa aleatoriedade que se torna possível desenvolver a inteligência estratégica, um instrumento poderoso que pode ser transposto e expandido para diversas áreas da vida.

A inteligência estratégica se baseia na ideia de desenvolvimento humano. No mais, também envolve um saber que visa o estabelecimento de conexões com o ambiente e com as diversas situações que se apresentam, bem como o desenvolvimento da percepção acerca das conexões. Para além disso, se trata de manifestar a consciência de “humanidade”, a partir de uma postura que possibilite ao praticante aprender com os erros dos outros, sem precisar necessariamente entrar em conflito – no sentido bélico – com o inimigo.

Mais adiante, explica que essa questão se relaciona com uma perspectiva confucionista. Continua explicando que tanto o Confucionismo como o Taoísmo são formas de pensamento intimamente relacionadas com essa arte marcial, cuja influência se dá no intuito de servir ao “equilíbrio”. A mestra exemplifica essa relação a partir de uma analogia com os instrumentos equalizadores dos DJ’s (“Disc Jockey”). Conclui que o estabelecimento de uma conexão com o ambiente no entorno somente se torna possível por meio do autoconhecimento, destacando ainda que as pessoas que não praticam artes marciais carecem dessa sensibilidade.

Ainda sobre esse aspecto, considera importante que o praticante “se apoie” na situação, da mesma forma que ocorre com o “toque corporal” dentro da prática do Ving Tsun. Nesse sentido, concebe a inteligência estratégica como um recurso para construção de uma espécie de

“eixo” que favoreça o entendimento de si mesmo, sobretudo no que se refere a um processo de apropriação dos recursos individuais. Somente assim é possível estabelecer contato com o outro, sendo o corpo um recurso muito poderoso nesse processo. Acrescenta que, em contraposição a essa ideia, as pessoas costumam exercitar demasiadamente as faculdades mentais, o que nos leva a se distanciar da nossa natureza e do universo como um todo.

Resumindo esse tópico, traz novamente a ideia de Sam Faat (Vida Kung Fu) como um meio para que o praticante expresse sua vocação. Sendo assim, explica que tanto as características inatas como as interações e o convívio ao longo da vida, criam espécies de “camadas” que são impostas ao longo de todo esse processo, frente às quais o sistema pode atuar para dispensá-las, o que corresponde a própria ideia de desenvolvimento humano (des – envolver).

Em seguida, comenta que as pessoas acabaram adoecendo mentalmente na pandemia a partir de um sentimento de desamparo (como se estivessem “sem chão”). Mencionou que até mesmo ela, em alguns momentos, notou estar com a mesma sensação. Entretanto, enfatiza que possui a capacidade de contornar esses problemas, estabelecendo uma analogia com a água, que percorre seu caminho desviando dos obstáculos.

Para endossar as qualidades da conduta feminina, ela comenta sobre a importância do papel de mãe, que envolve uma atitude “corajosa”, característica também relativa ao aspecto feminino, uma vez que exige um comportamento de entrega. Acrescenta que o “feminino” acolhe e, por meio desse acolhimento, possibilita a manifestação da vida. Estabelecendo uma ligação com o Ving Tsun, associa essa ideia ao Siu Nim Do 小念道 (primeiro domínio do sistema, que significa: “Pequena Ideia do Caminho”), uma vez que representa o conteúdo germinal que dá início a todo o processo de desenvolvimento do praticante na arte.

A partir de certo momento, a mestra explica que precisou se distanciar – sem se desconectar – de seu mestre dentro da jornada como praticante, assumindo responsabilidade com a transmissão do legado, o que a coloca em condição semelhante a de uma “irmã de caminho” na relação com seu mestre. Diz se sentir feliz, uma vez que atua em grupos compostos somente por mulheres, destacando que agora seu desafio é lidar com o universo feminino.

Questão D: Qual o papel do movimento humano na prática do Ving Tsun?

Ela acredita que o movimento é a assinatura do corpo humano, servindo inclusive para a função de sobrevivência. Diz que nascemos para nos movimentarmos, de modo que adoecemos – tanto fisicamente como psicologicamente – quando ficamos parados. Além disso, é por meio do movimento que nos comunicamos e nos relacionamos. Especificamente no que tange às artes marciais, ela destaca a existência de meridianos e pontos vitais, que compõem linhas imaginárias e correspondem aos nossos órgãos e vísceras. Nesse sentido, o movimento tem função de interceptar qualquer tipo de ameaça a esses pontos.

O corpo humano apresenta várias estruturas de conexão e alavancas, que se dispõem da periferia para o centro corporal. A arte configura uma relação de movimentos estruturais que visam interromper uma determinada ameaça, que pode acontecer à curta, média ou longa distância. Esses movimentos compõem a listagem principal, existindo ainda conteúdos associados que complementam essa listagem.

A fim de melhor elucidar a concepção de “listagem principal”, podemos descrevê-la como um conjunto de movimentos previamente determinados, que são realizados individualmente e compõem os Jiu Sik. De forma complementar, os “conteúdos associados” consistem em exercícios realizados em duplas (frente à frente) para exploração da listagem principal. O “Chi Sau” (aderir os punhos) é exemplo de um conteúdo associado que envolve o toque dos punhos entre dois praticantes, possibilitando um estudo de proteção do próprio centro corporal, ou ocupação do centro corporal do adversário.

Em outras palavras, a prática dos conteúdos associados permite a exploração da listagem principal para fazer seu potencial se manifestar no plano da ação. Mais detalhadamente, existe um aspecto imaginário (linhas e formas) que compõe dispositivos estratégicos para ocupação que favorecem a posição física frente a alguma ameaça, possibilitando a realização de defesas e ataques efetivos, ou mesmo a adoção de uma atitude antecipatória.

Quando questionada acerca dos “dispositivos corporais de combate simbólico”, a mestra comenta que consistem em movimentos cujo objetivo é aparelhar a linha central para interceptar ou disparar golpes, de modo a servir como um inventário de possibilidades de posições e movimentos. Nesse sentido, ressalta a importância de sua natureza “invisível”, no que se refere a existência de um potencial que esses dispositivos apresentam para se transformarem em diferentes possibilidades de movimentos. Complementa sua fala anterior dizendo que as artes marciais não podem se resumir a simples repetições de movimentos, enfatizando que desta

maneira ela acaba desperdiçando seu potencial. Segue explicando que a tutorização de um sistema é diferente da mobilização de um praticante, uma vez que ao mobiliza-lo o mestre deve ensinar uma atitude de abertura frente ao seu processo de desenvolvimento, dentro de uma relação chamada de “relação Si-To” - entre o Sifu (professor) e o Todai (praticante).

Posteriormente, destaca que o Jiu Sik (dispositivos corporais de combate simbólico) só pode ser devidamente compreendido quando trabalhado em conjunto com conteúdos associados. Neste caso, utiliza o soco como um exemplo, que deve ser tangenciado por uma outra pessoa (dupla) da maneira mais efetiva possível, tendo em vista a preservação da vida. Sendo assim, a noção de combate simbólico representa justamente o objetivo de cultivar a vida, uma vez que não envolve o risco de morte no sentido literal.

A mestra explica que o desenvolvimento do sistema depende necessariamente da interpretação/apropriação que o mestre faz dele. Destaca, em seguida, que possui um discípulo (feminino) cujo estudo da arte se volta mais ao aspecto físico. Comenta ainda sobre o caso de uma aluna com deficiência visual, exigindo uma abordagem diferenciada que não se restringe somente aos movimentos, mas envolve uma mobilização com o propósito de torna-la mais segura. Nesse sentido, diz que a pratica corporal existe, mas também é preciso reservar um tempo (de pausa) para que a aluna assimile o que lhe foi ensinado.

Conclui então que a ideia do Jiu Sik é ampliar a consciência do praticante frente a premência de um cenário imprevisível, quando muitas vezes ele pressupõe equivocadamente que irá encontrar exatamente as mesmas situações que vivenciou na prática. Essa consciência sobre a aleatoriedade dos acontecimentos é fundamental para que se alcance o sucesso. Entretanto, ressalta que esse processo deve ser muito bem “dosado” pelo mestre, para que assim o aluno não se frustre e acabe desistindo da prática. Além disso, ela acredita que o ser humano é imprevisível, sendo necessário – como mestre – desconstruir o sistema para colocá-lo, muito delicadamente, a favor do público para quem está ministrando a prática.

Questão E: Quais aspectos devem ser considerados para o desenvolvimento do praticante de Ving Tsun?

A mestra responde que quando um aluno procura um tutor, este tem como obrigação fazer com que a pessoa se sinta à vontade. Para tanto, é necessário oferecer acolhimento e não atropelar o processo do praticante, de modo a não impor sua opinião ou suas interpretações

peçoais. Somente um mestre é capaz desenvolver essa capacidade de percepção/aprendizado, algo que depende estritamente de suas experiências e trajetória de vida. Sendo assim, a experiência deve ser colocada a serviço do *Todai* (praticante), para que ele possa explorar e elevar seu próprio Kung Fu.

Portanto, ela enfatiza que não se ensina Kung Fu, mas se empreende um esforço para fazer aflorar o Kung Fu que já existe na pessoa, embora antes estivesse “adormecido” (ainda não-manifestado). Para isso, cabe ao mestre agir com critério e parcimônia, bem como demonstrar ética, uma vez que possui o poder de afetar significativamente a vida dos outros, o que exige grande responsabilidade. A mestra ressalta que, caso o tutor venha a manifestar um lado “negativo”, cabe a ele perceber esse movimento e se recolher. Portanto, acredita que a ética diz respeito a um senso de equilíbrio e domínio da própria personalidade.

No que diz respeito ao “feminino”, a mestra destaca que o gênero do mestre faz diferença quanto a sua forma de se colocar, uma vez que a mulher - sendo mestre ou praticante – possui características físicas e psicológicas particulares e diferentes dos homens. Todavia, acredita que o mais importante, no caso do praticante, é que o mestre esteja atento à sua individualidade e o modo como se apresenta em um dado momento (se ele está ou não disponível ao aprendizado, por exemplo). Ainda sobre esse aspecto, comenta que existem diferentes formas de usurpar o outro, devendo o tutor ter cuidado com o risco de “atravessar” (desrespeitar) o praticante.

Questão F: Quais aspectos devem ser considerados para transmissão e aperfeiçoamento do sistema Ving Tsun?

De acordo com a sua opinião, a entrevistada acredita que dentro desse processo é importante se mostrar sempre disponível ao sistema. Faz referência em seguida a uma frase pronunciada pelo Patriarca Moy Yat: “Kung Fu sem sistema não é um bom Kung Fu. Kung Fu que depende de um sistema, também não é um bom Kung Fu”. Em outras palavras, significa que não é possível praticar Kung Fu sem um sistema, mas também que o sistema não deve limitar o desenvolvimento do praticante.

O mestre precisa manifestar uma experiência viva de seu Kung Fu. Ou seja, apesar de ter estudado todo o sistema, há a necessidade constante de atualização dos conteúdos em função do momento histórico, bem como das condições que o caracterizam. Porém a mestra acredita

que, apesar de algumas pessoas modificarem negativamente o sistema, nem toda inovação implica necessariamente em uma alteração estrutural. No que diz respeito a questões mais delicadas, físicas ou relativas aos movimentos, existe a possibilidade de adaptações que sejam pertinentes; entretanto, modificações maiores podem repercutir em uma perturbação da própria lógica do sistema.

Ela conclui dizendo que um mestre tem autoridade para fazer qualquer tipo de modificação, mas que isso nem sempre se mostra conveniente, de modo que algumas pessoas querem mudar o sistema sem entender seus aspectos mais básicos, ou mesmo sem explorar a fundo seus conteúdos. Ressalta que pertence a linhagem da sua Família Moy Yat Sang, sendo seu Mestre representante da 10^o geração na Linha Ancestral e ela representante da 11^o geração desta mesma Linhagem. Por fim, explica que a linhagem é composta por 10 mestres ancestrais, e que seu mestre em nada alterou os movimentos do sistema, mas somente ampliou seu entendimento para que, de acordo com o contexto e o momento, pudesse adaptar e passar a arte adiante.

Entrevistado D

Dados Pessoais

No que se refere a sua formação acadêmica, o entrevistado responde que possui graduação em letras (licenciatura), embora não exerça a profissão na prática. Além disso, também comenta que possui formação não acadêmica em fotografia, como produtor de vídeos e como astrólogo.

Quanto a sua experiência no âmbito das artes marciais fora do sistema Ving Tsun, menciona que já praticou o estilo Shaolin do Norte de Kung Fu no período da adolescência, durante aproximadamente seis meses. Também praticou capoeira e karatê com um amigo durante pouco tempo na mesma época (entre os 14 e 17 anos). Iniciou a prática do Ving Tsun em janeiro de 1997, há mais de 20 anos, e atualmente possui o título de Mestre Sênior pela International Moy Yat Federation.

Quando questionado sobre as titulações do Ving Tsun, ele explica que antes do título de mestre existem diversos níveis de tutor, sendo estes níveis ocupados por praticantes que

exercem o papel de instrutores. Sendo assim, os tutores podem ser classificados em ordem crescente do menos experiente para o mais experiente: tutor monitor, tutor assistente, tutor pleno, tutor especialista e tutor sênior. Somente após essas categorias que o praticante pode avançar e adquirir o título de mestre, título este que possui duas classes, em sequência: primeiro mestre qualificado e depois mestre sênior. Para além do título de mestre, o entrevistado ressalta que existe o título de Grão-Mestre e, após este, o título de Patriarca (a exemplo do Patriarca Moy Yat e do Patriarca Ip Man)

No que diz respeito ao exercício de funções, cargos ou papéis na instituição, o mestre menciona que atualmente ocupa a posição de diretor do núcleo do Brooklin (SP) além de ser discípulo direto do Grão-Mestre responsável pela MYVTMI, enquanto relação que estabelece dentro da Família Kung Fu.

Questão A: No seu entendimento, o que é o Ving Tsun e quais são as suas principais características?

O mestre explica que o Ving Tsun se trata de um sistema chinês de dispositivos corporais de combate simbólico que foi criado por uma mulher. Como um sistema chinês de variação, prevê o desenvolvimento de uma inteligência que envolve a capacidade de adaptação do praticante frente à diferentes circunstâncias que podem se apresentar. Os dispositivos corporais de combate simbólico pressupõem a existência de uma organização sistêmica, composta por seis domínios, nos quais o praticante experimenta corporalmente três fases: fase estruturada (Sau), fase semiestruturada (Pou) e fase não-estruturada (Lei).

Em um segundo momento, o mestre discorre sobre o desafio que existe dentro do sistema frente à impossibilidade de transmitir ao praticante qualquer tipo de habilidade. Nesse sentido, ressalta que a engenhosidade do sistema chinês está em proporcionar às pessoas condições para que elas possam desenvolver o Kung Fu já existente nelas mesmas. Sendo assim, vale da premissa de que o praticante já possui algo que precisa se desenvolver (aflorar).

O praticante inicia o Sistema Ving Tsun na fase estruturada (Sau), caracterizada por uma natureza de organização em que todas as possibilidades podem ser previstas. Já na fase semiestruturada (Pou), ele começa a lidar com uma organização ainda previsível, mas que envolve agora possibilidades de mudanças (dinamismo). Somente então, na fase não-

estruturada (Lei), que ele deve se adaptar às circunstâncias que se apresentam sem nenhuma estrutura ou previsibilidade.

Para exemplificar esse processo, o mestre faz analogia com as fases da vida: na infância, a criança precisa se submeter e obedecer a um conjunto de regras; já na adolescência, a pessoa se torna rebelde, mas ainda recua frente ao aparecimento de limites ou situações adversas (que exigem responsabilidade); e finalmente, na fase adulta, embora as regras já estejam internalizadas, o indivíduo apresenta autonomia e capacidade de se adaptar às circunstâncias da vida. Segue dizendo que o bom sistema de Kung Fu é aquele do qual a pessoa não pode depender, mas somente utilizá-lo como meio para aprender o Kung Fu, sem depois necessitar dele para expressar aquilo que aprendeu. O aprendizado adquirido a partir desse processo pode então, posteriormente, ser transposto para as outras áreas da vida (não restrito à prática do sistema).

Novamente no que tange à organização do sistema, o mestre destaca que as três fases anteriormente mencionadas se configuram em seis domínios: Siu Nim Tau, Cham Kiu, Biu Ji, Mui Fa Jong, Luk Dim Bun Gwan e Baat Jaam Do. Os três primeiros domínios correspondem a primeira fase (estruturada), que se caracteriza pela prática das mãos livres (Kin Faat), já a segunda trilogia corresponde à segunda fase (semiestruturada), que envolve a utilização de aparelhos: Jong Faat (boneco de madeira), Quan Faat (bastão) e Doa Faat (faca), tendo cada um desses instrumentos uma qualidade distintiva que representa sua natureza.

Somente após todos esses domínios que o praticante adentra a fase não estruturada (Mui Faat), sendo característica dessa fase a ausência de qualquer composição, embora ainda englobe todos os conteúdos anteriores. Em outras palavras, o praticante pode se utilizar tanto dos instrumentos anteriormente citados, como também de qualquer outra coisa. O mestre traz como exemplo a fotografia ou as artes, que aparentemente não têm relação nenhuma relação com esses domínios, mas que podem ser meios de expressão do Kung Fu desenvolvido para outras atividades da vida. Isso representa, em tese, a capacidade de manifestar o Kung Fu para além da habilidade marcial, de modo a estendê-lo para a conduta cotidiana. Apesar de ser mais proeminente na última fase, essa habilidade já vem sendo desenvolvida desde o começo do processo, comenta o mestre.

O sistema Ving Tsun não estabelece, a priori, nenhum objetivo. Quem o determina é o praticante, algo que exige um mestre para servir de guia na introdução e percurso do sistema. Após isso, o mestre endossa que a fase não-estruturada possui sim uma estrutura, mas que essa estrutura traz consigo a condição necessária para se adaptar a qualquer circunstância.

Posteriormente, o mestre resgata a origem do Ving Tsun, reiterando que o sistema foi criado por uma mulher. Essa observação veio à tona uma vez que sua intenção foi desenvolver a ideia de “conduta feminina”, explicando que sua principal característica é o acolhimento. Dentro do sistema Ving Tsun, esse acolhimento se dá especificamente no âmbito do movimento, o que normalmente acontece de maneira oposta, uma vez que o praticante tem a tendência de se opor ao golpe. Ele levanta em seguida um questionamento: Quando se deve interceptar um golpe? No início (quando ele nasce), no meio (seu ápice) ou no final (quando perde a força)?

Seguindo o raciocínio, pergunta se costumamos acolher uma ideia diferente da nossa, haja visto que o Kung Fu deve ser transposto para a vida cotidiana, inclusive o que diz respeito às relações sociais. Destaca ainda, quando fala sobre conduta feminina, que esse aspecto não se restringe às mulheres, podendo se manifestar também no homem. O mestre associa à conduta masculina qualidades como: agressividade, não saber escutar, a força bruta/excessiva e a impulsividade. Em contrapartida, as qualidades da conduta feminina envolvem a capacidade de ouvir e de aproveitar a força do outro. Acrescenta que todas as artes apresentam a ideia do “feminino”, embora em algumas esse aspecto surge de forma mais evidente.

A conduta feminina também se diferencia do conceito de “feminismo”, haja visto que muitas vezes podemos encontrar mulheres com uma conduta masculina e homens com conduta feminina. O Sistema Ving Tsun possibilita o desenvolvimento de uma atitude reflexiva que, embora não force o praticante a mudar, o possibilita lapidar sua personalidade, a exemplo de uma pessoa impulsiva cujo comportamento, que deve envolver perdas, pode então ser questionado. No mais, toda a experiência que acontece no âmbito corporal, sobretudo as reações frente às atitudes do outro, podem se manifestar e se expandir para a vida.

Por fim, ele destaca que podem existir contextos nos quais a conduta masculina se mostra mais apropriada, de modo que o estrategista deverá sempre se “apoiar” na demanda da circunstância que se apresenta.

Questão B: Como o Ving Tsun é estruturado?

Nessa questão, o mestre passou a descrever com mais detalhes a estrutura do sistema. Nesse sentido, enfatizou a importância do número três, utilizando como exemplo os domínios, que se apresentam como uma “dupla de três”, sendo o primeiro grupo referente aos três

primeiros domínios (Siu Nim Tau, Cham Kiu, Biu Ji) e o segundo grupo referente aos três últimos domínios (Mui Fa Jong, Luk Dim Bun Gwan e Baat Jaam Do). Ainda sobre esse aspecto, estabelece uma relação com a ideia de “caminho do meio”, ressaltando que ao se posicionar no ponto central a pessoa tem a vantagem de poder transitar com mais facilidade – envolvendo menor gasto de energia e tempo - entre os dois outros pontos (no caso de três elementos).

Para complementar essa ideia, explica que a existência de dois centros com seis pontos (analogamente aos seis domínios do sistema) possibilita ao praticante maior capacidade de variação e adaptação frente às circunstâncias. Acrescenta que normalmente as pessoas, quando pensam em fazer uma escolha, na verdade estão diante de um dilema (sim ou não), entretanto somente quando se tem acesso a mais possibilidades – como exemplo do esquema de variação mencionado – que a pessoa pode então fazer uma escolha. Isso é o que caracteriza um sistema de variação, ou seja, a possibilidade de variar e a conexão entre as partes. Apresentando mais um exemplo da importância do número três, o mestre explica que um soco (exemplo) se configura a partir de um movimento que o antecede e outro que o sucede, ambos necessários para determinar a natureza desse soco.

Finalizando a explicação sobre os domínios, ele diz que a palavra “domínio” remete à ideia de um território de movimentos, de modo que o praticante, quando se encontra no limite de um deles, imediatamente já está transitando para o próximo domínio. Em outras palavras, significa que os domínios compõem um continuum dentro do qual o praticante, antes de terminar um nível, já começa a apresentar uma tendência espontânea, a partir do cultivo do sistema, para transitar e adentrar a próxima etapa.

Questão C: Existem conceitos ou noções que fundamentam a prática do Ving Tsun? Quais são eles?

Quando questionado acerca dos conceitos e noções que permeiam a prática Ving Tsun, de antemão o mestre apresentou a “linha central”. Segundo ele, essa noção é de fundamental importância para o sistema, uma vez que envolve a ideia de ocupação do centro corporal, centro este que pode ser dividido em diferentes regiões (média, alta e baixa), sendo que as regiões média e a alta concentram os pontos que devem ser visados pelos movimentos de socos e a região

mais baixa aqueles para os quais se deve direcionar os chutes. Portanto, destaca que essas são basicamente as três áreas do corpo que precisam ser protegidas.

Em seguida, menciona a possibilidade de perda do centro, de modo que existem diferentes abordagens para recuperar essa linha central. Posteriormente, explica que no Ving Tsun não existem ataques e defesas, mas somente essa perspectiva de ocupação, algo que se relaciona a ideia de obter a vantagem estratégica e estar sempre “um passo à frente” do oponente. Nesse sentido, surge então a possibilidade de golpear, neutralizar ou outras atitudes que dependem estritamente do contexto no qual elas se manifestam. Deste modo, uma vez que o praticante ocupa o meio, ele pode gerar um desequilíbrio no adversário ao ocupar esse espaço (jogá-lo para a borda). Complementa posteriormente que, ao ocupar o meio, a pessoa estabelece uma posição de vantagem em comparação ao outro, sendo que essa abordagem pode ser transposta também para outras situações da vida cotidiana (ex: reuniões), uma vez que elas exigem que estejamos “centrados”.

Como um segundo elemento que o mestre elenca dentre as noções fundamentais do Ving Tsun, encontram-se os quatro fatores que devem ser considerados para o monitoramento da dinâmica de movimentos que envolvem a linha central, sendo eles: posicionamentos, distância, timing e energia. Segundo ele, o posicionamento em si proporciona uma condição de alavanca favorável para a geração de força, tornando possível a manifestação de movimentos que naturalmente possuem energia. No que se refere à distância, o espaço entre os dois oponentes é a condição que irá determinar o tipo de alavanca mais favorável a ser utilizada, de modo que a curta distância o praticante pode se utilizar de movimentos como “cotoveladas”, a média distância ataques com a palma da mão, e a longas distâncias chutes, por exemplo. Sendo assim, mostra-se necessário ter inteligência para conseguir transitar entre essas diferentes distâncias. O mestre ressalta ainda, que todos esses fatores estão interconectados.

No que diz respeito ao “timing”, ele explica que se trata de “fazer a coisa certa na hora certa”. Portanto, não adianta o adversário estar posicionado na distância correta se não existe abertura em sua guarda para possibilitar a aplicação de um ataque. Acrescenta em seguida que “timing” não significa velocidade, uma vez que a velocidade em si é uma capacidade que não é tão importante. Por último comenta sobre a “energia”, que envolve a utilização do corpo inteiro – perna, pelve e coluna – para configurar as alavancas e gerar um movimento que se manifeste com força. Ainda nesse tocante, destaca a importância de golpear quando a “base” do adversário estiver “fraca”. Ressalta ainda que existem diferentes formas de energia: elástica, de aderência, explosiva, dentre outras; sendo essencial que o praticante saiba diferenciar todas essas formas.

O mestre reitera que todos esses fatores interagem entre si o tempo todo. Explica que a partir deles o tutor pode avaliar a performance, sendo necessário identificar qual fator precisa ser trabalhado mais ou menos em relação aos outros, o que justifica essa categorização como forma de facilitar a identificação das demandas do praticante.

Por fim, como um último aspecto a ser considerado, o entrevistado traz à tona a qualidade da “conduta feminina”, retomando as origens do Ving Tsun (sistema que foi criado por uma mulher). No que se refere ao simbolismo chinês, destaca que a marcialidade sempre foi palco do “masculino”, enfatizando as tendências impulsivas, a virilidade, a energia, o agir sem pensar, dentre outras qualidades. Por outro lado, as qualidades da conduta feminina são a inteligência, a estratégia, a não-ação, o agir na hora certa, aproveitar a força do adversário contra ele mesmo, e todas as atitudes que, apesar de serem opostas, complementam os aspectos masculinos. O mestre continua o raciocínio explicando que existem situações que demandam atitudes masculinas, embora para isso seja necessário saber “escutar” (prestar atenção) o que está acontecendo para, com base no ambiente, adotar o comportamento mais apropriado.

Complementa que a “conduta feminina” é um aspecto fundamental para nortear a prática do Ving Tsun. Não adianta desenvolver o sistema empregando uma conduta masculina e manifestar somente como um conjunto de “técnicas mortas”. Embora muitos praticantes tenham conhecimento de todos os conteúdos, não se apropriam deles a partir da perspectiva do “feminino”, não sabendo portanto se movimentar e “escutar” (sentir) o outro ou a si mesmo. Explica que é preciso primeiro aprender a escutar a si mesmo, para somente depois conseguir escutar o outro e estabelecer uma “ponte” (contato) com ele. Essa ponte (Kiu) é fundamental para a tomada de decisões, uma vez que inclui o outro na realidade dentro de uma “perspectiva transindividual”.

Quanto a isso, destaca que no contexto de guerra ou em uma situação de crise é preciso ter essa consciência do contexto, pois caso contrário, a pessoa pode perder a própria vida. Nas situações de crise, normalmente as pessoas tendem a “romper” as relações com os outros, quando na verdade esse é o momento mais importante para manter essa ponte, de modo a estar aberto às oportunidades.

Continuando com a ideia de “crise”, o mestre considera importante que esse aspecto da experiência marcial seja bem explorado no âmbito do combate simbólico. Deste modo, cria-se uma condição na qual que o cérebro não consegue distinguir mais o que é real daquilo que não é real. Durante a fase estruturada as situações de crise são mais controladas, uma vez que esta etapa envolve um contexto de maior previsibilidade. Na medida que o praticante evolui para a fase semiestruturada, ele passa a se deparar com um aumento gradativo de exposição à situações

de crise, levando o praticante a desenvolver resiliência, bem como a capacidade de se adaptar as circunstâncias, sem com isso perder o seu equilíbrio.

Em seguida, ele destaca que é muito comum - após situações de crise - que as pessoas demorem para reestabelecer esse equilíbrio. Dentro do sistema existe a possibilidade de prover o gerenciamento dessas crises, de modo a torna-las ferramentas poderosas e aliadas ao processo educacional do praticante. O mestre também menciona que a crise impulsiona as pessoas a mudarem algo que não lhes faz bem. Exemplifica que ao ser golpeado, o praticante se depara com uma situação de crise frente a qual ele pode tirar algum proveito, ou seja, utilizar da melhor forma possível essa condição para benefício próprio. Por fim, comenta que o mesmo acontece no contexto da pandemia, sendo que as pessoas também podem, a sua maneira, aproveitar a situação de forma que lhes seja favorável.

Questão D: Qual o papel do movimento humano na prática do Ving Tsun?

O mestre defende que o movimento humano deve servir à educação do indivíduo. Comenta em seguida que a sociedade teima em separar as diferentes dimensões da natureza humana (ex: capacidade intelectual, física, emocional, espiritual, etc), de modo que as pessoas acabam buscando amparo em diversas abordagens para atender a cada uma desses aspectos. Frente a isso, ele acredita que é fundamental que as pessoas consigam, por meio de uma atividade holística, desenvolver o indivíduo por inteiro.

Desta forma, a educação corporal tem o objetivo de proporcionar uma experiência prática, haja visto que muitas vezes as pessoas acreditam serem capazes de realizar algo (teoria), mas na verdade não o são. O mestre destaca também que leva tempo para integrar a teoria na conduta, sendo portanto fundamental a existência de práticas que privilegiem esse tipo de experiência, sem com isso desqualificar a importância e o papel das abordagens especializadas.

No Sistema Ving Tsun, é por meio dos dispositivos corporais que o praticante experimenta o “combate simbólico”, elemento esse essencial para o desenvolvimento do Kung Fu. Ressalta que muitas vezes as pessoas se enxergam de uma determinada maneira, mas frente a uma situação de crise se comportam de forma completamente diferente. Por meio do movimento corporal, as questões mais “profundas” (de ordem psicológica/emocional) vêm à tona e o praticante toma consciência disso.

Uma vez que se depara com seus núcleos mais internos (mental, psíquico, emocional), a pessoa passa a estabelecer uma analogia com outras áreas da vida, momentos nos quais, por motivo de imposição social, mostra-se necessário ocultar muitas de suas qualidades. Não sendo permitido expressar socialmente essas características, é preciso haver um ambiente que possibilite esse aprofundamento, de modo a permitir que o indivíduo se transforme. Ainda nesse tocante, destaca que as “máscaras sociais” não conseguem conter por muito tempo questões mal resolvidas, fazendo-se necessária uma abordagem que possa trazê-las à tona para serem devidamente reconhecidas e trabalhadas, evitando assim que os conflitos se tornem insustentáveis.

Quando se refere ao termo “combate simbólico”, comenta sobre a diferença que existe em comparação com o combate real. No combate real o objetivo é a defesa da própria vida, em um contexto frente ao qual vale utilizar qualquer recurso para garantir a sobrevivência. Diferentemente, no combate simbólico não existe o risco da morte física, mas sim de uma morte simbólica (ex: crise emocional). Sendo assim, a pessoa pode aprender e modificar sua conduta a partir dessa experiência, contanto que seja devidamente trabalhada. Uma vez que a experiência é mediada dentro de um ambiente seguro, torna-se possível aproveitar a situação de crise para gerar uma condição de aprendizagem.

O mestre relata que os chineses perceberam esse potencial ao observarem as transformações dos veteranos de guerra quando retornaram das batalhas, tendo muitos deles desenvolvido traumas. Portanto, ficou claro que essa experiência – no âmbito de um ambiente fechado e seguro - deveria ser dosada para evitar expor as pessoas a situações muito extremas, que pudessem leva-las a não suportar o estresse.

O combate simbólico surge justamente como um recurso para prover uma mediação controlada das situações de crise, de modo que os principiantes passem por experiências mais controladas (menos intensas) e os avançados por experiências menos controladas, ou seja, com maior exposição às condições de crise. Acrescenta novamente que o cérebro não consegue discernir - na crise - quando uma situação é ou não real, sendo importante que a experiência ofereça uma intensidade capaz de alcançar a dimensão emocional, para assim contribuir com uma transformação que possa ser transferida para a conduta.

Os dispositivos corporais de combate simbólico consistem nos movimentos (ex: socos, chutes, dentre outros) que servem de dispositivos estratégicos para trazer à tona todos os aspectos mencionados. Mais especificamente, “disposição” é a configuração inicial do corpo e dos segmentos em meio a uma cadeia de movimentos interconectados; de modo que, posteriormente, essa configuração deve transitar para outra disposição. O mestre ressalta que

os movimentos praticados em ambiente fechado não se manifestam da mesma forma no confronto real, embora o praticante possa incorporar as noções ou aspectos daquele movimento e utilizar suas propriedades em diferentes contextos. Por fim, destaca também a importância da prática em dupla, explicando que nesse caso, a exemplo do que foi dito anteriormente, é impossível que o movimento se configure sempre da mesma forma frente ao dinamismo da interação entre dois praticantes.

Questão E: Quais aspectos devem ser considerados para o desenvolvimento do praticante de Ving Tsun?

Segundo o mestre, existem dois aspectos importantes no que diz respeito ao desenvolvimento do praticante no sistema Ving Tsun. Especificamente, destaca a importância de uma relação que pressupõe a existência de um tutor e de um mobilizado. A partir da interação entre esses dois papéis, estabelecem-se três tipos de mobilização: a mobilização intrapessoal, a mobilização interpessoal direta e a mobilização interpessoal indireta. Na mobilização intrapessoal o praticante direciona seu foco para ele mesmo, de modo a tomar consciência de seu próprio processo de desenvolvimento no sistema. Já a mobilização interpessoal direta tem como característica um praticante que mobiliza outra pessoa na tomada de consciência dos seus movimentos. Finalmente, na mobilização indireta, o tutor mobiliza o praticante a mobilizar uma terceira pessoa.

Para isso, é preciso haver uma tutorização qualificada. Sendo assim, o processo de mobilização envolve a gradação – por parte do tutor – da experiência provida ao tutorado, devendo essa experiência respeitar às características e demandas do praticante que está sendo mobilizado. Nesse sentido, o mestre ressalta que o tutor pode se deparar com pessoas que apresentam mais facilidade ou dificuldade perante alguma situação, o que exige uma mediação qualificada para trabalhar em função da pessoa.

Portanto, a tutorização precisa estar de acordo com a especificidade apresentada pela natureza de cada domínio. Não é somente o domínio que muda, mas a forma de realizar os movimentos, uma vez que cada um deles se condiciona a partir da relação que estabelece com os demais. Ele relata também que, muitas vezes, o tutor avança demasiadamente rápido de um nível para o outro, algo que não se mostra apropriado para o desenvolvimento do praticante.

Por outro lado, acrescenta que se o tutor explorasse bem o nível básico, perceberia que seu conteúdo é muito rico.

Por fim, explica que Kung fu não se ensina, apenas se aprende, pois envolve habilidade. O importante é que a mobilização proporcione situações que favoreçam o desenvolvimento e ganho de percepção do praticante. Em outras palavras, é criar condição para que o praticante se desenvolva a partir de seu próprio esforço, podendo o tutor facilitar ou mesmo impor obstáculos nesse percurso. Destaca também que as vezes, quando o tutor facilita o processo, acaba acomodando - ou até imobilizando - o praticante. A partir da mobilização, a pessoa pode encontrar as respostas para seus próprios questionamentos, sendo fundamental não interromper esse processo natural.

Questão F: Quais aspectos devem ser considerados para transmissão e aperfeiçoamento do sistema Ving Tsun?

Na última questão, ele ressalta que é por meio da tutorização e da mobilização que ocorre todo o processo de transmissão, garantindo assim que o sistema não “morra”. O aperfeiçoamento também decorre dessa relação, posto que o praticante deve atravessar todas essas etapas (mobilização intrapessoal, interpessoal direta e interpessoal indireta) para adquirir um melhor entendimento do sistema em toda a sua complexidade. Sendo assim, esse procedimento cria um potencial para futuros transmissores percorrerem o mesmo caminho dentro de um processo sustentável, que envolve o desenvolvimento da consciência sobre sua responsabilidade como representante dessa arte.

6. ANÁLISE DE CONTEÚDO

Analisando a primeira pergunta da entrevista, pôde-se verificar uma série de termos, expressões ou ideias semelhantes em relação ao entendimento que os entrevistados têm sobre o Ving Tsun e suas principais características. De antemão, percebe-se haver um consenso quanto sua caracterização como um “sistema”, sendo que as concepções sobre esse termo variaram em alguns detalhes, embora de maneira geral tenham apontado para um sentido comum.

Conforme consta nas falas dos entrevistados A e D, o Ving Tsun é um “sistema de inteligência estratégica chinesa, composto por dispositivos corporais de combate simbólico. Complementado essa concepção, os entrevistados B e D atribuem a condição de um sistema de variação - que a entrevistada C especifica como uma listagem ou ordenamento de “possibilidades” de movimentos corporais – voltado ao desenvolvimento da capacidade de adaptação do praticante frente a contextos dinâmicos e imprevisíveis. Pode-se também encontrar nas falas dos entrevistados C e D referência a uma “organização sistêmica”, que mais detalhadamente o entrevistado A apresenta como uma conexão invisível de interdependência entre as partes, que envolve o aumento progressivo da complexidade de seus conteúdos.

Vale destacar que as expressões “sistema de estratégia chinesa” e “dispositivos corporais de combate simbólico” apareceram recorrentemente no referencial teórico, especificamente nos vídeos apresentados pelo Grão-Mestre responsável pela MYVTMI. Além disso, a concepção anunciada pelo entrevistado A sobre “sistema” concorda com o conteúdo encontrado no Livro de Pedra do Ving Tsun, sobretudo em relação aos caracteres Bin (bambus ligados ordenadamente) e Deng (fixar, combinar), quando destaca a existência de uma conexão invisível entre seus componentes e o sentido que adquirem por meio das relações estabelecidas entre o “todo” e as “partes”. Em relação ao Livro de Pedra do Ving Tsun, é importante pontuar que se trata da primeira obra em língua portuguesa a abordar em profundidade a arte dos selos de pedra, o que evidencia o seu valor e justifica sua utilização como referência para o estudo em questão.

É possível verificar uma aproximação dessa noção de sistema com a própria meta-teoria sistêmica, abordagem que serve de referência à diferentes disciplinas acadêmicas e áreas do conhecimento para o entendimento das características e do funcionamento dos “sistemas abertos”. Deste modo, a configuração apresentada pelo Ving Tsun parece se assemelhar ao referido modelo teórico, o que sugere legitimidade na forma de abordar seus conteúdos, tendo

em vista os diversos sistemas e subsistemas que compõe a linhagem, a instituição e as relações humanas que se estabelecem dentro dela.

Assim como expresso nos comentários dos entrevistados C e D, outra característica relevante diz respeito à origem do sistema, sobretudo quando considerado o fato de ter sido criado por uma mulher. A entrevistada C destaca ainda que diversas artes marciais possuem, como característica comum, gestos baseados em movimentos de animais para aplicação em combate. Essa fala corresponde com a descrição presente no site oficial da MYVTMI sobre a origem do Ving Tsun, quando menciona que a fundadora Ving Tsun configurou o sistema a partir da observação feita pela monja Ng Mui sobre a luta entre um grou e uma serpente, conforme é possível observar no trecho retirado da respectiva página virtual:

“ Jo Si Ng Mui “assentou seu bordão” no Monastério Taoista Baak Hok [da] Montanha Mil [na] fronteira [entre] Wan (Wan Naam) [e] Gwai (Gwong Sai)... Tendo casualmente presenciado [uma serpente] e [um] grou combatendo-se, [ela] concebeu [um] novo Kuen Faat.”

Ambos os entrevistados apresentam também a ideia de “conduta feminina” enquanto aspecto fundamental e distintivo dessa arte marcial, que favorece a tomada de consciência e a adoção de uma atitude reflexiva tanto em relação a si próprio como em relação ao mundo, informação esta que também se mostra presente nos discursos dos entrevistados A e D. Além disso, os mesmos mestres diferenciam as qualidades e atitudes femininas das masculinas, de forma que o masculino costuma estar associado à agressividade, impulsividade e virilidade, enquanto o feminino envolve o acolhimento, a inteligência e a não-ação.

O “aspecto feminino” apresentado pelos mestres se coaduna com o referencial que destaca o conteúdo mitológico associado à figura masculina (deus Ares) e feminina (deusa Athena). Além disso, a fala também estabelece analogia com o mito do Imperador Amarelo, sobretudo quando surge a personagem da Dama Negra, que representa a noção de “feminilização da guerra”. Com isso, torna-se possível verificar a relação entre os mitos antigos sobre o arquétipo feminino e a ênfase dada à conduta feminina dentro do sistema Ving Tsun. O desenvolvimento de um senso de conexão com o outro (relação transpessoal) e com o ambiente a sua volta permite que o praticante se “apoie” na situação, adequando assim sua atitude à dinâmica dos acontecimentos para vencer o “adversário” (no sentido mais amplo, podendo representar uma pessoa ou uma circunstância).

A respeito dessas conexões, vale esclarecer uma diferença entre relação interpessoal e transpessoal. No contexto do combate, uma relação interpessoal pressupõe a interação entre duas pessoas por meio de movimentos e gestos que transitam dentro de uma dinâmica interativa, mas que não necessariamente envolvem o senso de conexão necessário para compor um conjunto complementar, do qual deriva a ideia de relação transpessoal. Uma vez que se estabelece este nível de integração, a própria definição de oponente – como alguém que deve ser anulado - perde o sentido, haja visto que a palavra adversário (ad= junto, verso= contrário) remete ao “outro” que, invés de ser anulado, deve ser respeitado e integrado dentro dessa relação de oposição.

Os entrevistados A e C também trazem à tona o simbolismo do Homem, do Céu, e da Terra. Segundo o primeiro, cada um desses elementos representam uma determinada perspectiva da experiência humana. O homem (1º elemento) interage com a Terra, que representa o ambiente e todos os fenômenos passíveis de serem mensurados ou manipulados. O Céu, por outro lado, representa as forças e processos que não controlamos e que não podemos antecipar, frente aos quais se mostra necessária a capacidade de adaptação para reagir e evitar qualquer tipo de ameaça.

As noções discutidas acima estabelecem um paralelo com a concepção taoísta de interconexão e unidade que caracteriza a relação entre as pessoas e o universo. Além disso, a perspectiva taoísta que favorece uma atitude não-coercitiva (Wu Wei) também faz alusão a importância do “feminino” dentro da dinâmica entre as polaridades yin (princípio feminino, passivo) e yang (princípio masculino, ativo), privilegiando uma conduta que visa acompanhar o fluxo natural dos acontecimentos. O entrevistado C exemplifica essa atitude estabelecendo uma analogia com a água, que se comporta de modo a contornar os obstáculos.

Outro aspecto relevante, de acordo com os entrevistados B, C e D, se relaciona ao conceito de “experiência marcial”. O provimento dessa experiência dentro do sistema Ving Tsun e de seus diferentes domínios (Siu Nim Tau, Cham Kiu, Biu Ji, etc.) se dá por meio do “combate simbólico”, termo este que aparece nas falas dos entrevistados A e D e que difere da ideia de combate real, na medida que não implica em risco de morte. Os entrevistados A, B e D discorrem sobre o potencial que o “combate simbólico” tem para criar um cenário de “eminência/premência de morte”, de modo que o “simbolismo da morte” se mostre favorável dentro do processo de desenvolvimento do praticante, uma vez que oferece subsídios para aprimoramento da capacidade de adaptação frente às situações de “crise”.

Ainda no que diz respeito ao “combate simbólico”, enquanto a grande maioria dos entrevistados apresenta a ideia de “eminência de morte”, o entrevistado B faz menção à

expressão “premência de morte”. Vale considerar que a palavra “eminência” remete a um fenômeno que se sobressai ou se destaca em um determinado contexto, enquanto a palavra premência designa uma situação de urgência, que exige rápida resolução. Embora as duas palavras tenham significados distintos, é possível deduzir que, no âmbito do discurso, ambas apontam para o mesmo cenário, frente ao qual o praticante encontra a necessidade de antecipar ou responder adequadamente a uma circunstância que implica risco de morte (quer seja literal ou simbólica).

A experiência marcial, além de criar condições para adaptação frente à situação de eminência de morte, também contribui - conforme os entrevistados B e C destacam - com o desenvolvimento da “inteligência estratégica”, que permite ao praticante avaliar os diferentes contextos no intuito de obter maior proveito possível da situação, o que se relaciona diretamente com o próprio significado da expressão Kung Fu.

A noção apresentada concorda tanto com o Pensamento Confucionista quanto com outras referências oferecidas pelo Grão-Mestre da instituição. Além disso, também é possível verificar uma correspondência com as informações presentes no site oficial da MYVTMI, sobretudo no que se refere à fala do entrevistado B, quando se refere ao Ving Tsun como um “sistema de variação” que tem em vista o desenvolvimento da “inteligência estratégica”, a exemplo do trecho retirado da respectiva página virtual:

“O Sistema Ving Tsun é um sistema chinês de inteligência estratégica, cuja elaboração é atribuída à Fundadora Yim Ving Tsun... Inteligência estratégica é a capacidade de antecipar um benefício, em potencial a ser oferecido por uma situação.”

O entrevistado C explica também que o desenvolvimento da inteligência marcial ou estratégica consiste na capacidade de identificar os aspectos invisíveis de um determinado fenômeno ou situação. Deste modo, é possível presumir a partir de sua fala, que essa capacidade possibilita ao praticante fazer uma leitura ampliada e aprofundada do cenário, adequando sua conduta para se adaptar a ele.

Outra questão apresentada exclusivamente pelos entrevistados A e D é a diferença que existe entre o saber verbal/teórico e o saber corporal/prático. Mais especificamente, ambos explicam que em muitas ocasiões as pessoas declaram possuir um determinado conhecimento que não corresponde com aquilo que eles são capazes de desempenhar, evidenciando a importância da experiência no sentido de incorporar os saberes veiculados na prática.

No que se refere à natureza e o papel do “saber corporal” dentro do sistema Ving Tsun, os entrevistados B e D discriminam várias camadas (dimensões) da condição humana, dentre as quais eles mencionam não somente o aspecto físico, mas também o aspecto psicológico, emocional, dentre outros. Nesse sentido, há um consenso de que essa composição complexa deve se mostrar presente na prática do sistema, sobretudo quando se tem em vista o objetivo de mobilizar, conforme destaca o entrevistado D, os níveis mais profundos do indivíduo para desencadear uma mudança significativa que possa ser transportada para a conduta cotidiana. No mais, ambos os entrevistados A e D ressaltam que o acesso a esses níveis mais profundos somente é possível quando o praticante se expõe a uma situação de “crise”.

Quanto à concepção de corpo humano apresentada acima, é possível estabelecer um paralelo com a própria abordagem desenvolvimentista na área da Educação Física. Com base no pressuposto desenvolvimentista, o movimento do corpo humano envolve uma interação de aspectos motores, psicológicos, afetivo-sociais e atitudinais que se manifestam no comportamento motor e reivindicam uma educação do/ a partir/ sobre o movimento dentro de uma abordagem global.

Ainda quanto a importância de se incorporar os conhecimentos provenientes da prática, cabe fazer referência à outra ideia presente no “Pensamento Confucionista” de uma forma de conhecimento que não pode ser concebido racionalmente e que, uma vez incorporado a partir de um processo de cultivo constante, passa a se expressar espontaneamente na conduta do praticante.

Em relação aos diferentes conceitos e noções que permeiam a prática do sistema Ving Tsun na perspectiva da MYVMI, vale mencionar a concepção de “Sam Faat” (Vida Kung Fu), apresentada com grande destaque por todos os entrevistados. Todos eles ressaltam que essa noção pressupõe determinado posicionamento e atitude que não se restringe a prática do sistema em si, mas perpassa as relações humanas e diferentes contextos de outras áreas da vida cotidiana. Conforme os mesmos entrevistados destacam, a “Vida Kung Fu” se estabelece a partir da criação de um forte vínculo entre o mestre e o discípulo, cujo convívio também não se limita somente ao ambiente de prática.

É importante notar que a noção de “Vida Kung Fu” também concorda com os conteúdos dos vídeos produzidos pelo Grão-Mestre, principalmente quando menciona sua relação com o seu mentor. Conforme consta no referencial, tal expressão foi cunhada pelo próprio Patriarca Moy Yat, cujo objetivo era transmitir a ideia de Sam Faat aos seus descendentes. Além disso, essas concepções mais uma vez remetem à informações presentes no referencial teórico, desta vez encontrando correspondência com o Confucionismo, principalmente no que se refere às

relações entre mestre e discípulo, que envolvem um convívio de grande proximidade em diferentes atividades cotidianas.

Os entrevistados B, C e D também enfatizam a proposta de extensão e transposição dos conteúdos que compõem a prática do sistema para outras áreas da vida. A exemplo disso, alguns deles relatam que sua formação no Ving Tsun os auxiliou em outras atividades, sobretudo no que diz respeito ao trabalho profissional. A influência da “experiência marcial” no âmbito dessas outras atividades é uma informação que também pode ser encontrada nos vídeos disponíveis dentro das plataformas virtuais apresentados pelo Grão-Mestre da instituição. No mais, a ideia de pertencimento a uma “Família Kung Fu” também se mostra presente no discurso de todos os entrevistados, sobretudo no que caracteriza a relação entre mestre e discípulo mencionada anteriormente.

Em relação a ideia de “Família Kung Fu”, vale ressaltar que esse termo aparece na fala de todos os mestres ao longo das entrevistas, principalmente durante a etapa dos dados pessoais. A maioria deles se considera um membro de uma “Família Kung Fu” e apresentam seus colegas como “irmãos Kung Fu”, o que aponta para um senso de pertencimento a um grupo marcado por vínculos de afetividade. Além disso, no decorrer da própria etapa de aproximação inicial, pude observar que os ambientes e as relações ali se estabelecidas formavam um contexto de características familiares. Essa perspectiva parece inclusive fundamentar a constituição das diferentes gerações que compõem uma linhagem, porém esse é um assunto que será melhor explorado posteriormente.

Tendo em vista os aspectos a serem considerados para desenvolvimento do praticante, os entrevistados B e D deram grande destaque a dois processos inter-relacionados: o processo de tutorização e o processo de mobilização. Nesse sentido, ambos descrevem em detalhes o tutorado como o praticante que se submete à orientação de um tutor, papel este atribuído àquele responsável por guiar - ou mobilizar - esse praticante dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Ainda nesse tocante, os mesmos entrevistados discriminam três tipos de mobilização, sendo eles: mobilização intrapessoal, mobilização interpessoal direta e mobilização interpessoal indireta. Segundo eles, a mobilização intrapessoal se trata de uma atitude de auto-observação e conscientização do tutorado sobre seu próprio desenvolvimento no sistema, enquanto a mobilização interpessoal direta se relaciona ao papel assumido pelo tutor quando responsável por instruir outro praticante. O último tipo de mobilização (mobilização interpessoal indireta) envolve um terceiro elemento, sendo ele também um tutor, porém responsável por guiar o outro tutor dentro de seu papel como mobilizador.

De acordo com os entrevistados B e D a tutorização remete ao sistema, uma vez que consiste em uma função que visa garantir a transmissão dos conteúdos do Ving Tsun da forma como eles foram estruturados a partir das gerações anteriores. Para tanto, é imprescindível – conforme mencionam os entrevistados C e D – que o mestre (tutor) apresente uma tutorização qualificada, uma vez que se faz responsável por todo o processo do praticante dentro do sistema, algo que implica mudanças significativas em sua vida. Ainda nesse sentido, os mestres A e C ressaltam que o tutor deve ter cautela para não fazer com que sua perspectiva acabe “alterando” o sistema, de tal maneira que sirva de obstáculo para o praticante acessar os conteúdos tradicionais.

Dando continuidade a essa questão, os entrevistados A, C e D enfatizam que o processo do praticante representa uma experiência de caráter pessoal, o que por sua vez exige que a tutorização do sistema ocorra de forma personalizada e diferenciada, de modo a respeitar as características de cada um. Assim sendo, pode-se dizer que o Kung Fu de cada praticante serve somente a ele mesmo, sendo portanto intrasferível; o que remete à ideia confucionista de uma prática que deve se basear na natureza individual de cada pessoa.

Além disso, cabe ao mestre mobilizar o praticante e favorecer o desenvolvimento de suas habilidades individuais, ao invés de ensinar algo que ele ainda não saiba. Os mestres C e D endossam essa premissa pronunciando a seguinte frase: “Kung Fu não se ensina, mas se aprende”. Todavia, para que o processo do praticante seja respeitado e ele possa interpretar e explorar o sistema a sua maneira, cabe ao tutor criar uma “ambiência favorável” que ofereça a cada um as condições necessárias para assumir o protagonismo de seu próprio desenvolvimento. Esse aspecto do processo de mobilização remete a experiência que tive na disciplina Arte Marcial Chinesa: Cultura e Movimento, especificamente no que se refere a observação de um estilo de ensino não-diretivo, algo que difere consideravelmente dos métodos de ensino convencionais presentes em outras artes marciais, conforme pude observar ao longo da minha trajetória.

É importante destacar que o termo “ambiência” corresponde às observações realizadas durante a etapa de aproximação inicial da instituição, momento no qual as ambiências objetiva e subjetiva foram amplamente descritas e caracterizadas. Reiterando a explicação a partir da fala do entrevistado A, temos a ambiência objetiva como o local destinado ao desenvolvimento de alguma atividade, como exemplo do Mo Kun ou Do Jo (Recinto Marcial), enquanto a ambiência subjetiva diz respeito basicamente às relações humanas que se estabelecem entre os praticantes, atribuindo sentido e significado ao ambiente de prática.

Os mestres A, B e D reiteram a importância de um tutor que se mostre qualificado para transmissão do sistema Ving Tsun. Para tanto, conforme se verifica nas falas do entrevistado B e D, é fundamental que esse tutor tenha passado pelas diferentes fases e domínios, de modo a se apropriar devidamente do sistema como um todo. Somente por meio dessa experiência que o mestre passa a “incorporar” os saberes (não somente teóricos, mas também práticos) necessários para assumir o papel de transmissor do legado.

Uma vez capacitado para transmissão, algo que exige consciência de sua responsabilidade como representante de uma linhagem (conforme destacam os entrevistados B e D), é essencial que o mestre busque preservar os ensinamentos tradicionais. Nesse sentido, os entrevistados A e B reforçam a importância de um tutor que sirva somente como meio de acesso ao sistema, possibilitando ao praticante interpretar e tirar suas próprias conclusões da experiência. Somente assim os futuros transmissores podem se mostrar capazes de, a partir de um entendimento profundo do sistema e seus conteúdos, garantir que o legado seja preservado e a arte se mantenha viva, em continuo movimento de adaptação frente às mudanças socioculturais que ocorrem ao longo da história.

Vale ressaltar que essa fala remete a algumas informações contidas no Livro de Pedra do Ving Tsun referentes ao processo de transmissão do sistema - que se deu basicamente por meio dos ensinamentos verbais e dos selos - bem como no que diz respeito à importância da linhagem como um dispositivo que visa assegurar esse processo de transmissão, conforme também consta no mesmo documento.

Especificamente no que se refere às etapas que compõem a estrutura do “sistema”, os entrevistados B, C e D apontam a existência de três diferentes fases, que transitam de um momento mais estruturado (controlado/previsível) para outro menos estruturado (aleatório/imprevisível), o que endossa a qualidade de um “sistema de variação”. É possível verificar também na fala de todos os entrevistados uma referência ao conceito de “domínio” como uma espécie de região, área ou território de movimentos. O mesmo termo pode inclusive ser encontrado na página oficial da MYVTMI, o que denota uma padronização da linguagem entre os praticantes em relação aos conteúdos do Ving Tsun, conforme pode ser observado no seguinte trecho retirado da página virtual:

“Domínios: É a manifestação de uma determinada natureza (kuen lei 拳) que compõe um sistema (hai tung 系統). No Sistema Ving Tsun 詠春, um

domínio é representado por uma listagem (po 譜) de dispositivos corporais de combate simbólico (jiu sik 招式).

Além disso, a grande maioria deles (entrevistados A, B e D) também detalhou as subdivisões e as respectivas denominações de cada um dos 6 domínios. A designação de todos esses domínios (Siu Nim Tau, Cham Kiu, Biu Ji, Mui Fa Jong, Luk Dim Bun Gwan e Baat Jaam Do) aparece nas referências obtidas da página oficial da MYVTMI, o que também denota um alinhamento entre os conhecimentos apresentados pelos mestres e as informações oficialmente divulgadas pela referida instituição.

Ainda no que diz respeito às etapas do sistema, os entrevistados B, C e D explicam em maiores detalhes as três fases mencionadas anteriormente, sendo elas: a Fase “Sau” (estruturada), que envolve maior previsibilidade e organização da experiência; a Fase Pou (semiestruturada), uma etapa de diminuição da previsibilidade e aumento da aleatoriedade dos fenômenos relativos à experiência; e Fase Lei (não-estruturada), uma etapa de total imprevisibilidade e ausência de estrutura.

Os entrevistados B e D compartilham a opinião de que a fase não-estruturada ainda possui uma estrutura (decorrente da prática dos domínios predecessores), embora privilegie o desenvolvimento da capacidade adaptativa, sendo ela necessária para lidar com o dinamismo e a imprevisibilidade das situações de “crise”. Nesse sentido, eles concordam com a ideia confucionista que - assim como expresso em suas falas - evidencia a importância de uma formação que permita ao praticante se adaptar às exigências de cada situação a fim de tirar o máximo proveito dela, informação esta também presente no material disponível nos vídeos do Grão-Mestre responsável pela MYVTMI.

Quanto aos conteúdos que compõem cada uma dessas fases, os entrevistados A, B e D relatam que os três primeiros domínios (Siu Nim Tau, Cham Kiu e Biu Ji) - relacionados à fase estruturada do sistema – envolvem a prática com mãos livres, ou seja, sem nenhum tipo de material, equipamentos ou armas. Em relação à segunda trilogia (Mui Fa Jong, Luk Dim Bun Gwan e Baat Jaam Do), todos os mestres destacam que essa fase (semiestruturada) se caracteriza como uma etapa de refinamento que envolve a utilização de equipamentos ou armas. Entretanto, somente os entrevistados A, B e D explicam quais são esses materiais, sendo eles: o “boneco de madeira”, o “bastão longo” e as “facas duplas”.

Outro aspecto importante que foi explorado mais detalhadamente pelos entrevistados A e B, diz respeito à existência de diferentes naturezas que caracterizam os domínios, cada qual representado por um determinado dispositivo corporal de combate simbólico (Jiu Sik). Além

disso, especificamente em referência às falas dos entrevistados B e D, o sistema como um todo não estabelece limites bem definidos entre cada fase ou domínio, caracterizando um processo de transição (continuum) entre eles. Isso também se relaciona com a ideia de conexão e aumento progressivo da complexidade entre as partes do sistema, apresentada anteriormente pelo entrevistado A.

Os dispositivos corporais de combate simbólico (Jiu Sik) figuram como uma noção fundamental dentro do sistema Ving Tsun, sendo descritos desta vez em maiores detalhes por todos os entrevistados. Nesse tocante, os mestres B e C discorrem sobre as diferenças entre dispositivo e técnica, sendo que o mestre C apresenta os dispositivos como um inventário de possibilidades de posições e movimentos. Mais especificamente, o entrevistado B concebe a técnica como um movimento já configurado que se impõe a situação, enquanto o dispositivo envolve uma “disposição” inicial que tem a capacidade de se “adaptar” às circunstâncias que se apresentam.

Os entrevistados B e C também concordam que a prática do Ving Tsun não envolve repetições de movimentos, pois o mais importante não é que o praticante alcance um padrão “técnico” perfeito, mas sim desenvolva uma disposição corporal com potencial de se adaptar a cenários dinâmicos e imprevisíveis. Seguindo o mesmo raciocínio, os entrevistados A e D também fazem menção ao conceito de dispositivos corporais, mas nesse caso enfatizam sua função enquanto recurso que mobiliza o praticante para as situações de “crise”, nas quais ele deve se expor, em condições controladas, à experiência de eminência de morte.

Novamente, tal afirmação remete ao confucionismo quando preconiza a importância do desenvolvimento da capacidade adaptativa, esta que no sistema Ving Tsun também deve ser apropriada e transportada para as outras áreas da vida. Além disso, conforme pude verificar ao longo da minha trajetória nas artes marciais, se diferencia consideravelmente de outras abordagens que já presenciei, uma vez que estas costumam envolver várias repetições de uma mesma técnica de movimento (ex: socos ou chutes).

Em relação a contraposição entre técnica e dispositivo, vale resgatar o referencial apresentado por Tani (2011), no que diz respeito à importância do provimento de uma prática que favorece a exploração das possibilidades de movimento, ao invés de oferecer um tipo de ensino que preconiza o aprendizado de um esquema técnico padronizado. A ideia de dispositivo parece corresponder a essa premissa, possibilitando uma disposição gestual que tem em vista a capacidade do praticante de antecipar ou reagir frente aos cenários imprevisíveis e dinâmicos que caracterizam as situações de crise.

Todos os entrevistados associam os dispositivos corporais de combate simbólico à noção de “linha central”, sendo que a maior parte deles descreve em detalhes suas variações e a importância que possui como referência para embasar o comportamento do praticante frente a um oponente. Os entrevistados B e C também atrelam a essa ideia a existência de “limites corporais”, algo que parece compor com a linha central uma melhor caracterização do papel do corpo e do movimento dentro da prática do Ving Tsun. Interessante destacar que os entrevistados A e B afirmam que todas as artes marciais trabalham com essa noção, embora no sistema Ving Tsun ela ocupe uma posição de destaque.

No que se refere à caracterização da “linha central”, apesar de todos terem feito menção a essa noção, somente os entrevistados A, B e D a descreveram em maiores detalhes. Nesse sentido, eles formam um consenso de que essa linha imaginária se divide nas linhas vertical, horizontal e basal, que por sua vez separam o corpo em diferentes quadrantes e determinam os limites corporais. A linha basal é responsável por separar a parte superior da parte inferior do corpo, de modo a delimitar as situações em que o praticante deverá utilizar os braços ou as pernas para defesa e ataque.

A mesma noção remete diretamente a outra ideia bastante comentada pelos entrevistados, que envolve a tentativa de “ocupação” da linha central do adversário. Os mestres A, B e C explicam que existem certos pontos vitais/estratégicos (ou chakras, conforme apontam os entrevistados B e C) para serem protegidos, como também podem representar “alvos” a serem buscados no adversário. Sendo assim, o praticante despende um esforço no sentido de ocupar a linha central do oponente, de modo que consiga penetrar sua defesa e projetar o movimento em direção aos seus “pontos vitais” (a partir da fala dos mestres, foi possível deduzir que esses pontos representam regiões sensíveis do corpo, como os locais onde se situam os “órgãos vitais”).

Por fim, a maioria dos mestres – os entrevistados A, C e D – acrescenta a necessidade de “conteúdos associados” que complementem a “listagem principal”, como exemplo da prática do Chi Sau (energia dos braços e punhos em conexão com a totalidade do corpo). Retomando essas concepções, a “listagem principal” representa um conjunto de movimentos previamente determinados, que são realizados individualmente e compõem os Jiu Sik (dispositivos corporais de combate simbólico). Esse conteúdo permite inclusive – salvo engano - o estabelecimento de um paralelo com os “Kata” (formas) das artes marciais japonesas, uma vez que apresentam semelhanças significativas em sua dinâmica global.

Por outro lado, os “conteúdos associados” constituem exercícios realizados em duplas (frente a frente). Essa condição permite a exploração dos dispositivos corporais exercitados

individualmente, haja visto que o dinamismo imposto pela presença do oponente exige que a disposição inicial se adapte e se configure de acordo com a movimentação do adversário. Isso sugere, de certo modo, que o corpo e o movimento desempenham um papel relevante no contexto de interação entre os praticantes.

De maneira geral, os entrevistados concordaram sobre os principais conceitos ou noções que fundamentam e permeiam a prática do Sistema Ving Tsun. As categorias selecionadas para a análise apresentaram, em sua maioria, relativa concordância entre pelo menos três de todos os entrevistados. Mesmo para as categorias nas quais alguns deles não se pronunciaram, a partir de uma perspectiva mais panorâmica foi possível constatar que, uma vez considerada a entrevista no todo, as opiniões convergiram para sentidos e significados aproximados, mesmo que não coincidiram em relação aos termos ou palavras-chave.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, vale reiterar que o presente empreendimento investigativo teve como objetivo analisar o significado da prática dentro do processo de transmissão do sistema na perspectiva dos mestres da MYVTMI, ou seja, a partir de uma interpretação pessoal que seus representantes realizaram em suas trajetórias como praticante e tutores dessa arte. Sendo assim, é importante esclarecer que os dados obtidos não necessariamente refletem – pelo menos de forma uníssona – uma mesma concepção a respeito do Ving Tsun, sobretudo tendo em vista que a referida instituição apresenta uma abordagem que, ao favorecer o desenvolvimento humano, permite que os praticantes se apropriem e manifestem seu Kung Fu de forma individual e diferenciada.

No entanto, é importante reconhecer a existência de uma aproximação acerca das noções, imagens, atitudes e valores que, em última análise, perpassam o processo de transmissão do legado. Nesse sentido, é válido pressupor que esse processo demandou – presumivelmente - um trabalho de liderança exercido pelo Grão-Mestre responsável pela MYVTMI, que se evidencia pelo notável esforço para promover um diálogo entre passado, presente e futuro da instituição.

A interlocução entre o pesquisador e os sujeitos do estudo pode favorecer futuros investimentos com o objetivo de verificar – a partir de um diálogo crítico com realidade social - como os conteúdos proferidos pelos mestres estão sendo apropriados pelos praticantes e tutores da MYVTMI. Deste modo, um empreendimento dessa natureza permitiria acesso aos meandros da prática propriamente dita que, na perspectiva Kung Fu, se apresenta sempre de forma ampliada e densamente simbólica. Um estudo etnográfico talvez seja pertinente, uma vez que possibilita ao pesquisador se inserir em um dado contexto para exploração das relações que se estabelecem dentro da comunidade, podendo inclusive subsidiar o processo de atualização e sustentabilidade do projeto institucional.

Resumidamente, a proposta tem em vista o estabelecimento de uma “ponte” entre a comunidade marcial e a sociedade civil, ou entre os artistas marciais e os acadêmicos, para contribuir com o campo da Pedagogia do Movimento do Corpo Humano e com os estudos em L/AM/MEC. Supondo que a universidade possa oferecer apoio às instituições sociais, talvez fosse oportuno estabelecer uma relação colaborativa entre os pesquisadores – sobretudo representantes da área de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano e do campo das

L/AM/MEC – e os atores sociais que protagonizam a prática profissional dentro da unidade-caso.

A aplicação de estudo de campo, observação participante, registros sistemáticos e densos, análise de documentos, dentre outros procedimentos permitiria uma aproximação mais qualificada dentro da rede de relações, papéis, signos e símbolos para exploração da alteridade do pesquisador e dos sujeitos envolvidos. Além disso, um esforço nesse sentido poderia proporcionar um maior discernimento entre as “luzes” e as “sombras” das relações e práticas que ocorrem dentro da instituição MYVTMI.

Haja visto que o entendimento sobre o sistema e as concepções apresentadas pelos mestres concordaram não somente entre si, mas também com o referencial teórico fornecido pela MYVTMI (no que constam os documentos e os vídeos produzidos pelo Grão-Mestre), é possível conjecturar que o processo de transmissão dos ensinamentos deve ocorrer conforme previsto no início do estudo. Nesse sentido, vale ressaltar que a prática é considerada - do ponto de vista dos discursos obtidos nas entrevistas - como fundamental dentro desse processo de transmissão, embora não seja possível confirmar essa tese somente a partir das informações fornecidas pelos entrevistados, posto que em si não representam esses saberes de natureza procedimental.

Entretanto, aliando as informações presentes nos discursos com as observações realizadas durante a etapa de aproximação inicial, é possível afirmar que as falas dos entrevistados traduzem em maiores detalhes e endossam o contexto presenciado nas visitas institucionais. A partir do recorrido, fica evidente que o processo de transmissão do sistema, bem como o exercício da prática no sentido mais amplo de Vida Kung Fu, dependem necessariamente de um cultivo constante e progressivo da experiência corporal, o que por sua vez permite ao praticante incorporar o saberes veiculados e, portanto, adquirir propriedade para tutorização do sistema e formação dos futuros descendentes da linhagem.

No mais, vale mencionar novamente que a liderança institucional, na figura do Grão-Mestre responsável, demonstrou um nível de excelência cuja antecipação estratégica ou desdobramento nos inclina a pensar sobre a importância de uma gestão que zele pela preservação do legado. Segundo o depoimento dos mestres, uma prática e experiência simbólica parece ser fundamental para um significativo consenso entre os representantes da instituição, sobretudo frente à necessidade de atualização dessa arte marcial a partir de seus elementos tradicionais, o que também é um desafio para outras artes marciais. Entretanto, ainda que sempre haja a necessidade de inovação para atender às demandas sociais, quando os discípulos demonstram seus conhecimentos, o mestre aparece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAÃO, B.S; COSCODAI, M.U; SAGARIDO, W. **Dicionário de Mitologia**. São Paulo: Editora Nova Cultura LTDA, 2000

ALVARENGA, M.Z. **Mitologia simbólica: Estruturas da Psique e Regências Místicas**. 2ª Ed. São Paulo: Casapsi Livraria e Editora LTDA, 2007. ISBN 10-0519.

AMES, R. T; HALL, D. L. **Daodejing: Making This Life Significant**. United State of América: The Random House Publishing Group, 2003. ISBN 0-345-44419-1.

ANTUNES, M. M. Uma breve reflexão sobre a história e as funcionalidades das artes marciais na contemporaneidade. In: **Artes Marciais, Lutas e esportes de combate na perspectiva da Educação Física: reflexões e possibilidades**. 1ª Ed. Paraná (Curitiba): Editora CRV, 2016. 164p. ISBN 978-85-444-0786-8.

ARAÚJO, B. C. L. C. O que são as Lutas. **Lutas e Artes Marciais: dimensões educacionais e formação humana**, Rio de Janeiro, pg. 14-16, dez. 2012.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. França (Paris): Edições 70 LDA, 2000. ISBN972-44-0898-1.

BELONOHA, W. **The Wing Chun Compendium**. 1ªEd. Califórnia: Blue Snake Books/ Frog ltd, 2006. ISBN 1-58394-129-0.

BIRRELL, A. **Chinese Mythology: An Introduction**. United States of América: The Johns Hopkins University Pren, 1993. ISBN 0-8018-4595-5.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, LDA, 1994. ISBN 972-0-34112-2.

BROWN, D; JOHNSON, A. The social practice of self-defense martial arts: Applications for Physical Education. In: **QUEST. National Association for Physical Education In Higher Education**, n. 52, p. 246-259, 2000

CAZETTO, F. F; LOLLO, P. C. Publicações sobre Lutas e Artes Marciais em Congressos de Iniciação Científica. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas; v. 8, n.2, pg 187-199, mai./ago. 2010.

CHANG, L.S; FENG, Y. **The Four Political Treatises of the Yellow Emperor**. United States of América: University of Hawai Press, 1998. ISBN 0-8248-2008-8

CHENG, A. **História do Pensamento chinês**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

CHING, S.C; WEI, LUO, SI. **China: Lendas e Mitos**. São Paulo: Roswitha Kempt Editores.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro (Petrópolis): Editora Vozes, 2006. ISBN 85.326.3390-0.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo (Guarulhos): Editora Parma LTDA, 1991. ISBN 85-249-0444-5.

CORREIA, W. R. Artes Marciais e Educação Física: entre inquietude e obviedades. In: **Artes Marciais, Lutas e esportes de combate na perspectiva da Educação Física: reflexões e possibilidades**. 1ª Ed. Paraná (Curitiba): Editora CRV, 2016. 164p. ISBN 978-85-444-0786-8.

CORREIA, W. R. Educação Física Escolar e Artes Marciais: Entre o Combate e o Debate. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo; v. 29(2), pg 334-344, abr./jun. 2015.

CORREIA, W. R; SOUZA, M. T; OLIVEIRA, L. R. **Arte Marcial e Política Pública: Algumas Especulações**. III Seminário: Esporte, Atividade Física e Saúde - Faculdade de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

COSTA, N. L. A importância do Trato da Luta na Escola. **Lutas e Artes Marciais: dimensões educacionais e formação humana**, Rio de Janeiro, pg. 31-33, dez. 2012.

DEL VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. Estudos em modalidades esportivas de combate: Estado da Arte. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo; v. 25, pg 67-81, dez. 2011.

DEL VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. **Lutas, Artes marciais e Esportes de Combate: Possibilidades, experiências e Abordagens no Currículo de Educação Física** In: SAMUEL DE SOUZA NETO; DAGMAR HUNGER (Org). Formação profissional em Educação Física: estudos e pesquisas. Rio Claro: Biblioética, 2006, v1, pg 99-108

FALCÃO, J. L. C. Realidade e possibilidades do ensino das lutas no Brasil: sínteses reflexivas acerca do trabalho docente. **Lutas e Artes Marciais: dimensões educacionais e formação humana**, Rio de Janeiro, pg. 34-36, dez. 2012.

FETT, C. A; FETT, W. C. R. Filosofia, ciências e a formação do profissional de arte marciais. **Motriz**, Rio Claro; v. 15, n. 1, pg 173-184, jan./mar. 2009.

FILIPIAK, K. **Academic Research into Chinese Martial Art Problems and Perspectives**. In: Asia Martial Arts: Constructive Thoughts and Practical Applications, 2012.

FRANCHINI, E; CORREIA, W. R. **Produção em lutas, artes marciais esportes de combate**. Rio Claro: Motriz, jan./mar. 2010, v.16 n.1. Pg 01-09.

FRANCHINI, E; TAKITO, M. Y; RODRIGUEZ, S. B; MANOEL, E. J. Considerações sobre a inclusão de atividades motoras típicas de artes marciais em um Programa de Educação Física. **Proceedings do II Congresso de Iniciação Científica da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo**, São Paulo, 1996. p. 65-69.

FRASER, M. T. D; GONDIM, S, M, G. **Da fala do outro ao texto negociado: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. Paidéia, Salvador, Bahia, n 14 (28), 2004.

FREDERIC, L. **A Dictionary of the Martial Arts**. 1ª Ed. França: Éditions du Félin, Paris, 1988. ISBN 0-8048-1753-7

GALLAHUE, D. L; OZMUND, J. C; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescente e adultos**. 7ª Ed. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda, 2013. ISBN 0073376507/9780073376509.

GALVANY, A. **El Arte de la Guerra**. Madrid: Editorial Trotta, S.A, 2001. ISBN 84-8164-492-7.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª Ed. São Paulo (São Paulo): Editora Atlas S.A, 1996. ISBN 85-224-0724-X.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de administração de empresas**, São Paulo; v. 35, n.3, pg 20-29, mai./jun. 1995.

GONÇALVES, A. V. L; SILVA, M. R. S. Artes Marciais e Lutas: Uma análise da produção de saberes no campo discursivo da educação física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Catarina; v. 25, n 3, p. 657–671, jul./set. 2013.

HSU, A. **The Sword Polisher's Record: The Way of Kung Fu**. Massachusetts: Tuttle Publishing, an Imprint of Periepus Editions (HK) LTD, 1998. ISBN 0-8048-3138-6.

IDOETA, I. P. **Los Cuatro Libros del Emperador Amarillo**. Madrid: Editorial Trotta, S. A, 2010. ISBN 978-84-9879-140-2.

IMAMURA, LEO. **A relação do Sam Faat e o Sistema de Kung Fu**. Disponível em: < <https://www.youtube.com> >. Acesso em: 20 julho. 2019.

IMAMURA, LEO. **O que é Kung Fu por Leo Imamura**. Disponível em: < <https://www.youtube.com> >. Acesso em: 20 julho. 2019.

IMAMURA, LEO. **Por um sentido amplo de Kung Fu – Leo Imamura**. Disponível em: < <https://www.youtube.com> >. Acesso em: 20 julho. 2019.

IMAMURA, LEO. **Qual a melhor linhagem de Kung Fu** Disponível em: < <https://www.youtube.com> >. Acesso em: 22 de dezembro de 2020.

IMAMURA, LEO. **Lute melhor praticando Kata**. Disponível em: < <https://www.youtube.com> >. Acesso em: 22 de dezembro de 2020

JULLIEN, F. **Um Sábio não tem ideias**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JUNIOR, L. G; DRIGO, A. J. A já regulamentada profissão Educação Física e as Artes Marciais. **Motriz**, São Carlos; v. 7, n.2, pg 131-132, jul./dez. 2001.

LEVI, J. **The Complete Tao Te Ching with the Four Canions of the Yellow Emperor**. Canadá (Toronto): Inner Traditions, 2009. ISBN 978-1-59477-359-4.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1986. ISBN 85-12-30370-0

MALISZEWSKI, M. **Spiritual Dimensions of the Martial Arts**. 1ª Ed. Japão: Charles E. Tuttle Company Inc, 1996. ISBN 0-8048-2048-1.

MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. Educação Física Escolar: Construindo Castelos de Areia. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo; v.5, n. 1/ 2, pg 5-11, jan./dez. 1991.

MENDONÇA, S. Artes Marciais e a dimensão filosófico-educacional. In: **Artes Marciais, Lutas e esportes de combate na perspectiva da Educação Física: reflexões e possibilidades**. 1ª Ed. Paraná (Curitiba): Editora CRV, 2016. 164p. ISBN 978-85-444-0786-8.

MORDENTE, L. **O Livro de Pedra do Ving Tsun**. Brasil, 2005.

MOY YAT VING TSUN MARTIAL INTELLIGENCE. Disponível em: <<http://www.myvt.org>>. Acesso em: 1 out. 2017.

NASCIMENTO, P. R. B. Organização e Trato Pedagógico do Conteúdo de Lutas na Educação Física Escolar. **Motrivivência**, ano XX; n.31, pg 36-49, dez. 2008.

NASCIMENTO, P. R. B; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre; v. 13, n. 3, pg 91-110, set./dez. 2010.

NI, P. **Confucius: The Man and The Way of Gong Fu**. London: Rowman and Littlefield, 2016. ISBN 978-1-4422-5741-2.

NI, P. **Reading Zhongyong as a Gongfu Instruction: Comments on Focusing the Familiar**. Dao: A Journal of Comparative Philosophy. United State of América; v.3, n.2, summer 2004.

NIGEL, S. M. A. **Gongfu, Guoshu and Wushu: State Appropriation of The Martial Arts in Modern China**. Journal of Asia Martial Arts. Pensilvânia; v.6, n.3, 1997.

REID, H; CROUCHER, M. **O Caminho do Guerreiro: O paradoxo das Artes Marciais**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Pensamento - Cultrix Ltda, 1983.

STANLEY, E. H. M. A. **Chinese Boxing: The Internal vs External Schools in the Light of History and Theory**. Journal of Asia Martial Arts. Pensilvânia; v.6, n.3, 1997.

STANLEY, E. H. M. A. **Southern Fists and Northarn Legs: The Geography of Chinese Boxing**. Journal of Asia Martial Arts. Pensilvânia; v.7, n.3, 1998.

STEIN, J. **Art and The Martial Artist..** Journal of Asia Martial Arts. Pensilvânia; v.2, n.3, 1993.

TANI, G. **Leituras em Educação Física: Retratos de uma Jornada**. 1ª Ed. São Paulo: Phorte Editora Ltda, 2011. ISBN 978-85-7655-310-6

TANI, G. Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanente do caos na estrutura acadêmica. **Motus Corpis**, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p. 09-49, 1996.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1ª Ed. São Paulo (Guarulhos): Editora Atlas S.A, 1987. ISBN 85-224-0273-6.

WALLS, Y; WALLS, J. Classical Chinese Myths. Hong Kong: Joint Publishing (HK) Co. LTD, 1984. ISBN 962-04-0329-0

Anexo: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

1. DADOS DO INDIVÍDUO

Nome completo _____

Sexo Masculino
 Feminino

RG _____

Data de nascimento _____

Endereço completo _____

CEP _____

Fone _____

e-mail _____

2. RESPONSÁVEL LEGAL

Nome completo _____

Natureza (grau de parentesco, tutor, curador, etc.) _____

Sexo Masculino
 Feminino

RG _____

Data de nascimento _____

Endereço completo _____

CEP _____

Fone _____

e-mail _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. Título do Projeto de Pesquisa
Arte Marcial Chinesa: Estudo de Caso
2. Pesquisador Responsável
Walter Roberto Correia
3. Cargo/Função
Professor Doutor
4. Avaliação do risco da pesquisa:
 RISCO MÍNIMO RISCO BAIXO RISCO MÉDIO RISCO MAIOR
(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)
5. Duração da Pesquisa
12 meses

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO INDIVÍDUO OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA, DE FORMA CLARA E SIMPLES, CONSIGNANDO:

O presente empreendimento investigativo propõe realizar um estudo de caso da Moy Yat Ving Tsun Martial Intelligence. O objetivo é analisar o papel do movimento humano na transmissão do Ving Tsun a partir da perspectiva de mestres indicados pela referida instituição. Esse investimento pretende ensinar a produção de conhecimentos referentes à área de Pedagogia do

Movimento, especificamente no domínio das artes marciais, bem como fornecer subsídios para o desenvolvimento do sistema Ving Tsun. Para realização da coleta de dados, o método envolverá os seguintes instrumentais: pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas individuais/grupais e observação livre. Em seguida, para a análise do material obtido, será utilizada a técnica de análise de conteúdo. Quanto às condições referentes ao trabalho de campo, será garantido aos sujeitos que participarem da pesquisa que os mesmos não se submeterão a qualquer tipo de desconforto ou risco significativo. As entrevistas serão gravadas com equipamento de áudio e, posteriormente, transcritas de forma literal.

IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:

Será permitido aos participantes acesso, em qualquer momento, aos materiais, procedimentos ou benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas. O mesmo poderá também, conforme seus interesses e direito de escolha, retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto implique em prejuízo a sua pessoa.

Uma vez declarado, por meio do presente termo, o interesse em participar da pesquisa, o participante deverá estar ciente da possibilidade, para fins acadêmicos, de publicação das informações que forem eventualmente fornecidas nas entrevistas.

V - INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.

Telefone para contato: (11) 992441080

VI - OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

Comitê de Ética da EEFE-USP
Escola de Educação Física e Esporte - USP
Av. Prof. Mello Moraes, 65 - Cidade Universitária
CEP: 05508-030 - São Paulo – SP
Telefone (011) 3091-3097
E-mail: cep39@usp.br

VII - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

São Paulo, ____/____/____

assinatura do sujeito da pesquisa
ou responsável legal

assinatura do pesquisador
(carimbo ou nome legível)